

CALIDOSCÓPIO

Gastão Wagner de Sousa Campos
Romance - editora 34 - 1998.

Este livro é dedicado ao meu
pai, Dr. Mauro Campos.
Ele apresentou-me à
literatura aos meus nove anos:
doze volumes da obra infantil
de Monteiro Lobato que eu li
com sofreguidão e furor.

Encolhido na cama Hermógenes Oliveira das Neves Neto sorria enlevado. Dormitava quase desperto, incomodado com urgência de ir ao banheiro. Fingiu distração e urinou pacificado ao mergulhar novamente em sonolência pesada. O calor suave a escorrer-lhe pelas pernas funcionou como poção soporífera. Paz uterina.

Todavia, um gorgolejar insistente no intestino quebrou-lhe o encantamento. Netinho abriu um olho, aborrecido, e contraiu o abdome tentando interromper os espasmos. Com o esforço pesou-lhe a cabeça, emborcara muita pinga para conciliar o sono. Passara quase toda noite em claro, trancado em casa, apavorado ao pensar no que poderia acontecer a Dionísio, seu amigo corria perigo, ele se omitia vergonhosamente e isto o agonizava. Despertar arranhava-lhe cruel o cérebro irritado. Sequer cogitou levantar-se. Preferiu negociar com o corpo descontrolado.

Entretanto, a revolta fisiológica era tormentosa.
Irreconciliável.

Inquieto, deitou-se de bruços e enfiou o travesseiro entre a barriga e o colchão. Em vão. A dor cortante prosseguia e a cama era o paraíso. Impossível abandoná-la. Inútil resistir ao conforto morno do lençol; ademais, o dia seria pesado, difícil. Melhor retardar-lhe a chegada, ao máximo. Com medo da vida e com preguiça de viver Netinho relaxou o fiapo de vontade que armara e cagou-se todo. Dois, três jatos e voltou-lhe a calma. Sem culpa e sem peso na alma sentiu-se feliz flutuando no espaço sideral. Como Flash Gordon em suas viagens de volta à terra.

Ainda viajando em éter escuro incomodou-lhe inclemente um facho quente de luz. Raio de sol o convocava à vigília.

- Merda, Hermógenes. Que vergonha, dormindo a esta hora. Quase uma da tarde. Levante-se, vamos. Merda, rapaz. Mijou de novo na cama?

José Pedro era o filho mais velho. Doze anos e cinco irmãos homens os separavam. O primogênito saíra ao das Neves; gente séria, dura e implacável.

- Meus Deus! Que fedor! Que catíngá - berrou enquanto arrancava as cobertas e sacudia o caçula, segurando-o pelas pernas.

- Mãe, mãe... venha aqui ver o desavergonhado. Cagou na cama... de novo.

Erro! Indicador não definido. Uma cigarra. Não. Bando delas zumbindo. Meio-dia. Chuvisco havia barreado o solo poeirento. Nova Barcelona apagava-se em preguiça domingueira.

Solitário e insone, Divino costurava barbatanas de um velho guarda-chuva avariado. Se a natureza fosse louçã, Divino seria aberração delicada, discreto desvio. Ele era todo sorriso desengonçado. O encanto de quantos tivessem espírito para acompanhá-lo em sua alegria desarrazoada. Quase anão, tinha pernas arqueadas e dentes esparramados ao acaso pela boca torta.

Concentrado no artesanato sequer notava a baba que lhe molhava a camisa branca engomada. A roupa era grande para a estreiteza do seu corpo mirrado, fora fabricada para outra envergadura mais ancha, para ombros habituados às larguezas do comando de terras e de homens.

Artífice autodidata, ele não sabia das sutilezas do seu ofício e o trabalho saía-lhe grosseiro. Ao longo do pano preto enfileiravam-se manchas encardidas de linha grossa, marcas branco-amareladas. Ainda que recuperada, ninguém usaria aquelas sombrinhas. Iriam enriquecer a pilha de cacarecos meticulosamente ordenados em um canto do seu quartinho, sem janelas, no fundo do sobrado azul.

Talvez, em alguma ocasião, ele desfilasse, orgulhoso, sua habilidade para o povo enfeitado para a missa de domingo. Era sua marca registrada, os guarda-chuvas negros, velhos e reconstruídos. Fora descobrindo mil utilidades para aquelas bengalas recobertas de pano. Além das funções mais prosaicas, resguardá-lo do sol ou de tempestades, serviam-lhe também de lança protetora: com a ponta espantava cachorros molestos. Os automáticos, com mola disparadora, eram os melhores. Bastava que apertasse o botão e os agressores fugiam ganindo. Algumas vezes, em raras ocasiões, com o cabo em riste, ameaçava moleques perversos. Nunca chegara a agredir nenhum. Mas prometia vingança quando algum

importuno passava-lhe rasteira ou o empurrava, rindo-se da dificuldade de equilíbrio que seu passo trôpego revelava. Nestas ocasiões, armava caretas que julgava horrendas, emitia uivos que supunha assustadores e partia guarda-chuva em punho para cima dos gozadores. Cuidava sempre, contudo, de segurá-lo pela ponta. Temia, no entusiasmo, ferir qualquer dos perturbadores.

Entretanto, a maior utilidade daquelas sombrinhas escuras estava no seu efeito calmante. Quando irritado, escondia-se no quintal, atrás das bananeiras, e despedaçava com ódio o que antes consertara com infinita paciência. Pacificado, horas depois, recolhia o arame retorcido, os pedaços de pano e se assentava a recompô-los.

Todo domingo, depois do almoço, a cidade dormia. As ruas se esvaziavam. Ninguém se aventurava a enfrentar o mormaço na secura de setembro e, naquela tarde, não se ouvia ruído. Aparentemente, até os rádios estavam desligados. Cerzindo com atenção Divino escutou Zé Pedro ralhando com Netinho. Barulho familiar. Depois, ele ouviu outra rara combinação de ruídos: como em um circo em que a multidão gritasse irada e contente, ao mesmo tempo.

Interrompendo o canto chão monótono que resmungava a meio-tom, ficou desentendido a assuntar a novidade. O alarido crescia, aproximava-se, aproximava-se e Divino se levantou, caminhando lento para a frente do sobrado.

Costume arraigado e antigo no sertão: pear frangos e carregá-los de cabeça para baixo, em fileira, presos a uma vara comprida. Das galinha aos homens havia um salto. Salto que somente acontecia se o desgraçado perdesse estado de humano. Caso daqueles condenados pela oposição e pela situação. Abandonados de tudo e de todos. A altivez humana pagava-se, muita vez, no pau-de-arara. Naquele tempo...

À noite, madrugada quase, no cômodo mais escuro da cadeia municipal, Dionísio experimentava o desconforto de ser tratado como um trapo velho, sujigado à insanidade abúlica de um delegado alcoólatra.

Fora preso ao final do dia, em nome da lei, quando repousava em seu quarto no Hotel dos Viajantes. No sufoco do momento, optara pelo convencimento discursivo e, todo palavroso, tentara argumentar com o doutor delegado sobre sua inocência. Tinha álibis. Estivera de farra durante toda a noite do crime. Netinho o acompanhara, poderiam inquiri-lo, testemunharia a seu favor. O assassinato ocorrera pela manhã, ele soubera, sol nascendo, sete horas, mais ou menos. Nesta mesma hora repousava, dormindo em cama de mulher-dama. Margarida era o nome dela; falso ou verdadeiro, ao certo, não sabia. Mas dona Margarida era encontrável, polaca, loira natural, carnuda, redonda, quase gorda, olhos verdes. Na casa de dona Maria Adelaide. Como? Não existia tal pessoa! Sim, havia, com certeza havia de haver. Bonitona, fornida e risonha.

Nessa lengalenga prosseguiu, durante horas, o interrogatório. Diligência um tanto estranha, é verdade, pois ninguém reparava no que ele respondia. De qualquer modo, o tratavam com suavidade. Coisa leve, retórica rebuscada de um lado, perguntas secas do outro.

Às dez da noite levou as primeiras bordoadas. Bofetadas na orelha, sistemáticas. A cada alegação de inocência, um tapa de mãos abertas em suas orelhas. Zumbido e atordoamento. Quinze alegações e quinze

tabefes depois, zozzo, percebeu quando lhe arrancaram as roupas. No meio do quarto escuro ficou estatelado vestido apenas com sua famosa cueca creme de seda. Aquela peça fizera sucesso fácil entre quantas senhoras de Nova Barcelona ousaram experimentar, sôfregas, a macieza daquele pano e o ardor ereto do seu desejo, infalível, sempre pronto a confortar toda e qualquer madame descontente ou inquieta.

Dionísio era um otimista. Tardava em admitir desgraça. Ademais era extremamente civilizado e jamais desistia do diálogo. Por isso insistia, jurava inocência, até amigo da vítima seria, dependente dele, seu principal empregador, nunca iria matar sua galinha de ovos de ouro, arriscara a piada. Não. O maior respeito. Nunca tocara na senhora dona Ernestina. Jamais, não. Não, não tramaram nada juntos. Nunca. Não era dado à violência. Nem caçar bicho, caçava. Pacífico. Engano, as acusações eram um equívoco. Não tinha culpa no cartório, consciência em paz.

O delegado não lhe ajudava. A mesma cara impassível. Face inexpressiva, imutável e indiferente ao depoimento. Lento, o inquisidor retirou o corrião da cintura e, lept-lept, chicoteou vagaroso o lombo do prisioneiro. Dionísio saiu correndo, descalço, protegendo-se com as mãos. O xilindró era pequeno, sem esconderijo, e os vergões foram desenhando a carne branca do acusado.

Assentado imperturbável em uma cadeira, Cabo Joaquim José vigiava, trinta-e-dois descansando no colo. Olhos zombeteiros e atentos seguindo o bicho que negaceava esquivo. Seu delegado segurou o cinto pela ponta e bateu com o lado da fivela. Fazia mais estrago: minou sangue no rosto, nos braços e nas costas de Dionísio.

Que ele confessasse, bastaria isso e o sofrimento se encerraria. Mas o prisioneiro não se rendia. Insistia enfático com sua inocência. O culpado seria outro, que investigassem, procurassem e encontrariam.

A autoridade cansou-se da correria, faltava-lhe fôlego e seu salário não merecia tamanha dedicação e empenho. Vamos pear o homem, falou no seu jeito frio habitual. Cabo providencie dois andaimes e um pau.

Pelo amor de Deus, implorava o preso enxergando o mundo de ponta-cabeça. Pernas e botinas, mãos e braços pela metade, um delegado meio-tronco. A surra regular não alterou a disposição do homem atado ao madeirame. Alicate no saco do escroto, sentenciou o comissário. Não... não, minha macheza não. Cabo aperte as bolas, belisque a pele, isso, pegue uma de cada vez. Quarenta minutos e a bolsa era inchaço só, imprestável para manipulação. Arranque a unha do pé dele. Primeiro a do dedão, sim.

Urros, inocência, bradava a vítima. Ainda grudada a metade sanguinolenta da primeira unha e Dionísio confirmava educado. Parem, parem, eu assino qualquer coisa. Tragam os papéis que assino. Trouxeram. Declaração já datilografada, sem remendos.

Dionísio Tomasinni admitia haver premeditado com antecipação calculada a morte do senhor Antônio Mariano. Queria apossar-se da herança, acumpliciado com dona Ernestina Tomás de Mariano, adúltera e traidora da confiança do marido, sua cúmplice. Sozinho executara o plano sórdido. Dopara com sonífero a meretriz Margarida de Tal e fugira, de madrugada, do prostíbulo para cometer a cilada. Depois voltara tranqüilo ao quarto, fingindo dormir até as dez horas da manhã. Hermógenes Oliveira das Neves Neto, vulgo Netinho, estava isento de qualquer responsabilidade. Apenas confiara no amigo-da-onça, descuidando-se de perceber a insídia do pérfido companheiro de libação.

Extenuado, Dionísio firmou a declaração sem ao menos dar-se ao desgosto de lê-la. Liberto do pau-de-arara, arriou e caiu dormindo no assoalho sujo.

Felicidade, é quando vai embora que a gente se lembra dela, matutava Dionísio. O povo de Nova Barcelona menoscabava a vida boa que levava. Havia briga, desentendimento e até morte; mas, com certeza, a existência naquela cidade era delicadamente agradável.

As pessoas se visitavam, organizavam festas e quermesses. O tempo, lá, era muito mais largo; suficiente para que trabalhassem, bailassem, namoricassem, fizessem filhos e ainda lhes sobrasse hora para prosa esticada sobre política, moda e quanta fofoca houvesse.

Dionísio regalava-se, e adiava sua partida embora não tivesse projeto estrito de sobrevivência. De algum modo sentia-se protegido entre aquela gente tão sociável, tão amável e tão orgulhosa de suas tradições.

Surpreendia-se, contudo, ao perceber como a maioria desprezava o bem-bom em que viviam. Netinho, por exemplo, Dionísio o descobrira cristal de puro ressentimento. Guardava rancor de tudo e de todos, e estava comumente aborrecido e contrariado. Sempre com ares de tédio. Dionísio o aconselhava:

- Não seja bobo rapaz, isso aqui é o céu. Relaxe e aproveite a vida. Se você tem raiva de fulano ou de sicrano, sei lá, divirta-se com eles. Arme brincadeiras, dê vazão a esse ódio maluco que o intoxica.

Netinho o escutava sem demonstrar concordância, mas anotava as ponderações do amigo com atenção.

Certo dia, Hermógenes Neto convidou o novo companheiro a visitá-lo em sua casa. Aparecesse no sobrado azul às cinco e quinze da tarde. Insistiu na pontualidade, que não se atrasasse senão perderia o espetáculo.

O visitante compareceu na hora aprazada. Assentaram-se em cadeiras de vime no alpendre, fumaram e aguardaram o que Dionísio não atinava antecipar.

Exatamente às cinco e trinta apareceu na esquina o professor Evilásio Correa, diretor do Colégio Augusto Comte. Cabeça descoberta, ele caminhava solene como um bispo paramentado. O sobrado fora construído no cimo de uma ladeira íngreme e o mestre aproximava-se bufando, sufocado dentro de um terno de casimira azul-marinho. Tinha cabelos grisalhos. Era gorducho, baixinho e muito formal. Por sua severidade rigorosa era temido e odiado por toda a juventude de Nova Barcelona.

Netinho explicou: - Lá vem o velho Evilásio, eu o detesto. Expulsou-me no último ano, quatro meses antes da minha formatura, sem razão, sem motivo justo.

Dionísio apenas arqueou as sobranceiras e Netinho acrescentou enfático:

- Juro, uma bobagem, me pegaram dando uma esfrega em uma das serventes. Dentro do banheiro, ela quis, me provocou o dia inteiro. Mas uma desgraçada de uma professora me denunciou. A maldita entrou no reservado masculino e foi correndo enredar na diretoria, me lasquei todo. Foi um escândalo, por uma bobagem. Observe o que armei, seguindo seu conselho.

Com a precisão de um mecanismo, todo dia, mestre Evilásio encerrava seu expediente às cinco horas, organizava papéis, arrumava gavetas, fechava as portas do ginásio e descia para sua casa, detendo-se antes, no caminho, para um dedo de prosa com Seu Hermógenes das Neves Filho, o velho pai de Netinho.

Hierático, ele parava no portão, debruçava-se sobre a grade de metal do jardim do sobrado e palestrava quinze minutos com o amigo. Chovesse ou fizesse sol, a cena repetia-se com se fora lei natural.

Naquela tarde, chovia garoa rala e o diretor caminhava debaixo de um imenso guarda-chuva negro.

Netinho fumava tragando sorvos ávidos como se aquele fosse o último fumo do mundo. Movimentava as pernas impaciente e sorria tão mais sardônico quanto mais o espectro escuro se aproximava do sobrado.

Dentro do previsível, seu Hermógenes Filho saiu de dentro da casa, saudou Dionísio com desconfiança, atravessou o alpendre e se deteve no pórtico à espera do interlocutor.

Netinho se derretia de prazer, visivelmente.

Os dois senhores saudaram-se à distância:

- Vamos entrar um pouco, passar ao escritório, chove hoje - pontificou obsequioso o dono da casa.

- Muito bem, pois não - respondeu seu Evilásio estendendo a mão para abrir o portão de ferro, um pouco mais alto que a grade que cercava o sobrado. Para liberar-se prendera a pasta sobre o sovaco direito e com a mão esquerda segurava o cabo do guarda-chuva.

Mal tocou no portão e foi sacudido por convulsão irreprimível, lançando pasta e sombrinha no meio da enxurrada. Aos berros, tentava desesperado desprender-se do ferro. Quando conseguiu projetou-se de costas, caindo de bunda na lama que se formara na calçada de terra batida.

Seu Hermógenes Filho desceu afobado. Imaginara um ataque apoplético. Derrame, enfarte, uma desgraça. Netinho nem se moveu da poltrona, apenas puxou discreto um fio estendido por fora da mureta do alpendre.

Do chão, o pobre velho resmungava:

- Choque, seu Hermógenes. Que choque, meu Deus!

Netinho conectara corrente elétrica à calha de zinco que terminava apoiada na cerca metálica, preparando armadilha para seu desafeto. Meticuloso, mantivera o pedaço de fio recoberto ao seu alcance. De forma que quando o pai abriu o portão, o mecanismo já fora desligado.

Mais tarde, Dionísio o repreendeu escandalizado:

- Hermógenes Neto, você poderia ter matado o homem. Ligou a corrente direto!

- Que nada, a rede aqui é de 110 voltes e zinco é um mau condutor, a água da chuva ajudou um pouco, é verdade. Foi um castigo, um susto para o velhaco.

- Nossa Senhora, e se o professor tivesse um ataque e empacotasse. Seria assassinato, você enlouqueceu!

- Que nada, ele não morreu, morreu? Foi engraçado, o idiota todo pomposo berrando como um negro no tronco, e o pulo que deu, até largou a bendita pasta, ele nunca solta aquilo, guarda suas poesias de merda ali dentro. Segui seu conselho, resolvi me divertir.

Dionísio ainda ponderou: - Não... não foi bem isso o que lhe sugeri.

Divino caminhava com pachorra, gingando o eixo da coluna em movimentos improváveis.

Contornou o sobrado por fora. Rente ao muro, escorregou no lodo, tapete esverdeado e traiçoeiro, e praguejou:

- Esconjuro o cujo que me empurrou!

Saltou o rego estreito de águas servidas da cozinha, afastou galhos de uma goiabeira e destravou a tramela do portão de madeira, caixotes que ele mesmo pregara em improviso rudimentar.

A gritaria tomara vulto. Do jardim avistou multidão compacta. Cortejo masculino. Homens aos berros, armados. Cavaleiros circunvagando em cavalos ariscos, alguns. Mulheres, nenhuma à vista. Homens ajaezados para guerra. Carabinas, facas, cinturões cobertos de bala, alguém empunhando um ferrão, corda, todos rodeando um homem que cambaleava bêbado no meio da rua.

Divino era zarolho. Quando se emocionava via as coisas em duplo: imagens sobrepostas, a primeira borrada e a segunda mais nítida. Enxergou bocas escancaradas, braços, facões, revólveres e espingardas. Pertinho dele, distinguiu vermelho no aço das facas. Sacudiu a cabeça para corrigir o foco. Às vezes funcionava o expediente e a realidade fantástica se recompunha normal. Mas desta feita não havia erro no enquadramento: sangue na lâmina, era o que realmente enxergava.

- Ih! Ih! - resmungou assustado, recuando.

Voltando sobre os próprios passos, avistou seu maior desafeto. Em cima da calçada do sobrado azul, João Louco contorcia-se em contrações históricas. Somente, então, ele compreendeu tudo.

Divino julgava João Louco doido e inconveniente, e os dois cultivavam convicta antipatia mútua. Nunca se cumprimentavam; viravam o rosto quando, por acaso, se cruzavam pelas ruas de Nova Barcelona. Com certeza, pensava Divino, o louco recebera castigo merecido.

Intrrometido e exibido como era, fora esfaqueado pelos homens que pareciam bailar de tão contentes.

A calçada de terra era mais alta que o calçamento de paralelepípedo da rua. Divino aproximou-se de João, cuidando em manter-se distante da turba irada.

A suposta vítima sacudia a cabeça como um boneco desengonçado. Revirava os olhos escondendo as íris e escancarando estranhos globos brancos destacados do negro escuro e uniforme de sua pele. Em desespero, João cruzava os braços sobre o corpo longilíneo na tentativa de abraçar-se a si mesmo. Logo depois, riu insensato, exatamente no tom que antecipava um de seus costumeiros cinco minutos de descontrolo.

Aborrecido, Divino reconheceu o engano e fugiu espavorido para dentro do sobrado azul: João estava apenas fingindo uma de suas crises lunáticas.

A Rede Ferroviária Federal era um canal por onde escorria modernidade para Goiás.

A moda chegava ao interior pelo cinema. Hollywood ditava a ondulação dos cabelos femininos. Homens jogavam chapéus e bengalas fora, traços avoengos; as mulheres metiam-se em longas saias justas, apertavam cinturas de vespa, cobriam as pernas com meias transparentes e metiam os pés em sapatos envernizados de bico fino. Caminhavam delicadamente, naturalmente obrigadas pelos saltos altos e pelos vestidos colados rente ao corpo que deveria colear felino. Imagem de víbora construía-se, quase. Algumas brasileiras exageravam nos requebros, ousando realçar o quadril para muito além da conveniência norte-americana. Era o progresso chegando.

Se o imaginário dessa gente moldava-se pelo cinema, pelos trilhos da Rede ele adquiria materialidade. Eram viajantes do Rio ou de São Paulo que esnobavam costumes novos. Revistas com fotos de modelos e com figurinos didáticos do estilo corte-costure-e-faça-você-mesmo. Pelo trem-de-ferro aportavam tecidos, jóias, produtos de toucador, tudo, enfim, produzido pela indústria recém-desafogada do esforço bélico.

Também pelo leito da ferrovia insinuavam-se comportamentos mais livres. Costumes cosmopolitas, bem mais faceiros, hedonistas e, sobretudo, menos hipócritas contrapunham-se à rigidez do modo de ser de Nova Barcelona. O tradicionalismo conservador do catolicismo espanhol havia dominado a região durante séculos. A gaiatice carioca e o modernismo desenvolvimentista de São Paulo trocavam armas com o passado colonial, tentando desbancá-lo.

Baile, cinema, passeio pelo jardim público ou pela estação de trem, quase tudo era pretexto para o povo mostrar-se em desfile de elegância. Engalanar-se e flunar eram as principais diversões para quantos ansiassem escapar ao abafamento da convivência familiar daquele tempo.

Às sete e vinte e cinco da noite, em dias alternados, passava por Nova Barcelona o expresso São Paulo-Goiânia. O comboio luxuoso atraía a curiosidade geral. Vagões de primeira classe, cabinas leito, restaurante e locomotiva estilizada. Dezenas de pessoas vinham espiar o movimento.

Durante meia-hora, a plataforma e os dois bares da estação viviam ar mundano. Habitantes locais misturavam-se a viajantes e aquilo parecia pura agitação parisiense. Vários noivados armaram-se naqueles intervalos intensos. Filhas de fazendeiros fisgavam imigrantes italianos; professorinhas atraíam vendedores desenraizados que depois voltavam presos a frêmitos entrevistados em namoros relâmpagos.

Certa noite, desembarcou do noturno um paulistano elegante. Viajava no primeira-classe. Uma gabardina creme protegia seu terno de linho branco da fuligem da Maria-Fumaça. Estaria de passagem, tinha bilhete para a capital do estado. Apeou para esticar as pernas, porém impressionou-se com a agitação e com a graça carnal das moças: cabeleiras negras, pernas longas, silhuetas delgadas, ancas e seios opulentos e, mais impressionante que tudo, certa desfaçatez brejeira que insinuava promessas. O rapaz anteviu conquistas. Imaginou-as vulneráveis, as mulheres daquele lugar; sensíveis à lábia dele, com certeza, bem mais sofisticada do que a dos goianos machistas e grosseiros daquele lugarejo.

Quebrou a aba do chapéu de feltro sobre o olho esquerdo, abriu o sobretudo em gesto largo, cinematográfico, e escutou "ohs" admirados. Reconheceu olhares que o perseguiram. Descobriu a cabeça, afagando os cabelos em encenação estudada e, desinibido, saudou algumas senhoritas mais próximas, que lhe responderam, todas, desmanchando-se em sorrisos simpáticos.

Inebriado pela amostra promissora, alterou incontinenti seu trajeto. Voltou correndo ao vagão, pegou suas malas e saiu para hospedar-se no melhor hotel daquela cidade da qual conhecia apenas o nome.

Dionísio saltou contente, pisando seguro no solo daquela cidade que o acolhia com tamanho sensualismo.

Cerrado encoberto. Clima raro. Naquele dia havia névoa e garoa. Tempo cinza, mas Antônio Mariano apreciava dias assim. Sentia-se leve, liberto. O peito inchado de contentamento ao ver seu capim, suas lavouras, suas árvores, seu gado, tudo lavado e recriado de novo. Reconhecia a cumplicidade divina: Deus ajudava-o a conservar domínio sobre suas terras. Alegrava-se sinceramente com qualquer chuvisco.

Preferia sair à cavalo nestas ocasiões. Cobrir-se com chapéu e capa de feltro e, aconchegado, zanzar pelos grotões. Naquela madrugada disciplinou o prazer; o dever lhe impunha viajar até a cidade. Aboletou-se na caminhonete verde, novinha em folha. Aspirou o cheiro do carro novo e sentiu-se mais reconfortado. Assumira compromisso ingrato. Reunir-se com os dois filhos para negociar herança.

Nascidos do seu primeiro casamento, encresparam-se contra ele depois que resolvera escolher Ernestina Tomás para sua segunda esposa. Desconfiavam do enrabichamento que o tomara desde quando a conhecera.

Ao manobrar a caminhonete, molestou-lhe a coluna emperrada. Recordou-se da idade, da velhice e se lembrou de uma peça de teatro que assistira. A história amargara-lhe a vida. Não encontrava meio de esquecê-la.

Alunos do ginásio montaram o drama em um fim-de-semana em que não houve filme. O Cine Real estivera cheio. A princípio, ele não aprovara o convite insistente da noiva. Ela queria, porque queria, assistir à encenação. Em geral, a baboseira romântica das novelas provocava-lhe sono. Mas queria agradar Ernestina. No entanto, dessa vez, viu a peça extasiado; imóvel durante os três atos. Descobriu profecia saindo da boca dos jovens atores. Sangue contra o próprio sangue: a guerra dos filhos contra o pai debilitado e velho. Um tal de rei Leal. Idiota. Ernestina dormiu descansada em seu ombro metade do espetáculo. Apaziguada. Desconhecia os perigos habituais da vida.

Depois do teatro perdeu a paciência com que a vinha cortejando e a possuiu por primeira vez, quinze dias antes da cerimônia oficial de matrimônio. Uma raiva premonitória o obrigou à violência do exercício do seu império. Deflorada a mulher, sentiu-se novamente seguro dos seus domínios. Ernestina não tugiou nem mugiu. Submissa, conforme conviria.

Ernestina das canelas grossas, quase da mesma largura que a de suas coxas. Da porta, de camisola branca, ela recomendava que ele se cuidasse. A chuva mole fazia lama, atoleiros, que dirigisse devagar e que não brigasse com os meninos. Ela não precisava de mais nada, tinha a ele, o velho Mariano era dela. Cedesse mais terra aos rapazes, quem sabe com isso a família se reaproximasse de novo.

Ernestina era boa, dócil e acedia a suas vontades. Às vezes, ela até as descobria antes mesmo dele reconhecê-las como seus desejos próprios. Trinta e quatro anos entre eles: era muito. Ele queria sossego e ela movimento. Agitação e festança, coisas inexistentes na fazenda. Sexo, antes de conhecê-la passara cinco anos esquecido do assunto. Uma vez, tentara aliviar-se com mulher-dama. Mas se arrependera depois, o treco não funcionou e ele passou vergonha de homem. Quando descobriu Ernestina a sua cinza voltara a alumiar brasa e mal pôde esperar o tempo apropriado de namoro e noivado conforme costume de mulher honesta, como ele queria que Ernestina fosse.

Dentro do carro acenou despedida e se lembrou: dois anos de casados e já não podia dormir com a mulher mais do que uma vez por semana, quando muito. O cansaço o derreava apesar do amor. Cinema, bailes e festas foram também rareando. A despeito da insistência dela tinha enorme preguiça em viajar até Nova Barcelona somente por diversão. Já estava obrigado a viver em bancos, atrás de negócios que nunca se acabavam, zanzando atrás de gado de invernada em invernada... não, mas reconhecia o descuido.

Havia ainda Dionísio, amigo do peito. Substituto oportuno dos filhos que se afastavam rancorosos, cheios de cobiça. Dionísio era terno, e o admirava desinteressado. Notava-se brilho respeitoso e sincero

nos olhos do rapaz toda vez em que ele o via praticando manhas de negociador experiente. Dionísio era inteligente, alegre e falador. Para ele não havia tempo ruim, sempre de bom humor. Tanto que virou conviva habitual do Riacho Fundo, entrava e saía quando quisesse. O moço não só os divertia, a ele e a mulher, como o ajudava nos negócios. Dionísio entendia de contabilidade, juros e sabia lidar com bancos como ninguém em Nova Barcelona. Em um ano de parceria havia aprendido a ganhar dinheiro de uma nova maneira, sem trabalhar, apenas conhecendo modo de investi-lo, bastava seguir os passos da maioria dos milionários de São Paulo, e ganhava-se sempre, seguro. É verdade que o estrangeiro também lucrara muito com a sociedade. Comprara casa no comércio, no centro, perto do jardim, estabelecera-se.

Ernestina se engraçara com ele, mais do que o conveniente trivial. Havia perigo, seu Antônio Mariano percebia a jogação de confete, Dionísio era sedutor, qualidade até agradável desde que exercida longe de Ernestina.

Dar o braço a torcer: depois de Dionísio a mulher dera para sorrir no diário comum da lida, sem razão clara de porquê. O véu tristonho que habitualmente lhe escurecia o rosto sumira, desaparecera. Milagre, ela ficara mais atenciosa no cuidado com o marido. Zelava todo tempo como se ele fosse um menino. Menino não, como se fosse o velho pai bondoso dela. Velho, pensou Mariano engatando primeira ao perceber uma árvore caída no meio da estrada. A galharia tapava metade do mata-burro bem na divisa de suas terras com o mundo.

Desceu da camioneta para desimpedir o caminho. Já com o pé na lama mole lhe relampejou perturbação esperta: chuva mansa sem vento derrubaria árvore pequena qualquer?

Tocaia, pensou tarde.

Hermógenes Oliveira das Neves Neto, o Netinho, estaria pelos dezenove anos. Interrompera os estudos no último ano, expulso por indisciplina. Fora também reprovado por faltas, não conseguia levantar-se cedo e as aulas eram de manhã. Desistira da escola. Tampouco encontrara profissão que lhe aprovesse. O velho Hermógenes Filho, seu pai, insistia com encargos no banco:

- Começar por baixo, como contínuo, e ir fazendo carreira - repetia solene a cada almoço que Netinho nunca comparecia por estar ainda enfiado na cama.

Gastava os dias dormindo e as noites educando-se no bilhar Taco de Ouro ou nos puteiros esparramados pela periferia da cidade.

Todos o queriam muito. Era um doce de criatura: afável, maneiroso e prestativo. Sedutor compulsório, encantava automaticamente quantos cruzassem seu estreito círculo de convivência. O quanto tinha de charme instantâneo, tinha de inconstância em seus afetos. Esquecia-se facilmente dos exageros emotivos que cometia espontaneamente nas mais diferentes situações. Crianças, mulheres e loucos de Nova Barcelona o adoravam. Era reprovado pelos adultos circunspectos, mas desfrutava de boa reputação entre os malandros.

Pálido, raramente saía de casa com o sol ainda a pino. Poderia ser classificado de belo com suas sobrancelhas e cabeleira marcadamente escurecidas, e com o castanho aguado de seus olhos melosos e insinuantes. Despertava arrepios nas moças, provocando-lhes desejos de mimá-lo e de cuidá-lo com a máxima proteção.

Sempre que João Louco o encontrava acontecia um ritual que enfunava a vaidade de Netinho. O negro magro e espevitado aproximava-se dele com ares de verdadeiro espanto, encostava o rosto próximo ao do rapaz e tascava-lhe a mesma pergunta:

- Netinho, você é o Tyrone Power, não? Voltará quando a Hollywood? - para João, o galã-mor da cidade era ele.

Seu pai cortara-lhe a mesada. Vivia duro, sem tostão. Atenuava a miséria depenando quantos otários se atrevessem a apostar na sinuca contra ele. Sua fama de jogador exímio se espalhara entre os locais e, raramente, conseguia algum adversário. Felizmente, havia os vendedores, viajantes entediados na imensidão das noites de quando não havia ainda televisão.

Certa noite, não aparecera ainda nenhum paulista para ser depenado. Fazia-se tarde e Netinho impacientava-se brincando sozinho com as bolas de marfim na mesa central do Taco de Ouro. Os de São Paulo eram suas vítimas prediletas: o que arrostavam de arrogância, carregavam de inabilidade. Com os cariocas era necessário maior cautela: fingiam modéstia, para depois endurecer. Estava nessa tristeza da falta de dinheiro quando entrou um paulistano acariocado. O sotaque era italianado, mas nos gestos havia empáfia e soltura dos praianos. Mistério, Netinho não concluía a rápida avaliação a que se habituara antes de eleger um pato.

Terno de linho branco, gravata vermelho-sangue, chapéu tirolês com peninha do lado e toda malevolência do mundo. Dionísio saudou a todos e pediu uma branquinha da terra. Gentil, ofereceu um trago aos presentes. Os circundantes recusaram polidos, com a cabeça. Cachaça na mão, circulou pelas mesas e deteve-se diante de Netinho, estátua dependurada no taco.

- E aí, parceiro! Que tal uma partidinha. Apresento-me: Dionísio dos Reis Tomasinni.

Netinho estendeu-lhe uma mão mole e assustou-se com a energia com que o outro sacudiu entusiasmado a sua.

- Então... sua graça?

- Hermógenes Neto.

- Bom, senhor Hermógenes, jogamos, para dar emoção, casamos aí uns trocados, tudo bem?

- Quanto?

- Coisa pouca, não sou de apostar. Escrúpulos, o vício, não é fácil controlar-se. Cem cruzeiros.

Valia o risco. Perdendo, era quase nada, trocados, pensou Netinho.

- De acordo.

- Então, depositemos o dinheiro aqui com o senhor... sua graça? - perguntou o visitante ao dono do bar.

- Odilon.

- Muito bem, aqui estão meus cem.

- Seu Odilon o senhor me cobriria. Sai desprevenido de casa, hoje.

Antes da anuência do comerciante, Dionísio interveio conciliador.

- Não incomodemos o proprietário. Sou contador e trago sempre notas promissórias comigo. O senhor assinaria uma, confio em sua palavra de cavalheiro.

- Sim, sempre honro minha dívidas. Mas como não nos conhecemos prefiro que o seu Odilon...

- De jeito nenhum, já conheço o senhor seu pai. Fazendeiro, homem de respeito, o senhor pode assinar o título, é dinheiro pequeno, somente pra evitar constrangimento, confio no nome da sua família.

O estranho jogava bem, mas cometia erros capitais. Netinho, aproveitando-se destas falhas, ganhou duas, três vezes. A cada rodada dobravam, triplicavam o valor da aposta. Netinho sugeria e Dionísio aceitava nervoso. Visivelmente perturbado, cometia erros quando quase estava pareado com Netinho. Na quinta partida formara-se uma roda de desocupados em torno dos jogadores. Desta feita, Dionísio quase venceu, perdeu por um único lance de diferença.

Inconformado, tirou o paletó, desculpando-se com os presentes pela liberalidade: que compreendessem as circunstâncias, estava perdendo muito dinheiro e implorava uma desforra.

Netinho aceitou fingindo indecisão. Ainda não fora obrigado ao seu melhor desempenho e escondia habilidades reservadas para o caso de rolar dinheiro de verdade.

- Bem, e se agora apostássemos pra valer - sugeriu Netinho aparentando indecisão. - Preciso ir embora, está ficando tarde. Tudo que casamos até agora, dobrado. O senhor toparia?

- Não sei, é muito. Se perco estarei obrigado a viver aqui pra sempre. Não me sobrará nem pra passagem de volta. Não sei, o senhor assinaria outra promissória,

jeito de cobrir a metade que falta. O dinheiro que perdi mais uma promissória, vá lá.

Dionísio desta feita não errou. Bateu Netinho com folga. No silêncio que se seguiu ao final do jogo ouvia-se apenas Dionísio ataviando-se elegante e cachorros latindo longe. Bem humorado, bateu amistoso na costas do rapaz perplexo e lhe disse apaziguador:

- Não esquite a cabeça, confio no senhor. Quero ser seu amigo, e agora tenho como provar-lhe minha amizade. A dívida, o senhor a pagará quando puder, da forma que melhor lhe aprouver, sem atropelos. Faça questão. Ofereço-lhe uma cerveja.

Pegou o dinheiro com o balconista, dobrou a promissória com sistema, guardou-a na carteira e abraçou Netinho:

- Tenho uma idéia melhor, vamos cair na farra, tudo por minha conta. O senhor me servirá de guia, vamos descobrir o que houver de melhor nessa cidade.

Terminaram a madrugada no puteiro mais luxuoso, o visitante saldando todas as despesas do novo amigo.

- Uma flor que feneceu antes da florescência - pensou Dionísio logo na primeira vez que avistou Alba.

- Fruta suculenta, mas sem viço, meio emurchecida. Quem sabe, eu não conseguiria reflorir esse rosto recoberto de maquiagem. Quantos anos teria? - cismava o estrangeiro estimulado pelo desafio que já se lhe impunha.

- Não mais do que vinte e poucos. Porém é neurastênica. Sobrará para titia caso algum príncipe não a resgate, rapidamente, do atoleiro em que se meteu - concluía, já elaborando um plano para abordá-la.

Alba era sobrinha de Netinho. Primogênita do seu irmão advogado: Zé Pedro.

- Mais nova do que eu e já tão maltratada pela vida. Mas tem lá sua graça, pernas roliças, ancas largas, peitos redondos e se lavasse o rosto com sabão, soltasse os cabelos, desfizesse essas caretas, esse jeito enviesado de olhar, quem sabe seria muito bela? - calculava Dionísio.

Naquele exato instante, ele resolveu agradá-la. Diversos motivos obscuros o espicaçavam àquela aventura. Cálculo cuidadoso: planejara aproximar-se da família das Neves. Conseguira unir-se a Netinho, fora fácil. Deveria agora acercar-se dos dois chefes: do filho José Pedro e do pai, seu Hermógenes Filho. Por outro lado, haveria também prazer naquela jogada: Alba era suculenta e distante; e, a ele, lhe encantavam os reptos complicados. Por último, coruscou-lhe idéia maluca: sua mãe teria se parecido com aquela princesa, caso houvesse resistido ao parto e às grosserias do velho Tomasinni, seu pai.

Ninguém em Nova Barcelona soubera lidar com aquela mulher. Educada como primeira neta, fora perdendo privilégios à medida que nasceram seus irmãos machos; em conseqüência, com o tempo, brotara-lhe um ressentimento sem fim e ela se transformou em pessoa agressiva,

orgulhosa e pronta a confrontar-se com quantos cruzassem distraídos o caminho dos seus caprichos.

A sua irritabilidade exasperada não lhe restituiu as prerrogativas de soberana e ela, perdidos os direitos à distinção, passou a viver a maior parte do tempo trancada em casa, saindo apenas para comprar toneladas de roupas ou de enfeites.

Alba das Neves era seu nome verdadeiro. Princesa fora apelido grandiloquente que o pai lhe pesegara vaidoso e que lhe grudara na pele como doença incurável.

- Senhorita Alba das Neves me daria a honra de acompanhar-me ao cinema hoje. Estarão levando uma história de amor, com Glenn Ford e Rita Hayworth.

- O quê? - contestou-lhe desentendida Alba, cruzando olhar raivoso com Netinho mais desentendido ainda ante a inesperada iniciativa do amigo.

Netinho temia a sobrinha. Ela implicava insistentemente com a vida desregrada dele e o denunciava em público sempre que encontrava ocasião propícia. Em defesa, ele adotara o hábito de ignorá-la e de evitá-la sempre que possível.

- Brincadeira, Dionísio brincava com fogo. Melhor não cutucar a fera. Depois Zé Pedro o culparia, não o perdoaria. Ele não gostava de homens rondando a filha. Desconfiava de quantos se acercassem da Princesa. Ninguém se casaria mais com aquela parenta bruaca, já idosa, quase titia balzaquiana - pensava inquieto o titio.

- O quê! - repetiu Alba estonteada, desta feita exigindo que o tio respondesse pelo atrevimento do outro.

- Não, Dionísio. Melhor a gente ir andando, senão perderemos a sessão. Alba não costuma ir ao cinema.

E quase acrescentou: - é complexada, tem vergonha de si mesma -, mas se conteve a tempo.

- Não, Netinho. Hoje não vou contigo ao cinema. Estou convidando a senhorita Alba. Filme, Gilda, vai-e-vem e confeitaria. Ficaria muito honrado, se aceitasse meu convite.

Desconfiada, Alba tardou a responder-lhe:

- Não... não tenho roupa apropriada e, ademais, iria incomodá-lo.

- Incômodo nenhum. Ao contrário. Ficaria muito orgulhoso se a senhorita me acompanhasse. Sinto falta de prostrar com pessoas cultivadas, e depois você já está vendendo elegância. Mais charmosa que todas as moças de Nova Barcelona juntas. Por favor, se não lhe desagradar, aceite minha companhia.

A Princesa tremia indecisões. Aquele rapaz de São Paulo queria agarrá-la, beijar-lhe a boca, tocar-lhe os seios, no escuro do cinema ou da praça ou do caminho de volta. Por outro lado, o gostinho de passear de braço dado com aquela galã, bem na fuça daquele povo que sempre cochichava horrores quando ela passava. Fofocavam, comentavam, ela estaria desenganada, nunca se casaria, neurastênica, diziam... pensavam.

- Bem... se não atrapalho, aceito. Em dois minutos me arrumo e...

- Não, Alba. Você está muito bem, quase artista de cinema. Vamos assim mesmo, estamos atrasados.

A mulher trajava vestido branco e o tecido mole moldava-lhe as carnes rijas. O decote generoso abria-se em volumosos seios salpicados de sinais dourados. De braço dado com Dionísio, Alba soltou sorriso e a carranca que costumava armar com estudo dissolveu-se em traços quase suaves.

Dionísio tomou-lhe a cintura com a infinita candura de alguém que transportasse carga delicada de penas de um pássaro encantado do paraíso.

Todo o tempo esteve a ciciar-lhe amenidades sobre lugares distantes. Adotara estratégia de lhe servir de ponte por onde ela escapasse da família e da cidade que a sufocavam. Faria qualquer coisa para agradá-la e nunca, nunca, se atreveria a ofendê-la. Ele se imbuíra da missão de salvá-la, queria este feito inscrito em suas memórias. O desejo que sentia por ela se sublimara em cuidado, em proteção contra um mundo insano e agressivo que a ameaçava.

Encontraram o corpo de borco; cara enfiada na lama. Um vizinho passava rumo a cidade e se chegou desconfiado. Confirmou o óbito e fugiu correndo. Foi buscar o delegado. Tiro único, certo, no meio da testa, pouco acima do nariz.

- Certeza de que é Seu Antônio Mariano?

- Absoluta, a caminhonete dele estava funcionando, com o motor ligado. Corpo quente, pouco sangue, um buraquinho à-toa.

Droga, cismava o delegado. Complicação da grossa. Melhor consultar o prefeito antes de agir. Mais prudente.

- O senhor não alterou a cena do crime, mexeu em alguma coisa?

- Lógico, né? Verifiquei se o homem precisava de socorro, mas estava mortinho da silva. Virei o defunto de rosto pra cima e lhe tomei o pulso. Nada, então lhe escutei o coração. Parado. Daí, desliguei o motor.

- E...

- Sim, abri a porta, segurei na maçaneta... sim senhor, na chave e na direção da caminhonete... Não, nem pensei em digitais. Queria ajudar o homem, e quem iria deixar um carro aberto, prontinho pra ser roubado. Curioso, parece que não foi ladroagem o motivo da emboscada. A chave na ignição, pasta com documentos e dinheiro abandonada em cima do banco, eu averigüei seu delegado, tive que averiguar.

A telefonista não conseguiu localizar Seu Nhonhô Alencar de Castro. Não estava em casa nem na prefeitura. Certamente, na casa da amante, mas havia determinação explícita para que ninguém procurasse o prefeito ali. Jamais, mesmo que o mundo viesse abaixo. Agir sem cobertura política nesse caso seria muito arriscado. Juntara muita gente na porta da cadeia. A notícia correria. A boca do povo responsabilizava os filhos pelo assassinato do pai.

Antônio Mariano Filho, o Toninho, boquejara a semana inteira contra a madastra e o pai. Bêbado, prometera impedir a qualquer custo o desatino do pai caduco. Dividir a fortuna deles com a aventureira, nunca. Insinuara vingança. Bravatas desatinadas que ele esparramara por todo canto.

O irmão Mariano Antônio, o Marianinho, era muito mais frio e discreto. Mas acompanhara o irmão sem desdizê-lo, sem desmenti-lo. Ninguém simpatizava com ele, era arrogante e duro. Violento, com reações imprevisíveis. Uma vez quebrara sistemático todos os móveis de um puteiro somente porque sua rameira predileta não o esperara indo para cama com outro freguês.

Em outra ocasião, sem nenhum motivo aparente, chegara na zona esbofeteando quanto mulher encontrasse. Espancou mais de dez putas e ninguém se animou a impedi-lo. Tomara cachaça além da conta e brandia um trinta e oito niquelado na fuça de quantos se aproximassem para dissuadi-lo do massacre que perpetrava. Quebrou costelas e narizes, provocou equimoses e inchaços, e sequer foi processado. Nem inquérito foi instaurado, as vítimas sequer apresentaram queixa. O fazendeiro sinistro seguia impune, porém o povo não gostava dele.

Murmurava-se contra os irmãos. Qualquer deles seria bem capaz de contratar um jagunço para matar o pai. O velho se derretia pela Ernestina. Estava contente. Em demanda com os filhos. Eles queriam assumir o comando das três fazendas, mas o velho não largava o osso. Receavam, acima de tudo, que o pai mudasse o testamento, que incluísse a intrusa em partilhas desequilibradas.

A menina nascera cor-de-rosa, a pele. Com o tempo, os olhos se firmaram azuis. O cabelo, castanho-amarelado com cachos nas pontas. Chamaram-lhe Alba da Neves.

Era o encanto da família, mas desfrutou pouco do privilégio. Tímida, gozava a admiração que provocava quietinha no seu canto de boneca. Frágil e de porcelana. Sisuda, era incapaz de demonstrar seus sentimentos até mesmo quando lhe faziam tremer cada músculo do seu corpinho delicado e morno.

A mãe lhe cozia vestidos rodados de organdi. Brancos, amarelos, todos claros e vaporosos e ainda lhe enfiava na cabeça uma tiara ornada com arranjos florais, sob qualquer pretexto, qualquer motivo e a vestiam de princesa: missa, festa, visita a parentes, por nada e ela ficava lá, criatura armada como noiva ou rainha, criança sendo. Dura e tesa no seu esplendor dourado.

Certo dia uma tia ociosa lhe perguntou descuidada:

- E a nenê, quando crescer vai ser o quê?

- Princesa. Quero ser princesa.

Tão-somente rainha queria a menininha ser considerada e amada como.

Mas os anos passaram, vieram outros irmãos e a vida seguiu normal, dura de desatenções e a corte não honrou os compromissos prometidos em distraídos gestos para todos menos para a tristonha pequenina que levou tudo aquilo muito mais a sério do que era realmente para valer, já que não eram verdadeiros os cortejos, muito mais simples lisonja e agrados familiares auto-referentes.

Ninguém, nem decapitou a realeza, nem atendeu aos preceitos exigidos pela etiqueta inventada pelos próprios aduladores que, com a lida diária, foram todos tratar de assuntos mais prementes, deixando a pobre sozinha no seu abandono.

Assim foi.

O pai, advogado renomado, filho e neto de coronéis-fazendeiros e, portanto, angustiado com a glória de sua dinastia, tratou de defendê-la - à glória, e não à criança -, zelando cuidadoso pelo próprio sucesso, em primeira instância, e, para maior realização, dele mesmo, aprendera a diminuir o tamanho e o mérito dos outros, com o que engrandecia, sempre mais, a grandeza exclusiva dele.

Vício grudento, essa mania acabou impondo-lhe jeito peculiar de ser: criticava para obscurecer evidências que teimavam em expor o homem comum que realmente era.

Este tiroteio atingiu a criança. O pai não se aproximava dela sem apontar algum defeito. Pequeno e corrigível. Sempre, ele só falava de falhas; indicava para corrigir, buscava a perfeição, colocando o dedo pesado em quanta ferida imaginasse quebrando a pureza aristocrática que esperava encontrar em tudo que fosse propriedade dele. Em tudo e sempre, numa repetição monótona e regular. A obsessão pela harmonia: dentro o amor e a guerra, juntos.

Dr. José Pedro, o pai, querendo demasiado, não mediu a dose de reprimenda à filha; e ela, acostumada à estática dos soberanos eternamente parados em seus tronos, não soube reagir ou não quis fugir: ficou ali estatelada.

As críticas eram banais e vulgares, porém concretas como o cotidiano. No fundamental, o comportamento da filha agradava: cumpria obrigações, era respeitosa com os mais velhos e demonstrava orgulho por pertencer à casta de entes superiores que seriam eles mesmos.

A mãe somente tratou de aperfeiçoar o trabalho sistemático do pai. Nunca interpôs obstáculo, apenas remendou o feito com descuido.

A família-forja: que cada um é ferro bruto. Duros ao golpes, são as pessoas. Porém, em geral, não há maneira de escapar ao calor humano dos ferreiros de almas.

Um dia, essa criatura-princesa, adolescendo em cristal de puro dolorido, olhou-se no espelho e enxergou o cacarejar paterno:

- o cabelo despenteado;
- o nariz, um tanto torto;

- as costas, não o suficiente empinadas;
- o vestido, amassado;
- a amiga do coração não seria de confiança;
- a tia amada, mesquinha;
- o primo querido, preguiçoso;
- o filme idolatrado, sujo;

e fez uma careta: enrugou o nariz ao máximo, até que a ponta quase tocasse o lábio superior e ficou assim deste jeito. Havia inventado uma mania deformante, feia, de ser ela mesmo.

O efeito foi estupendo. Esperado. Cargas e cargas de reprimendas atenciosas:

- Pelo amor de Deus filha, o narizinho tão bonito... se estraga todo... pare com isso.

Mas Alba não parou aí. Depois de entortar o nariz, crispou a testa e fixou o gesto: estava todo o tempo com o cenho franzido, séria, preocupada, imitando pessoa horrorosa.

Desespero nas hostes familiares. Conversas e combinações. Repreensões. Iradas, no começo; depois, calmas e, mais tarde, hipócritas; todas desesperadas e em vão.

João Louco caminhava saltitando, como se dançasse. Todo o tempo falava sozinho em linguagem engrolada e incompreensível.

João avistou o forasteiro pela primeira vez recostado no parapeito que rodeava o átrio do Cine Real. Dionísio examinava sem disfarce as mulheres que deixavam a sala de projeção piscando os olhos. Segurava o chapéu na mão e tinha o paletó aberto. A roupa folgada e o nó da gravata meio frouxo compunham ar desengonçado. Completava o figurino a névoa de fumaça que ele soprava calmo depois de aspirar sôfrego o continental sem filtro que mastigava no canto da boca.

Bem diante dele, João deteve-se com as mãos postas e disse-lhe em tom arrebatado de forma a que todos ouvissem:

- Humphrey Bogart, que prazer cumprimentá-lo. O senhor veio a Nova Barcelona descansar? As filmagens do Falcão Maltês cansaram muito ao senhor, não?

- Como? - assustou-se Dionísio.

- Esse é o João, confunde quem é do agrado dele com algum artista de filme que assistiu. Bogart é elogio do grosso - esclareceu-lhe Netinho.

Dionísio recebeu a homenagem com visível gosto:

- Sim... resolvi passar uns tempos aqui no pedaço. O senhor gostaria de um autógrafo?

- Que gracinha, tão simplezinho. Não tenho caneta nem papel, querido - respondeu João, apertando-lhe uma das bochechas.

- Não seja por isso, assino aqui neste maço vazio... tome. Ah! Leve estes bombons também, de presente.

- Meu Deus, que charme. Aceito, sim, obrigado, vou guardar no meu museu de celebridades.

Mais tarde, em seu quarto no Hotel dos Viajantes, Dionísio reconheceu a própria graça. De fato, parecia-se com Bogart: cabelos crespos, entradas discretas, topete

abrindo a cabeleira jogada para trás, feições duras, lavradas em madeira, um conjunto capaz de arrancar suspiro à mulherada.

E Dionísio amava as mulheres. Quase sem distinção, as desejava; jovens ou maduras, pouco lhe importava a idade e até preferia relacionar-se com algumas mais experientes, já comprometidas e, portanto, menos ameaçadoras à sua liberdade. Em geral, contentavam-se com o encantamento que ele não regateava em oferecer-lhes, não podiam almejar compromissos mais duradouros, as bem-casadas.

Em Nova Barcelona adotara tática de fingir interesse pelas moças casadoiras, embora se concentrasse com real afinco em descobrir senhoras fogosas e insatisfeitas com seus maridos excessivamente envolvidos com o mundo masculino dos negócios, das amantes, da jogatina e da desatenção com aquilo que consideravam propriedade exclusiva deles.

Cativou fácil uma loira espevitada, já passada dos trinta e sempre enfiada em vestidos escandalosos com decotes esclarecedores. Era casada com o gerente do Banco do Brasil. Criada que fora no Rio, dona Semerene nunca se acostumara à pasmação monótona do interior e passava os dias zanzando esfogueada pela cidade.

Bastou dois encontros e no terceiro Dionísio já a levou para uma mata perto do centro. Estendeu generoso o casaco do terno no chão e refestelou-se animado ao perceber que disparava ardor que dona Semerene não sabia onde enfiar.

Empoleirado na afeição dessa mulher penetrou no núcleo mais sofisticado da alta sociedade de Nova Barcelona. Durante as tardes, enquanto mourejavam os maridos, ele jogava buraco com grupo de esposas desocupadas.

Mais dois meses e já também se amigara com uma turca romântica, esposa de um próspero comerciante local e assim foi seguindo feliz.

Com o tempo, por intermédio das suas amizades femininas, chegou-se aos homens: às primeiras oferecia carinho; aos últimos, companhia agradável e, sobretudo, habilidade financeira. Em seis meses, abriu escritório de contabilidade, prestando serviços a duas das maiores

firmas e a três dos mais poderosos fazendeiros da região. Seu principal cliente era o velho Antônio Mariano.

- Tocaia, armadilha - pensou Seu Antônio Mariano. - Bobagem, presságio à toa. Essa chuva mole...

Mais tranqüilo, o velho dirigiu-se lento para a galharia que obstruía metade da estrada estreita. Pelo sim ou pelo não, observou desconfiado os arredores. Ninguém, não havia perigo, concluiu. Fantasmas, fantasiou.

Custava-lhe reconhecer que temia os filhos. Raivosos, imaginavam tolos que passaria sua fortuna para Ernestina. Nem um níquel. Idiotas, cismava. Toninho era puro rancor. Um estranho, puro ressentimento magoado. Atraía o mais novo para suas conspirações. Fabulações fantásticas, o velho jamais trairia seu sangue: as terras, ele as acumulara para os filhos. Ernestina teria o suficiente para sustento confortável; nem mais, nem menos. Ademais, ela sequer se emprenhara. Não descobrira ainda se o mal era dela ou se era proveniente dele, pela idade avançada a sua seiva estaria secando, quem saberia explicar-lhe? Talvez alguma maldição da defunta os envolvesse aos dois. Mas, não. Pois não se casara na igreja, tudo nos conformes, bênção sagrada, correta. Tudo. O Frei os benzerá regular e sério, falando engrolado e tudo. Não haveria pecado no seu amor, amor de velho ao corpo redondo de sua mulher.

Não, tudo dentro da lei normal: ele a queria consoante um esposo pode desejar a esposa. No campo, na lida, no descanso, toda hora ele sentia carinho por ela. Diferente do que vivera com a finada, ou com os filhos, coisa desatenta fora o querer por eles. Nunca se preocupara demasiado com eles, era tão natural tê-los, que ele nem se acostumara a lembrar da família, a primeira. Com Ernestina era outra história, todo o tempo ele era atenção e cuidado. Mereceria castigo por isso?

Ramos, dois. Um menor, Antônio Mariano o afastou fácil. O maior prendia-se pesado na lama e o velho patinava impaciente. O Seu Gerente que o desculpasse, marcaria pegadas por onde caminhasse pelo Banco, terra

grudenta e vermelha, fértil. Seu Teocrácio dos Santos reclamaria quando ele sujasse o piso do cartório. O homem tinha mania de limpeza. Lavava as mãos toda hora. Interrompia conversa, lavratura de escritura, cervejinha, qualquer coisa para ir regular à pia esfregar as mãozinhas roliças e descoloridas.

- Cada louco nessa vida; existem - resmungou bem humorado, olhando a barra de suas calças agora também manchadas com o roxo de suas terras. Cultura de primeira - pensava mais contente - minhas terras.

- Dionísio, seria tão perigoso quanto era manhoso? - perguntava-se inquieto. - Amigo talvez, mas com certeza tinoso. Mistura atrapalhada. O rapaz era ambicioso e frio. Cheio de segredo e de mistério. Aventureiro sem eira nem beira, teria o quê para perder? Nada. Portanto... cuidado.

- E a demanda com vizinhos, disputa eterna por nesga de terra. Os Soares eram brabos, gente selvagem, vinda do interior, do mato, das brenhas. Há anos brigavam por um pedaço pequeno porém de muita serventia, canto com aguada. Ele fora firme, mas educado. Mandara cercar o terreno em litígio e contratara advogado. Não queria briga, mas os Soares derrubaram a cerca. Ainda bem que não se deram ao desplante de levantar outra dentro de sua propriedade. No caso, teria sido constrangido a reagir e Dr. Zé Pedro desaconselhava violência para resolver esse tipo de pendência. Mas todo homem tem seu limite, os Soares quase ultrapassaram o dele, quase. Mas o advogado era um intelectual paciente, conhecia as manhas da justiça, agradava e confundia a todos com o palavrório estudado dele. Os Soares bem que tentaram atraí-lo para outro campo. Mas ele não respondera às ameaças e ofensas. Odiava mortes, tiroteio, valentia, preferia as escaramuças do fórum. Processo, audiências e, ao final, a sentença seria a seu favor. Todo mundo sabia. Algum Soares mais esquentado poderia tentar vingança. Tomar cuidado...

- Ernestina tramaria com Dionísio a morte do seu próprio marido? Insuportável pensar isto. Ver-se livre do velho e fugir com o bonitão que a enfeitiçara. Trocaria conforto, segurança e riqueza por uma vida sem rumo, incerta... Fel.

- A política, a droga da política. Metera-se nela sem prestar atenção. Só de raiva do velho Nhonhô, desafortado aquele prefeito eterno. Também não gostava do Dr. Aristóteles da Silva, inescrupuloso, sem família e bastardo. Mas o homem era esperto e a cidade precisava dele para vencer a turma do coronel Nhonhô. No fundo, era avesso ao assunto. Comentava-se que ele apoiaria a oposição. Um fazendeiro de parelha com getulistas, comunistas e o diabo. A eleição perto esquentava as intrigas, ao máximo. Na verdade ninguém acreditava em sua neutralidade. Ele apenas não simpatizava mais com a gente do Nhonhô, mas não aderira à gentalha do Totó, Dr. Aristóteles agora, ficara chique o homem. Sua indiferença era considerado disfarce para algum golpe. Dessa maneira, julgavam seu comportamento político. Esperavam algum golpe.

A manga branca da camisa de linho engomada por Ernestina, pingos de lama. Complicado, o galho grudava no barro, pesando mais. Com o esforço, Seu Antônio Mariano sentiu pontada no peito. O coração fraquejando, estremeceu. Dor nas costas, seria melhor. Achaque mais normal. Comum em velho, mal de coluna.

Quase desimpedido o caminho, seria suficiente para a caminhonete passar, depois enviaria agregados para reparar o estrago. Seu Antônio enxugou o suor com a manga branca da camisa engomada por Ernestina e desculpou-se envergonhado:

- Diacho! Se não vou levar um pito, limpando suor e remela com a roupa. Ernestina...

O pensamento dele parou aí. Tiro certo, no meio da testa, desligou a vida dele que caiu emborcado com a boca escancarada mordendo a terra roxa dele. Ele.

João vivia com Dona Luna e Seu Nhonhô de Castro, prefeito e chefe político de Nova Barcelona. Dormia em uma imensa garagem no fundo do casarão colonial que sempre pertencera à família dos Castros. Dividia espaço com o carro da família e com os instrumentos da banda musical do município; que, por falta de depósito mais seguro, eram ali guardados em prateleiras que ocupavam quase todas as paredes do cômodo.

A luz elétrica não fora puxada até a casinhola, ficava distante. Dona Luna, com receio de acidente, proibira João de usar vela e lhe presenteara com uma lanterna de pilha. Insone, ele costumava, em noite escura, vagar pelo quintal com o facho de luz enfiado dentro de sua boca, com o que assustava de morte quanto vizinho madrugador se deparasse com aquela versão elétrica de um lobisomem.

Certa noite, Dionísio o obrigou a tomar um copo de cerveja em sua companhia. João era muito sensível e se embriagava facilmente. Além do mais, o álcool sempre lhe provocava dor de cabeça horrível. Assim, era-lhe estranho o hábito da bebida e caminhar da confeitaria à sua casa foi uma aventura. Ele se sentia flutuando. Leve, porém confuso, não acertando com manobras rotineiras que costumava resolver até de olho fechado. Dessa maneira, na garagem, não acertou de ligar a lanterna. O mecanismo não funcionava. Desconsolado, procurou fósforos. Encontrou também um toco de vela que fixou com cera derretida no canto de uma prateleira.

João era meticoloso, calculava cada gesto que realizava. Prendeu a vela bem próximo à cabeceira de sua cama. Depois ficou a praticar seu ritual diário, sem o qual não conseguia pregar o sono. Alisou os lençóis à perfeição, dobrou com precisão a ponta do cobertor e assentou-se para demoradamente lavar os pés em uma bacia branca esmaltada.

Envolveu-se tanto nessa ablução que se esqueceu do mundo e, em decorrência, não se lembrou também da vela.

Finda a higiene, enfiou-se na cama e dormiu sono pesado. Descansou repouso pétreo, sólido e compacto. Até quando gritos e um calor sufocante o despertaram.

Pânico, chamadas, labaredas imensas. Apelos:

- João acorde, saia daí, João... João.

Diferentes tonalidades, vozes descontroladas, desconhecidas, gritando:

- João, João, João...

Sentado no colchão, ele imaginou filme de guerra, certamente, chamadas lhe rodeando. Segundos depois, ele descobriu: - a vela, fogo na garagem - e saiu berrando socorro, socorro.

Fumaça, tosse, difícil destramar o portão. De repente, a tranca se abriu e João sentiu o ar fresco da noite. Suave, suave e ele caiu de joelhos, braços abertos em gesto teatral. Dois homens o arrastaram pelos sovacos para longe do fogaréu.

Toda a vizinhança ajudava com baldes de água, galhos, terra e lona, batendo e batendo para abafar o fogo. Correria desenfreada e João ainda estatelado, tossindo.

O incêndio só terminou quando a casinha virou tição escuro. Antes, metade do telhado ruiu em estrondo que obrigou os bombeiros improvisados a um recuo. Fumaça e cheiro úmido de queimado.

Uma vizinha caridosa lembrou-se de perguntar:

- João, você se queimou? A ver... não. Graças a Deus.

Dona Luna resmungava resignada:

- Graças a Deus que o carro do Nhonhô não estava, hoje ele dormiu na fazenda.

Em seguida, completou mais zangada:

- João... Janjão o que você aprontou aí dentro? Fez algumas de suas macumbas?

Ele costumava homenagear santos, improvisando altares escondidos pelo quintal afora. Armava arranjos com velas, comida cozida, frutos e flores, esquecendo-se logo depois das oferendas, que apodreciam, empestando a região até que uma das empregadas descobrisse os restos para a devida limpeza.

- Não, não, Dona Luna. Juro... eu cheguei e fui dormir.

- Algum fósforo, você pitou na cama João?

- Não Dona Luna, quase não fumo, a senhora...

- Vela, você se esqueceu da lanterna, não? - insistia curiosa a velha senhora, cercada por dezena de curiosos - e a vela, João, de que tamanho era a vela?

- Bom, a vela era assim pequenininha - indicava ele com o polegar e o indicador a uma distância de três ou quatro centímetros um do outro.

- Filho da puta - esganiçou Dona Luna, metendo-lhe junto um tapa na orelha - eu não lhe proibi de usar vela aí dentro. Cadê a lanterna? Você queimou a casa, derreteu a banda de música inteirinha, por sua culpa a cidade ficará sem retreta, sem concerto, seu idiota, desgraçado, sem contar que você quase se mata.

O louco abaixou a cabeça, colocou a mão afilada no local em que fora esbofetado e quando outro vizinho começou outra lengalenga de reprimendas, ele saltou longe, de lado, tapou os dois ouvidos e saiu berrando histérico quintal afora.

Ele girava e girava, gritando frases desconexas. Dois rapazes tentaram agarrá-lo. Olhando enfezado para o perigo que o ameaçava, ele escapou ligeiro, escalando em poucos segundos a maior mangueira que havia por perto. Subiu até as grimpas e de lá ficou entoando uivos semelhantes aos que Tarzan usava para convocar seus amigos animais quando algum perigo maior o ameaçava.

Durante toda a noite esteve na árvore, urrando triste e solitário a cada dez ou quinze minutos não escutava ponderação de quem quer fosse. Insensato, ninguém o convencia a baixar das alturas. Logo, a pequena multidão se dispersou cansada, foram todos dormir deixando o homem sozinho em cima da mangueira.

Aristóteles da Silva cresceu espremido entre quinquilharias: enfeites de louça e bijuterias que entupiam o chalé de sua mãe, dona Soledade. Viveu infância de sombras, cortinas cor-de-rosa cerravam-lhe qualquer esperança de sol. A lógica que organizava sua casa não era a do conforto; parecia vitrina de loja chinesa, o interior daquele lar. Cedo, aprendeu a circular leve dentro da decoração onipresente. Romper qualquer traste seria crime grave, na regra daquela pequena família. Havia que se movimentar com cálculo cuidadoso, todo o tempo, em todos os momentos.

Calado e sorrateiro, passou a infância observando a vida dos adultos. Nunca reclamava de nada. Não protestava nem quando a mãe o expulsava para o jardim, a qualquer hora do dia ou da noite, sempre à chegada do coronel Hermógenes Filho. O velho aparecia sem aviso prévio e vinha com propósito fixo de foder a mulher faceira que passava a maior parte do dia no toucador, empoando-se, pintando os cabelos de amarelo-ouro e os lábios de vermelho-sangue.

Escondido detrás de arbustos, Aristóteles enxergava a imensa bota envernizada do fazendeiro. Percebia-lhe o brilho sujo de barro marrom, a mesma cor das calças que se trancavam com sua mãe no quarto e a faziam gemer, murmurar suspiros e resmungar cansada, num jogo que o incomodava profundamente, embora não soubesse ainda nada sobre o motivo para tanto segredo e recato.

Tão-somente quando entrou nos setenta, Hermógenes Filho cansou-se da vida e também de dona Soledade. Nem por isso, entretanto, veio a descuidar-se de sustentá-la; era teúda e manteúda dele, afinal. No entanto, balzaquiana fornida, ela se viu obrigada a variar de parceiro. Havia a carne imperativa clamando no vazio imenso dos dias de Nova Barcelona, mas havia principalmente o futuro do filho, zelar por ele: a memória do velho claudicava, confiar a sorte na generosidade dele era temerário, empresa insegura.

Dama fina, deitava-se apenas com figuras claramente integradas à elite local. Ora um, ora outro, sem atropelos, foi organizando agenda conveniente a todos, menos ao pequeno Totó que não via hora daquilo terminar. A mãe aceitava presentes, dinheiro, ajuda para a casa, num simulacro velado de prostituição.

Enquanto permanecera presa ao velho Hermógenes fora relativamente bem aceita pela sociedade. Contudo, transformou-se em ameaça quando deu para flunar. Então, as esposas trataram de ilhá-la, excluindo-a de todo e qualquer convívio.

Aristóteles teria doze anos. Há dois anos estudava no Colégio São Francisco, escola católica restrita aos filhos da aristocracia. Certo maio, manhã esplendorosa, o menino foi convocado à diretoria. Extremamente comportado, imaginou que o chamavam para reconhecer-lhe méritos, estudava como uma mula, cumpria obrigações religiosamente, confessava-se com regularidade e, até mesmo, dedurava diabruras e indisciplinas de colegas. Levantou-se orgulhoso, receberia algum prêmio, talvez o encargo de bedel - alunos escolhidos a dedo para ajudar os professores a manter a ordem. Todos os bedéis eram das últimas séries, raciocinava, mas quem saberia o que lhe reservavam os frades.

Qual o quê... no caminho do seu sucesso havia sua mãe e havia a pirâmide de preconceitos de Nova Barcelona.

Frei David, imenso, hierático, com as mãos piedosamente ocultas dentro das mangas da batina, o aguardava sorridente:

- Meu filho, entendemo-nos aqui, eu e a senhora sua mãe, e já providenciamos sua transferência para a Escola Estadual Augusto Comte. Lá você, Totó, estará melhor, mais a vontade.

Desentendido, ele olhou para a mãe que sorria cordata de dentro de sua eterna névoa aloirada de cabelos e de perfumes. Dentes brancos e lábios abertos, com escândalo. Porém nenhuma palavra de protesto; inútil cavidade, submissa dentadura em exposição e mais nada.

Atônito, compreendeu: a previsão maldosa dos colegas se concretizava. Expulsavam-no porque a mãe era

puta, não por algum erro que houvesse cometido. Não... pela mãe.

Pela primeira vez na vida, experimentou reagir e respondeu seco:

- Meu nome é Aristóteles. Aristóteles, não me chamo Totó. Não. Aristóteles.

- Sim, meu filho - contestou cordato o frade risonho.

Voltar à classe foi suplício. Deixaria cadernos e livros para sempre em sua antiga carteira na primeira fila, se pudesse. A mãe o aguardou, de pé, indiferente, bem defronte a imagem do santo padroeiro. Cabisbaixo, entrou na sala de aula sem pedir licença. Abriu a porta de supetão, caminhou até seu lugar, recolheu objetos e se foi sem se despedir. Voltaria pensou, um dia.

Descendo a ladeira, ele delirava. A mãe pura puta, lambuzava-se com homens. Beijava marmanjos suados e barbudos, mastigava-lhes os pintos. Na escola conhecera revistas de sacanagem, entendera a série histórica de gemidos escutados desde que se entendera como gente. Tudo, num átimo, preciso. Todavia, a mãe não seria uma qualquer. Rainha, chefona das putas, ela seria, com certeza, cismava, apertando a mão quente da mulher que manquitolava ridícula, tropeçando com o salto alto em cada buraco ou saliência das ruas poeirentas de Nova Barcelona.

Apesar dos pedidos apelativos dos familiares, a mocinha, Alba, inventou também uma corcunda: esticou o pescoço, jogou os ombros para baixo e, dobrando a coluna, em cima, formou uma discreta cacunda.

Mais tarde, tomou uma tesoura e repicou a seda amarela dos cabelos. Não deixou sequer um cacho para remédio ou memória e quando algum cismava em voltar a lhe embelezar a fronte ela o alisava até deixá-lo ressequido e espetado.

E a metamorfose prosseguia criativa. Há miríade de recursos cosméticos e com batom vermelho ela borrou o contorno carmesim dos lábios antes tão caprichosamente desenhados; com rímel e lápis negro apagou as cintilações das pestanas claras que protegiam íris azuladas; e com camadas paleontológicas de cremes escondeu o veludo leitoso das maçãs empessegadas do rosto outrora juvenil.

A moça quanto mais gozava com o espanto aterrorizado do pai, mais perdia contato com o resto do mundo, e distraída deixava-se ilhar entre as paredes da casa de onde não soubera escapar.

O prazer que experimentava a cada estremecimento paterno! Derretia-se ao vê-lo estrebuchar todas as vezes que ele a via mutante, vagando pelos corredores, desvairada e fóbica. Rainha de farândola grotesca, rejeitada por todos.

O jogo demorou anos e anos. Dr. José Pedro das Neves, o pai, tinha arrepios de contrariedade e a sua mulher sorria e sofria na outra ponta do desacerto.

Até que um dia, de repente, a graça se acabou. E Alba já não sabia mais por que continuava com a farsa. Então, a senhorita foi ao banheiro e lavou a maquiagem e sentou-se diante do espelho: contudo, o tempo, personagem silencioso, com quem não se conta a não ser quando não está mais, pois bem, o tempo transformara a representação em pedra de mármore e, aparentemente,

todos os caminhos de volta haviam desaparecido: o feio se encarnara no fundo da alma de Alba.

Mais ou menos, nessa ocasião, Dionísio entrou distraído e inocente na história de Alba. Entrou como um vento fresco que arejasse a estufa nauseabunda em que se ia transformando a vida da mocinha. Aconteceu como se ele quebrasse com uma pedrada a cerca de vidro que a emparedava em futuro sem esperança. Entrou como uma lufada de ar fresco, produzindo efeito maior do que aquele que ele mesmo imaginara provocar.

O quanto Dona Semerene tinha de fogosa, tinha de afoita. Dionísio deu para se preocupar, a ousadia da amante poderia trazer-lhe complicações.

Inventara de aparecer em plena madrugada no quarto de hotel dele. Insinuava-se pelo portão do quintal, driblava a vigilância do porteiro e metia-se em sua cama. Ao marido enganara com história de promessa à Nossa Senhora: ela assistiria a mil missas matutinas e, em troca, a santa os enricaria. Assim, saía direto da cama do marido para a de Dionísio e desta corria contrita para a igreja. No entanto, essa curta meia-hora era suficiente para que Dona Semerene cometesse os maiores desregramentos que o rapaz jamais conhecera.

Ela inventava cenas: - agora sou um rapazinho apaixonado, possua-me com raiva, com ódio e desprezo, por trás; - hoje sou uma putona desdentada e vou lambê-lo inteiro; - sou uma virgem inibida, necessito de estímulos, senão fico quieta e fria.

- Que besta quadrada esse marido - deduzia Dionísio depois de cada refrega.

Dona Semerene mantinha um salão à antiga. À tarde, freqüentavam-no mulheres. Jogavam cartas, canastra ou caixeta; ouviam música; mas, sobretudo, excitavam-se com narrações reiteradas de quantos casos picantes conhecessem. À noite, apareciam juntos os casais. Mal chegavam e se separavam: homens, à cerveja e ao pôquer; senhoras, ao rádio, às novelas e às fofocas.

Dionísio desrespeitou os costumes do pequeno clube. Como não trabalhasse fixo, senhor do seu próprio horário, passou a comparecer amiúde aos saraus vespertinos. Pesqueiro mais rico e variado nunca encontrara tão fácil.

Dona Semerene o apresentava como se ele fosse animal de estimação dela. Suportara a humilhação, pragmático. A recompensa não tardou. Logo ganhou a confiança de Zaida, filha de Afif Zandar, imigrante libanês enriquecido com o comércio de tecidos. Ela

queixava-se do marido brasileiro, supostamente mais zeloso pelo patrimônio econômico do sogro do que pela felicidade da mulher. Resultado, duas sessões confessionais e pimba: Zaida foi parar no mato com Dionísio.

Resolvido a cultivar esta linha de relações e insatisfeito com a solução campestre que encontrara, Dionísio resolveu alugar um canto que lhe servisse como alcova. Manteria o quarto no hotel para resguardar aparências e para acertar negócios. Buscou uma chácara, um chalé afastado e discreto. Dona Semerene o ajudou a encontrar o que procurava e ainda o presenteou com uma enorme cama de casal. Exigiu inauguração à caráter: bacanal à tarde, com muito tempo para pirotecnias.

No dia aprazado a amante atrasou-se. Dionísio estava para desistir, quando ela apareceu divina e escandalosa: comprara calça colante vermelha, justíssima e terminando quase no meio da canela. Para surpresa do amante, chegou acompanhada de outra dama. Uma amiga magricela, loira e tímida que se mudara a pouco para a cidade. O marido era subgerente no banco comandado pelo esposo de dona Semerene. A convidada entrou desconfiada, olhando assustada para a sala vazia de qualquer mobiliário.

- Viemos as duas. Experiência nova, meu filho. A Isolina aqui, até agora, só deu em casa, pro marido. Quer saborear coisas novas.

E lá ficaram os três a se refestelar em jogos impúblicáveis. Fora, a cidade repousava tranqüila de suas convenções estáveis.

Dionísio nunca estivera tão realizado: fazia dinheiro com os homens de negócio e amor com as mulheres desocupadas de Nova Barcelona. À noite, namorava Alba. Depois passava a madrugada em orgias na casa de Dona Maria Adelaide, sempre acompanhado de Netinho, companheiro perene de todas as farras.

A vida funcionava arranjada como um relógio suíço. Perfeita. Até quando, numa festa do milho, conheceu Ernestina. Mal a viu e foi um estremecimento. Sentiu o peito dilatar-se e o coração se lhe oprimir. Cortejou-a com todos os recursos de sua sabedoria galante e ela não demonstrou qualquer reconhecimento. Ignorava a todos

seus gracejos. Pelo menos, à primeira vista, parecia-
lhe.

João era conhecido como João Louco, ou João Preto, ou também como João da Dona Luna. Apesar de pouco lisonjeiras essas denominações não o afetavam e, ao contrário de outros companheiros de loucura, não se importava com apelidos inventados pelos moleques. Vivia alegre, imerso em delirantes elucubrações interiores. Não demandava qualquer propósito para estar contente, e expressava carnalmente a sua eterna alegria até no modo como caminhava saltitando passos de dança.

João misturava elementos prosaicos do cotidiano de Nova Barcelona com histórias e personagens do cinema. Quase não dormia, excitava-se bastante com as aventuras que inventava em elaborações frenéticas e ininterruptas.

Encarregava-se de todo serviço pesado da casa de Dona Luna e ainda encontrava tempo e disposição para prestar ajuda aos vizinhos. Nunca suportara a lida comum do campo. Não carpia, nem fazia jardinagem, gostava mesmo era de encerar assoalhos até que brilhassem como espelhos falsos. Então, fazia questão de mostrar orgulhoso sua obra, o resultado de seu labor. Tinha compulsão pela ordem e pela limpeza. Aceitava também engraxar sapatos que deviam, do mesmo modo, refletir a face do dono. Gastava horas lustrando dois ou três pares de sapato pelo que recebia trocados que lhe garantiam independência financeira.

Vestia-se sempre de branco. Ajustava, ele mesmo, calças e camisas até que o pano lhe aderisse às curvas do corpo atlético. Longilíneo, alimentava-se pouco e costumava raspar a cabeça com máquina zero, para depois esfregá-la sistematicamente até que reluzisse como os assoalhos ou sapatos que lustrava.

Toda noite, banhava-se, trocava de roupa e ia ao cinema. Conseguira a posição de ajudante-voluntário do encarregado de projetar filmes.

Fanático por cinema, João comprava ingressos com as economias que guardava. Mal entrava na sala de espetáculos e fugia escada acima para a salinha de

projeção. Seu Honório, o operador, tolerava a intrusão com bonomia. Homem de hábitos comedidos, fazia tudo com lentidão estudada. Assim, demorava para trocar o rolo de filme, o que irritava aos espectadores. O intervalo prolongava-se excessivamente. Problema maior acontecia quando arrebentava a fita. Seu Honório atrapalhava-se com a cola, a tesoura e a necessária rebobinagem, sempre acontecendo da platéia terminar em vaia e assobio.

De tanto observar, João aprendeu a lidar com a máquina, tornando-se exímio conhecedor de todas as manhas para uma boa projeção. Com o tempo, passou a auxiliar o pacato operador nos momentos de apuro. O resultado foi surpreendente: desapareceram os apupos e João foi informalmente substituindo Seu Honório. O operador passou a supervisor e João foi se encarregando da maioria dos procedimentos. Esta divisão de trabalho transformou-se em hábito. Acordo tácito conveniente a todos: tanto aos dois, como ao proprietário e aos fregueses.

João orgulhava-se vaidoso da função social que alcançara. Todos o cumprimentavam reconhecendo a importância dos serviços que prestava.

Realmente, ele era louco, mas era também feliz com a vidinha que organizara em Nova Barcelona.

Aristóteles da Silva odiava Nova Barcelona. Tanto que nunca conseguiu abandoná-la. Mal terminou o curso médico em São Paulo e voltou correndo para casar-se com Angélica. E voltou disposto a virar tudo de cabeça para baixo, enxergava atraso e ignorância em tudo e em todos.

Logo durante o primeiro ano de exercício profissional, implicou com o costume local de cagar atrás das bananeiras. Latrina de louça era artigo raro, apenas em uma ou outra casa havia casinha com fossa no fundo do quintal. O povo aliviava-se mesmo era no meio do bananal. Para limpeza, folha lisa ou algum jornal velho era suficiente.

O médico escreveu artigos sobre verminoses, falou no rádio e iniciou uma campanha para que a prefeitura obrigasse os moradores à construção de privadas. Quem fosse pobre que o poder público arcasse com as despesas, defendia demagogo. De propósito, não consultou Seu Nhonhô. O chefe político não gostou da ousadia, mas se viu obrigado a apoiar o plano do Totó. Parte importante da elite ilustrada se entusiasmara com a idéia. Houve rebeliões localizadas. Gente mais obstinada desprezou a intimação e foi multada. Famílias de projeção terminaram obrigadas a construir fossas, muitas constrangidos por mandados judiciais impetrados pelo médico salubrista. A Câmara Municipal editara lei tornando compulsória a edificação de privadas.

Dona Margarida, viúva rica, teimosa cunhada do prefeito, foi uma das obrigada a erguer sua latrina sob o império da lei. Terminada a construção, convidou Dr. Aristóteles para visitá-la. Conduziu-o à casinha, abriu a portinhola e mostrou-lhe belíssima coleção de orquídeas.

- Minhas orquídeas apreciam sombra e umidade; agora, todo o povo aqui de casa continua cagando onde cagava meu pai e meu avô. Lá no fundo, detrás das bananeiras. O senhor nunca poderá mandar na vida aqui de dentro da minha casa. Nunca.

De qualquer forma, a questão das privadas serviu para Aristóteles colocar o pé na política. E ele pisou este terreno preocupado em vender imagem de progressista. Nova Barcelona estaria ficando para trás no tempo da história. Os desmandos dos coronéis impediriam o progresso e afastavam a indústria. Água tratada e esgoto transformaram-se em sua obsessão. Estradas, calçamento e ordem pública. Segurança, haveria muito crime em Nova Barcelona e a polícia não funcionava.

No começo, falava à boca pequena, em tese. Evitava expor-se à ira dos caciques. Comparava a pasmaceira local ao desenvolvimento de outras cidades. Enquanto isso ia articulando aliados debaixo do pano. Imaginava acumular forças, principalmente tornando-se médico respeitado por todos.

Para esse fim, planejou desbancar Dr. Generoso Bueno, clínico formado no Rio de Janeiro no início do século e que, durante trinta anos, sempre se conservara paciente e prestativo. Tarefa difícil portanto, pois o velho médico era admirado e querido por quase todo mundo.

Para vencer a concorrência, Aristóteles habituou-se a criticar-lhe os métodos antiquados. Sem meias palavras condenava condutas do colega. Ele não teria evoluído, não saberia lidar com novas drogas e muito menos indicar cirurgias. Censurava-o também pela falta de limpeza: o consultório e a roupa do rival estariam sempre imundos.

Em contrapartida, ele tratou de construir clínica moderna. Balcão de fórmica, equipamento de aço inoxidável e móveis leves de aspecto estrambótico. Em seis meses atraíra quase toda elite para sua clientela. Grudada nela, logo em seguida, veio a classe média. Ao Dr. Generoso restou a pobreza, trabalhar de graça na Santa Casa ou pelos ranchos do sertão afora. O velho clínico nunca demonstrou desgosto com a traição daqueles que o abandonavam depois de se haver socorrido de seus serviços durante tantos anos. Manteve-se bonachão e bem-humorado, fanaticamente dedicado aos que o procuravam.

Em cinco anos Dr. Aristóteles era líder e candidato à prefeito pela oposição. Intuíra que Getúlio Vargas estendia duas mãos ao país. Uma direita, ao coronelismo

caquético; e outra, mais à esquerda, aos trabalhadores, industriais e homens de visão. Em Nova Barcelona ninguém ousara aceitar a segunda oferta do ex-ditador. Medo da truculência de Seu Nhonhô e companhia. Somente ele, médico rico e prestigiado, poderia dar-se ao luxo de ousar criar outro partido sem colocar a própria vida em risco.

Granjeara fama, era benquisto e poderoso. Por intermédio do sogro, articulara-se a um grupo de fazendeiros insatisfeitos com os desmandos do velho dirigente político. Seu Antônio Mariano era um dos seus mais prezados aliados. O médico fizera questão de participar como testemunha do segundo casamento do viúvo. Apoiara a paixão do velho, dera-lhe razão e até servira como intermediário entre ele e os amalucados dos filhos. Afinal, ele aspirava representar o moderno naquela cidade carcomida pelo caruncho carola e pelo coronelismo.

Dona Henriqueta Novaes de Oliveira das Neves cozinhava pratos enfeitadores e ouvia com minuciosa atenção a quase todos os programas da rádio nacional: musicais, novelas e noticiários.

Com os filhos já não agia com tanto escrúpulo. Apesar das dez gestações e dos sete filhos sobreviventes, permanecera sendo a garota voluntariosa e desligada que fora em sua mocidade.

Assumia abertamente seus afetos e desafetos. Nunca escondera sua predileção pelo filho mais velho, Zé Pedro, e pelo caçula, Netinho. Dos demais, pouco cuidava, delegando ao séquito de servas que trouxera da fazenda a maior parte do trabalho doméstico.

Nenhum dos filhos seguiu a profissão do pai. Três morreram cedo, um de gripe e dois de pneumonia. Zé Pedro agarrou-se aos estudos formando-se em direito muito jovem e, em pouco tempo, dirigia a banca mais prestigiosa de Nova Barcelona. Sempre foi a personificação da seriedade e da dedicação ao trabalho. Nenhum dos seus outros irmãos se profissionalizou e foram sendo encaixados em cargos públicos graças à influência do velho coronel Hermógenes.

O casal Henriqueta e Hermógenes vivia às turras, não disfarçando o desprezo profundo que sentiam um pelo outro. Apesar disso, nunca se separaram. O marido provinha o básico para a casa, Dona Queta cozinhava com maestria de virtuose e, dessa maneira, foram equilibrando as ligações que os ataram, tantos anos, sob o mesmo teto.

A sociedade local acostumara-se àquele trato: o coronel ainda participava da vida social, mas a esposa trancara-se dentro das fronteiras do sobrado azul-anil, dali não saindo sequer para atender a funerais.

O velho Hermógenes protegia-se da eterna guerra-civil familiar encerrando-se solitário em seu quarto no fundo do sobrado. Criara um mundo à parte e, com o

tempo, apenas Divino entrava naquele santuário do patriarca. A porta permanecia cerrada e quando era aberta recendia um cheiro de velhice em todos os corredores e cômodos da casa. Na ausência do pai, Netinho penetrava sorrateiro naquela caverna. Havia uma escrivaninha grande, entupida de papéis amarelados, de canetas antigas de pena e de livros policiais ensebados pelo manuseio repetido. Dentro do guarda-roupa, dezenas de ternos escuros, fechados e sérios. A cama patente rangia fácil, os lençóis encardidos deixavam perceber uma depressão no lugar onde o coronel estendia o corpo alquebrado. O velho passava horas trancado ali dentro.

Aos filhos, o único elogio que sabia repetir incansável era sobre a macheza deles. Somente tivera filhos homens, gabava-se orgulhoso. Reprodutor enviesado, produzira penca de machos, somente machos. Jactava-se.

Seu Nhonhô de Castro, prefeito e comandante do partido situacionista, mandou buscar os filhos do Mariano. Recomendou segredo ao mensageiro. Missão sigilosa.

Marcou o encontro no escritório do Dr. José Pedro. Espaço insuspeito, o homem era advogado de quase toda figura importante da cidade. Ademais, ele era tão discreto e pragmático quanto um banqueiro suíço.

Mal chegou o coronel e o advogado desculpou-se - afazeres domésticos -, retirando-se logo em seguida. Deixava os três conspiradores livres do constrangimento de sua presença.

Os meninos do Mariano não tinham juízo, o idiota não os disciplinara e agora estava sem herdeiros, sem gente de confiança para lhe proteger o costado. Atacar nesse ponto, cismava manhoso Seu Nhonhô. O Toninho era um cachorro bravo, incapaz de entender qualquer trama. Perigoso. O outro, mais sensato, um pouco. Não muito. Talvez servissem, matutava tinioso o coronel.

- Estou informado da loucura, os senhores me desculpem a franqueza, mas sou de ir direto ao assunto, da doidice do senhor seu pai. Sei também, de fonte segura, que ele trama contra o interesse de vocês. Dionísio o convenceu a deixar novo testamento. Até combinou data com o escrivão... Não, não se exaltem. A coisa não se efetivou ainda. Nenhuma escritura foi lavrada. Seu Teocrácio é de minha total confiança. Não dá um pio sem me consultar.

Os irmãos xingavam raivosos. A ambição os ensurdecia e o ódio impotente os cegava. Estavam quase no ponto em que Seu Nhonhô os queria. Desvairados.

- O pior é a ingenuidade do Antônio Mariano. Ernestina está enrabichada pelo Dionísio - provocava o prefeito.

- Aquela puta - vociferou Marianinho.

- Os dois estão tramando contra o velho. É ele assinar o papel e adeus viola. Morrerá em seguida. De

tiro ou de morte natural, veneno. Sei lá - concluía misterioso Seu Nhonhõ como se informado de tal novidade por meio de fonte seguríssima.

- Eu acabo com os dois antes, estraçalho, faço picadinho.

- Calma mano, vamos terminar de ouvir o Coronel.

- Obrigado, Marianinho. Tenho um trato a lhes propor. Eu lhes ajudo. Garanto que Seu Teocrácio nunca fará o tal testamento. Poderá até fingir, rabiscar algumas notas, se o senhor seu pai insistir muito. Falsificar alguns papéis sem legalidade. Em troca, quero apoio político. O Dr. Totó engambelou o pai de vocês. Dionísio virou cabo eleitoral desse médico aventureiro. Pois não foi esse estrangeiro de merda quem aproximou os dois. O senhor Seu pai e o comuna do Totó. Um fazendeiro, pode? Acumpliciado com comunistas?

- O senhor conte com nosso apoio.

- Por mim eu metia logo uma bala na cabeça desses dois filhos da puta e acabava logo com essa lengalenga.

- Toninho deixe de bravata. Não quero sangue, se você encostar num fio de cabelo da Ernestina o pai nos deserdará. Calma. A proposta do Seu Nhonhõ, aqui, tem solução melhor...

- Não, eu podia sangrar somente o janotinha. Nunca experimentei sangue de gringo, paulista pra mim é tudo meio afrescalhado.

- Em último caso, Seu Toninho. Somente em último caso. E o senhor não se envolva pessoalmente. Contrate alguém de fora, de confiança. O governador anda me pressionando, se queixa da violência em Nova Barcelona. Alega que exageramos na dureza com os adversários. Os tempos são outros. Cada crime eu tenho que inventar um culpado, senão os jornais crucificam a mim e ao governador. O Totó tem se aproveitado disto. Posa de civilizado. Enfim, eu não posso garantir cobertura pra ninguém. A coisa do cartório tudo bem, será tranqüilo. Vocês pensem no assunto.

- Já tá pensado, Seu Nhonhõ. Pode bater o martelo, estamos de negócio. Na próxima eleição nosso povo vai estar todo com o senhor, como sempre.

- Obrigado, Marianinho. Agora, era conveniente que vocês tivessem um acerto com o velho de vocês. Para mim,

ele anda descabeçado, sem juízo certo. Um particular, reservado, que não caísse na boca do povo... não sei se me faço entender. Da parte legal cuido eu, podem confiar em minha palavra, sócios.

Dona Soledade engraçou-se com um inglês gentil, engenheiro da estrada de ferro. Homem distinto, cavalheiro educado, era muito diferente da maioria, quase uma dama comparado à rudeza habitual dos novos barceloneses. Durante três anos, ela dispensou qualquer outra companhia masculina. Foi-lhe inteiramente fiel.

Este estrangeiro, falando um português estropiado, foi o primeiro adulto a perceber a existência do menino. Na verdade, ele chegou a afeiçoar-se a Aristóteles. Trazia-lhe doces, chocolates e algum brinquedo. Sobretudo, impedia que a mãe o expulsasse da sala. Esperava, paciente, degustando cachaça roceira, que o moleque fosse para cama para depois deitar-se com a mulher que o aguardava impaciente.

Naquelas ocasiões, Aristóteles fingia sono, representava dormir, mas ficava escutando os sussurros entusiasmados da mãe. Ademais, o casal era dado a acrobacias. Refestelavam-se atléticos, apoiavam-se na cama, na mesinha de cabeceira, nas paredes e, ao final, rolavam pelo assoalho rangedor. O insone esforçava-se para decifrar a sucessão de ruídos, reconstruindo as etapas do ato sexual que imaginava enxergar. Agora, já conhecia o sentido daquele jogo e sentia-se mais próximo à mãe e mais determinado a vingá-lo de Nova Barcelona.

Vanglória experimentava cada vez que entrava no Cine Real tendo Willian Right à tiracolo. A empáfia com que mirava os fregueses da Confeitaria do Righetto enquanto engolia o sorvete duplo com uma exorbitância de cobertura. O padrasto postiço era mão-aberta, generoso.

Infelizmente, o inglês foi transferido para longe. Mesmo assim, não perdia oportunidade de visitá-los. Apareceu no primeiro natal, no carnaval e na semana-santa. Depois sumiu, fora reconduzido ao país de origem. Deixou barriga na mãe de onde apareceu menina naturalmente aloirada, irmã, quinze anos mais nova que o irmão.

A gravidez, o período de amamentação e de entusiasmo com a criança com feições de gringa foram uma benção para Aristóteles. Desapareceram os homens e o adolescente sentiu-se promovido à provedor do lar. Fazia compras, buscava mesada no sobrado, o velho Hermógenes persistia honrando seu compromisso. No entanto, mais que tudo, aquele foi o tempo em que resolveu vencer. Sentia-se glorioso, apto a guerrear. Venceria, vingar-se-ia da crueldade daquela cidade. Cismou estudar medicina. Iria à capital, cirurgião, retornaria poderoso, se enricaria e seria prefeito de Nova Barcelona.

Ainda moleque, planejou detalhes, calculou iniciativas, movimentos, etapas e esforços que empreenderia. Apoiado nesse núcleo duro suportou viver estóico. Qualquer sacrifício parecia-lhe pequeno diante da glória que desfrutaria adulto. Habitou-se à determinação e ao raciocínio frio. Não construiu amizades, montou redes de interesse, aliados políticos, degraus seguros rumo ao sucesso.

Acadêmico, resolveu arranjar casamento. Virgem, repugnava-lhe as mulheres. Das de família não se aproximava por orgulho e das prostitutas se afastava por desprezá-las. Elegeu, estratégico, uma meta: Angélica. Filha única do fazendeiro mais próspero e cauteloso de Nova Barcelona. Assim, resolveria suas atávicas carências de dinheiro e de prestígio social.

A corte não lhe custou muito. Transformara-se num dândi refinado. Espigado, magro, elegante, investia o que ganhava em roupas. Estudara música nas horas vagas e martelava sonatas e canções românticas com razoável virtuosismo e sentimento. Fizera curso de boas maneiras e aprendera a conduzir-se em sociedade. Viajara, ilustrara-se, transformando-se num dos rapazes mais cobiçados pelas moças da cidade. Dele, diziam, parece um lorde inglês.

Praticou noivado longo, cinco anos. Enquanto isto, especializou-se em cirurgia e em medicina de senhoras. Estabeleceu-se em Nova Barcelona já com algum capital acumulado. Organizou clínica chique e filiou-se à Santa Casa.

Festa da década, foi seu casamento. Depois, algumas semanas imediatamente depois do casório, descobriu

prazer no sexo e gostou tanto da coisa que logo recrutou círculo de amantes: passou a sustentar a secretária e a enfermeira que contratara e das quais conseguira arrancar fidelidade incondicional. Eram escravas dele; as duas, pressurosas, serviam-lhe em qualquer serviço.

Depois dos primeiros anos de clínica meteu-se na política, resolveu chefiar a oposição, agrupamento sem liderança consolidada, anteviu oportunidade de despontar-se déspota neste espaço espinhoso e delicado. Os opositores que lhe precederam ou foram cooptados - comprados com favores - ou liquidados. Ele tinha coragem e paciência para esperar. Não se venderia, pretendia assumir o comando e desbancar a penca anacrônica de coronéis que ainda pontificavam desmandos. Mas, sobretudo, nunca se deixaria assassinar. Planejava, seguro de si mesmo, toda a extensão provável de sua vida inteira.

Com a mãe cultivou ambigüidades. Zelava pelo bem-estar dela, mas a escondia da vista de todos. Sequer a convidou para o casamento. Escolheu moradia confortável para a velha e para a irmã, em São Paulo, a setecentos quilômetros do seu próprio teatro de operações. As duas aceitaram cordatas, porém o frio e a garoa as adoeceram. E elas voltaram ao velho chalé empanturrado de badulaques. Voltaram, para desespero e desgosto do doutor Aristóteles.

Alba era a desconfiança em cristal purificado. Assistiu à Gilda dura, quase petrificada em sua cadeira durante as duas horas inteiras de projeção. Na saída, Dionísio a conduziu educado todo o trajeto do corredor. Quando ele segurou-lhe o braço, ela o fulminou com olhar de reprovação. Parecia uma profetiza enfurecida. No entanto, Dionísio aprendera a distinguir a falsa indignação. Apostou na existência de outro desejo que o moralismo sufocava e acertou na mosca. Ele insistiu em segurá-la pelo braço apesar do repelão inicial e a moça acalmou-se pacificada.

Ele gostou imediatamente de Alba. Resolveu salvá-la de Nova Barcelona, recuperá-la para a vida, a qualquer custo. Exceto o de um casamento. Isso não, ele nunca chegaria a tanto. Planejava sacudi-la mostrando-lhe prazeres pequenos, quebrar a crosta em que aquela mulher fora aprisionada e, sobretudo, demonstrar-lhe a inutilidade da peleja que disputava com sombras. Ela jogava com fantasmas, todos seus supostos adversários cuidavam mais de suas vidas do que daquela desavença maluca em que somente ela se empenhava com vitalidade total.

Habituararam-se a conversar. Dionísio procurava abrir-lhe novos horizontes. Falava-lhe de São Paulo. De mulheres independentes. Professoras, médicas ou comerciantes, muitas cuidando da própria existência. Descrevia-lhe a vida na capital: restaurantes, passeios pelo Parque Ibirapuera, lojas de departamento e a beleza da vida na Universidade de São Paulo, um pedaço da França enfiado no Brasil.

Embora ele a houvesse forçado naquela saída do cinema, não a obrigou a novas intimidades. Calculou que não seria prudente, tanto do ponto de vista psicológico, quanto político.

Em pouco tempo, Alba abriu-se insegura à influência do rapaz e a sua eterna desavença com o pai foi perdendo sentido e sabor. Certo dia, ela olhou-se no espelho e

não gostou do que viu. Endireitou a coluna, procurou antigo professor de ginástica e pediu-lhe orientação corporal. Lavou o rosto, jogou metade dos cremes e das tintas fora e inventou maquiagem bem mais suave e apropriada para sua idade. Logo, lhe foram reaparecendo alguns traços naturais ainda sobreviventes: renascia-lhe uma beleza glacial e branca.

A alegria voltou ao seu rosto. Sorria fácil e brincava inteligente. Pediu ao pai que conseguisse sua nomeação para professora. Terminara o normal e nunca trabalhara, agora se resolvera. Dr. Zé Pedro a olhou desconfiado:

- Pra que minha filha? Não precisamos de dinheiro. Até parece que falta alguma coisa aqui em casa. Você está precisando de algo? Diga-me.

- Não - respondeu firme -, não é pelo dinheiro. É por mim mesma. Me fará bem trabalhar. Saio pouco, trabalhando aprenderei coisas. Quase nunca espaireço a cabeça. Se continuar trancada aqui, enlouqueço.

- Mas princesa, isto é pra filha de algum Zé Ninguém, nós não precisamos.

- Pai, eu quero. Quero muito.

- Tudo bem.

Três meses depois da nomeação, Alba convidou Dionísio para um piquenique.

Para ele foi um transtorno, costumava encontrar-se com Dona Semerene domingo pela manhã, no horário da missa das dez, mas trocou tudo. Agradava-lhe a missão que se impusera de recuperar Alba.

Imaginou um encontro social movimentado. Violão, mesa com farofa e frango e brincadeiras de salão no meio do campo. Qual não foi sua surpresa ao encontrar Alba sozinha, toda paramentada em traje esportivo e com uma cesta cheia de sanduíches e refrescos.

- Iremos com quem mais?

- Ora... com ninguém mais. Qual o problema? O senhor tem preguiça de caminhar?

- Não, você sabe... e seu pai? O povo comenta, fala muito e...

- E daí? Estou seguindo seu conselho. Aprendo a viver sem considerar a opinião dos outros. Fazer o que me desse na telha. Pois então...

No morro da onça, debaixo de um jatobá imenso, Alba estendeu toalha sobre o capim. Ceiaram e conversaram. Falaram sobre tudo. A manhã esteve esplêndida. Azul suave, brisa leve. Assentados cerimoniosos, um em cada ponta do forro xadrez, estiveram até o entardecer.

Alba estava linda. Calças apertadas ressaltavam-lhe os tornozelos grossos e moldavam-lhe o corpo delgado e atraente. Ela arrancara os sapatos e soltara os cabelos. O calor e a subida lhe haviam acendido vermelho esfogueado nas faces. Dionísio, à custo, concordara em tirar o paletó de linho branco.

- Dionísio, você me ensina a beijar...

- Pelo amor de Deus, menina. Você ficou louca?

- Não vem cá... por isso inventei este convescote. Como sou considerada louca, caso perdido, solteirona, ninguém se atreveu a me proibir. Quero aprender a amar, cismeique não precisaria disso, que nunca poderia entregar-me a alguém. Mudei de idéia. Quero aprender a beijar. Venha.

- Mas, Albinha, veja minha responsabilidade.

- Nenhuma, Dionísio. Sei de suas histórias. Da Dona Semerene, da Ernestina, não quero me casar com você, eu perderia o melhor amigo que já tive em toda minha vida. Toda. Responsabilidade nenhuma, quero abraços e beijos. Um treino pro futuro, quem sabe...

- Meu Deus, Albinha, como você mudou. Ficou forte. Somente por isso já valeu a pena mudar-me aqui pra Nova Barcelona.

- Vem... -, e eles ficaram treinando até o anoitecer.

Alexandre dos Santos das Neves era tio de Netinho. O velho combinava hedonismo grosseiro com crueldade refinada. Apesar de ser o irmão mais novo do coronel Hermógenes Oliveira das Neves Filho, aparentava mais idade. Engordara bastante e adquirira aspecto grotesco. Dificilmente controlava arrotos, espirros encatarrados ou peido. Bufava dispnéico ao menor esforço e baba lhe escorria fácil das dentaduras bambas.

Comia, bebia, fumava e fazia sexo desbragadamente. Sem meias-medidas. Em virtude da magnitude e constância destes excessos, fora perdendo autocontrole. Alguns dos seus mecanismos cerebrais, certamente, se haviam degradado e, em conseqüência, com o tempo, diminuía bastante sua coordenação motora. Caminhava com passinhos miúdos, um bem próximo do outro, e não podia deslocar-se sem que a velocidade da sua marcha fosse aumentando progressivamente. Protegia-se dessa deficiência se agarrando a coluna, árvore ou pessoa que porventura o detivesse em suas loucas disparadas.

Como muitos outros em Nova Barcelona, funcionava com a regularidade de um relógio. Levantava-se às seis, fazia a primeira refeição e às sete e trinta estava abrindo a coletoria de impostos, repartição que chefiava há trinta anos. Almoçava em casa às onze e trinta, dormia sesta e reabria as portas de ferro do seu serviço às duas horas.

Às cinco fechava o boteco. Houvesse o que houvesse para fazer, às cinco ele encerrava o expediente: interrompia seus auxiliares e dispensava os clientes, ordenando-lhes que retornassem no dia seguinte. Nunca transigia com a regularidade de seus hábitos.

Ao fim da tarde, sempre o esperava uma charrete de aluguel. Aboletando-se com dificuldade no banco alto, apenas olhava de esguelha e o condutor o levava à casa de Dona Maria Adelaide. Costumava ser o primeiro freguês. Cada mês elegia uma franga nova para desopilar-se. Cada intercurso tomava-lhe dez minutos. Em geral,

não se despia - era-lhe custoso -, apenas desabotoava a braguilha. Procedia com tal precisão que às cinco e quarenta saía à rua, tomava a charrete que o conduziria ao sossego do seu lar, e onde o esperava um banquete preparado pela dedicada esposa, Dona Maricota das Neves.

Apesar de comportar-se como um fauno envelhecido, era estritamente moralista quando julgava os demais conterrâneos. Sem filhos, Dona Maricota adotara Netinho como sobrinho preferido, cumulando-o de agrados. O marido, entretanto, implicara com o rapaz e alardeava abertamente que o sobrinho doidivas seria a vergonha da família das Neves. Um degenerado, preguiçoso, maricas e desonesto, ele não economizava adjetivo ruim para qualificar Netinho. Freqüentemente divulgava segredo guardado com pudor no âmbito familiar. Assim, esparramara versão cômica sobre a incontidência urinária do sobrinho. Dizia: aquele mijão é um desavergonhado, mimado pela mãe, e a vida dele é sinuca, putaria e sono, nada mais.

O caçula das Neves o evitava, ruminando vingança à distância.

Certa tarde, o rapaz convidou Dionísio para novo espetáculo. Arranjara tudo de antemão, oferecera gorjeta ao charreteiro para que abandonasse o velho Alexandre no puteiro alegando imprevisto familiar urgente. O condutor aceitara fácil a oferta, também curti antipatia antiga pelo modo rude como o coletor o tratava.

Netinho sabia que em tais circunstâncias o tio iria embora à pé. E assim aconteceu também daquela feita. Terminada a 'desopilação', Alexandre se abalou ladeira abaixo para sua casa.

A casa de Dona Maria Adelaide ficava no alto de uma encosta, quase fora do traçado urbano. Seu Alexandre vivia à beira do riacho que dividia Nova Barcelona em duas metades. O trajeto a ser vencido pelo sátiro era uma ladeira toda calçada com paralelepípedo escorregadio. Para compensar sua deficiência o velho descia pela calçada de pedra segurando-se em quanto poste de iluminação encontrasse.

Ele iniciou a caminhada com cuidado, mas foi ganhando velocidade. Quando estava já quase em franca carreira agarrou-se a um dos postes e assim foi descendo

o morro rumo à sua casa, a cada duzentos metros abraçava-se a algum destes providenciais ancoradouros.

Netinho estudara meticoloso os hábitos do seu arquiinimigo e conhecia cada detalhe do percurso diário de seu tio. No meio do caminho, entre o bordel e a casa do velho havia uma pracinha. Netinho e seu convidado curioso se assentaram em um dos bancos com vistas para a rua Bernardo Guimarães, pela qual, em breve, ele trafegaria.

Às cinco e cinqüenta, em ponto, despontou Seu Alexandre das Neves com seu andar de boneco mecânico. Descia desabalado, abraçando cada poste encontrado pelo caminho. Conforme Netinho previra ele vinha pela calçada.

O sobrinho sorria enlevado, ar beatífico e angelical.

E lá em vinha Seu Alexandre, desatinado, correndo, em disparada, cada vez mais veloz e súbito... ele derrapou, escorregou, rodopiou o corpanzil e, sem um único mugido, estatelou-se no chão, esparramando-se inteiro no passeio de pedrinha ajuntada.

Dionísio levantou-se pronto a socorrê-lo. Netinho o reteve, puxando-o pela manga para esconderijo atrás de alguns arbustos e lhe explicou:

- O velhaco não merece compaixão nem ajuda. A cena continua: o belzebu não se levanta sozinho, ficará jogado sem pedir auxílio a ninguém, é muito orgulhoso.

- Mas o que foi que aconteceu?

- Nada, bolinhas de gude no chão. Nada mais.

Em Nova Barcelona quando alguém mencionava a palavra cultura, em geral, referia-se à terra fértil. Os pedaços mais áridos eram denominados de campo cerrado. Cultura da boa significava apenas uma mancha de mata ancestral, trecho com árvores altas e solo escuro. Os campos eram extensas planuras recobertos de vegetação baixa e retorcida e considerados imprestáveis para o cultivo seja lá do que fosse. Quase inúteis para pecuária e inaproveitáveis para a agricultura. Não valeriam nada, esses campos cerrados.

Assim sendo, a notícia caiu como um raio em céu azul: Dionísio comprara dezenas de alqueires considerados de segunda. Pagara pouco, mas o terreno era arenoso e empedrado. Pertencia a uma viúva que para sobreviver fora vendendo retalhos de sua fazenda. Com os anos, restara-lhe apenas pedaço calcinado. Quase na miséria, praticamente cedera a gleba ao comprador.

A surpresa aumentou ainda mais quando ele começou a plantar milho em fevereiro, época em que todo mundo já o colhia. Os mais experientes comentaram irônicos:

- Coitado, vai perder tudo com a seca. Estes paulistas são loucos.

A estupefação transformou-se em censura ao descobrirem que ele contratara Nazareno como capataz. Nazareno de Deus era o comunista mais notório da cidade. Na juventude, estudara agronomia em uma escola técnica norte-americana. Consta que aí fora recrutado para o partido. Depois, teria viajado para o exterior, chegando a freqüentar escola de quadros na União Soviética. Com a democratização em quarenta e cinco, regressara a Nova Barcelona. Organizara células de trabalhadores pelos bairros e conseguira alguns aliados entre a população negra. Os padres franciscanos e os fazendeiros o combatiam sistematicamente. Acusavam-no de violência, de crueldade e de preocupação obsessiva em tomar terra dos outros. Crime considerado imperdoável quando praticado pelos pobres; porque os ricos, em Nova Barcelona e

arredores, a quase duzentos anos, não praticavam outro afazer.

Nazareno, de fato, era sangüíneo. Perdia fácil o controle e já fora preso em uma vintena de ocasiões. Entretanto, nunca ninguém montara processo formal contra ele que sempre acabava solto logo amainava a situação política. Na realidade, ele gostava muito mais do trabalho com a terra do que com os homens e sabia mais sobre o campo do que qualquer outro agricultor da redondeza. Estudara e conhecera o mundo. Adorava seu trabalho e trabalhava como um capitalista carola.

Dionísio acreditou nas teorias dele. Durante certa noite de cerveja o militante lhe demonstrara, cientificamente, que se poderia aproveitar o cerrado para a agricultura e, mais, que, apesar do ano se dividir em tempo de chuva e de seca, seria possível colher milho fora de estação. Em julho, agosto e setembro; na entressafra eles teriam milho verde. Ganhariam muito dinheiro, plantando milho e feijão ao mesmo tempo. Irrigação e adubo. Terreno de encosta baratearia o empreendimento. Não haveria necessidade de bombeamento da água. Com este propósito, Dionísio negociara com a viúva. Apostara nos modernismos do esquerdista e não se arrependeria.

Em alguns meses a plantação ocupava toda a serra que circundava a cidade. O tapete verde do estrangeiro e do comuna incomodava a visão da maioria das pessoas de bem. Apenas os mais dados a novidades se entusiasmavam com a experiência. Dr. Aristóteles não poupava elogio à iniciativa. Entrevira potencialidades econômicas promissoras; mas, sobretudo, procurava arrebanhar votos para a eleição que se aproximava.

Seu Antônio Mariano também admirara-se com a obra. Foi pessoalmente conhecer o sistema de regos que Nazareno inventara aproveitando o próprio declive da serra, não gastara quase nada. Sequer usava bomba ou canos, apenas canaletas no solo e um olho d'água natural. O técnico caminhou orgulhoso ao lado do fazendeiro, explicando-lhe cada detalhe como se narrasse uma batalha em que fora vitorioso.

O velho Mariano sugeriu uma comemoração. Que Dionísio organizasse uma festa: uma pamonhada em julho.

Ele ofereceria sua própria casa na cidade, emprestaria. Era mais espaçosa, quintal amplo.

Dr. Aristóteles vendeu a imagem de que o espírito industrial de São Paulo finalmente chegara a Nova Barcelona. E desembarcara na figura de um imigrante italiano. Procurava difundir a idéia de que somente ele, como futuro prefeito, conseguiria subverter a estagnação econômica em que Nova Barcelona mergulhara há dezena de anos. E conseguiria façanha de tal envergadura apoiando projetos ousados como aquele.

Assim, a festa da pamonha transformou-se em festival da oposição. Todos foram convidados, compareceram aliados do médico cirurgião e miríade de amigos das mais diversas classes e condições sociais que Dionísio fora ajuntando. Fazendeiros, loucos, boêmios, poetas e funcionários, todos se confraternizaram na comilança que cruzou um domingo inteiro.

Dr. Aristóteles apareceu na delegacia liderando um comitê de cidadãos indignados. Exigiam que o delegado prendesse os irmãos assassinos.

O médico fomentara a revolta popular de propósito. Os suspeitos de parricídio eram gente do Nhonhô. Colocá-los no xadrez seria desmoralizar o cacique. Ademais, um dos seus principais aliados fora liquidado. Cabia-lhe defendê-lo, fazer da morte dele uma bandeira de sua campanha eleitoral: Nova Barcelona poderia viver melhor se bandidos e coronéis fossem banidos.

Com esse plano premeditado, saiu da Santa Casa descrevendo detalhes mórbidos da necropsia que realizara no corpo semi-rígido do velho Mariano. Fora emboscada, afirmava. O defunto conservara expressão facial neutra, quase distraída. Tiro certeiro no meio da testa, fulminante. Serviço de profissional do crime. Jagunço contratado. Quem poderia estar interessado em matar o velho Mariano, um homem tão trabalhador e honesto. Ninguém, exceto os desatinados dos filhos. Crime hediondo. Ladrão, nem pensar. Nada havia sido surrupiado. Toninho Mariano alardeara sua intenção maléfica. Seu Mariano acertara com o escrivão a feitura de novo testamento. O velho o convidara para assinar como testemunha. Os filhos estavam cientes desta intenção do pai, deveriam também comparecer ao cartório. Não havia dúvida, o delegado deveria prendê-los para investigação. Se é que já não haviam arrepiado fuga pelo cerrado.

No aperto, o delegado deixou escapar que ainda não consultara Seu Nhonhô e que haveria que aguardar sua opinião.

- Deixe de quê e não sei quê, homem! Desde quando prefeito é autoridade policial. Por favor, o povo desta terra não suporta mais conviver com a impunidade e com a violência.

- Eu não posso prender os meninos assim sem mais nem menos. São pessoas de bem e...

- Pelo menos os interrogue, proceda às diligências normais. Verifique se têm algum álibi, alguma alegação que os inocente. Corre um boato, parece que Marianinho se trancou em casa. Armado e protegido por capangas. Já o irmão, fugiu. Praticamente estão se confessando culpados.

- Tá bem, doutor. Me dê um tempinho e vou à casa deles.

Afobado, o delegado chamou cabo Joaquim José à parte.

- Cabo corra, procure Seu Nhonhô, diga que a coisa ficou preta. Os moleques do Mariano estão complicados e não posso protegê-los a vida inteira. Mas, segredo, cabo. Missão secreta. O coronel está na casa da Tarcila. Seja discreto.

Seguido à distância pela turba, o delegado dirigiu-se para o casarão dos Marianos. Era uma construção antiga, de adobo, sem nenhum conforto moderno. Havia dois marmanjos estacionados na porta que dava para a rua. Ao lado deles, espingardas de caça ao alcance da mão. No mourão meia dúzia de cavalos atrelados. Os arreios postos indicavam prontidão.

O delegado se acercou prudente. Ordenou a soldadesca que o aguardassem na praça, uma dupla em cada esquina e três na rua que cruzava o fundo da casa sitiada.

- Bons dias, preciso falar com Seu Marianinho, agora. Coisa urgente, de parte da lei. Sobre a morte do velho pai dele.

O jagunço queria mais era sangrar o palhaço, não custaria nada e seria quase reflexo natural, mas o chefe não gostaria. A ordem era receber o delegado em paz caso ele viesse sozinho. O sentinela deu uma cuspidela no chão, assuntou a situação em torno e entrou. Não demonstrara qualquer evidência de que notara a existência do delegado. Era seu modo de vingança, sequer reconhecer a materialidade do outro.

Três minutos depois voltou. Que entrasse, berrou.

Para surpresa do delegado, recebeu-o bastante irritado o próprio coronel Nhonhô.

- Uai, pensei que o senhor estivesse na casa da Tarci..., na fazenda.

- Idiota... que confusão, agora você virou paumandado do Totó. Bota essa vagabundagem pra correr e volte aqui.

- Mas...

- Diga que você já intimou os dois pra interrogatório. Mataram o pai deles, afinal. Convoque dona Ernestina. Todo mundo que possa prestar algum esclarecimento. Ainda não sei quem, mas descobriremos alguém pra assumir a responsabilidade, este crime não pode ficar sem culpado. Tá entendendo.

- Mas... e o Toninho, ele fugiu.

- Já o mandei buscar de volta. Em meia hora os irmãos estarão na delegacia. São os principais interessados em esclarecer tudo, os dois. Tá me entendendo. Os dois, inocentes e preocupados em vingar o pai. Não seja idiota. Saia, disperse essa cambada, exerça sua autoridade homem, pelo amor de Deus. Uma cachacinha pra dar coragem. Maria... sirva o delegado, aqui.

O velho Hermógenes Oliveira das Neves Filho fora um dos homens mais poderosos de Nova Barcelona.

Três fazendas, duas cheias de gado zebu e outra, imensa, inexplorada. Rico de dinheiro e de apetites, mantivera três famílias.

A oficial vivia no sobrado azul-celeste, o coronel mandara construí-lo no início dos anos trinta. Gastara tanto que o edifício se transformara em peça turística apontada por todos como demonstração do bom gosto barcelonês. Ali reinava Dona Henriqueta, esposa legítima, que escolhera pintar as janelas em vermelho vivo ao contrário do costume cinza então considerado de bom-tom.

Na Onça-preta, a mais erma de suas estâncias, sustentara mulher vinte anos mais jovem com quem tivera cinco filhos. Aparecida, sua amásia, nunca fora autorizada a cruzar os limites da propriedade do coronel.

Na cidade, ainda comprara um chalé discreto para onde levou Dona Soledade, amante que descobrira em um dos bairros de Nova Barcelona. Diziam que ele a conhecera mãe-solteira de um menino de dois anos.

Com a idade, coronel Hermógenes fora perdendo controle sobre o império que comandava. Espaçou visita às amantes, descuidou-se dos negócios e passava a maior parte do dia ou trancado no seu quarto no fundo do sobrado, ou tomando cerveja com amigos no armazém do Giovanni.

Nunca reconhecera a paternidade dos cinco moleques da Onça-preta, tampouco eles tentaram qualquer ação judicial. Cresceram brutos e ignorantes. Dois ajustaram-se como jagunços e os outros três se perderam mudando de pouso a cada colheita de milho ou de arroz.

Dona Soledade, traumatizada com a primeira barriga indesejada, aprendera a se precaver, não mais voltando a se engravidar do velho coronel. De qualquer maneira, nunca se esclareceu o mistério da concepção de Aristóteles. Alguns o tinham como filho de Hermógenes. Confirmavam esta teoria comentando a semelhança física

entre Zé Pedro e Totó, crianças da mesma idade e um o focinho do outro, conforme atestavam as más línguas. Outros, contavam outra história. O coronel conhecera Dona Soledade já grávida, futura mãe-solteira, trazida pela avó que resolvera socorrer-se da generosidade do fazendeiro. Hermógenes se apaixonara pela moça e montara casa para ela, zelando para que o parto transcorresse bem.

De qualquer modo, da prole de Dona Henriqueta também ele pouco zelou. Foi um pai frio, distante, severo e quase grosseiro. Quando se acercava dos filhos era para repreendê-los, freqüentemente aplicando-lhes sovas sádicas e impiedosas. A mãe nunca tentara mitigar o peso do corrião paterno sobre o lombo da filharada. Não que concordasse com a filosofia educacional do marido. O quanto o pai valorizava a disciplina, Dona Queta a desconhecia. Era sonhadora, avoada e passava os dias recordando-se do passado. Fora uma das raparigas mais formosa das redondezas, disputada pelos casadoiros de sua época, escolhera Hermógenes encantada pelo seu charme, cultura e hedonismo. Herdeiro de terras, mesmo assim ele fora mandado ao Rio de Janeiro para estudos. Voltara com o curso de direito incompleto, mas com formação esmerada em boêmia e boa-vida. Compusera com Henriqueta o par mais badalado da primeira década do século vinte. Durante anos agitaram e escandalizaram o pequeno círculo da alta-sociedade de Nova Barcelona. Eram alegres, festeiros, organizavam passeios, saraus musicais e literários. Promoveram peças de teatro e artistas locais. Foram a alegria da cidade.

Depois, já homem feito, Hermógenes apaixonara-se pelo trabalho no campo. Esquecera-se da mulher, das conveniências da alta-roda e virara um camponês quase igual ao primeiro dos Hermógenes. Em pouco tempo, Dona Queta soubera das amantes, dos filhos ilegítimos e, para sempre, se trancara contra ele.

João caminhava altivo ao lado de Humphrey Bogart.

Depois do cinema as pessoas orbitavam em torno da praça ajardinada. Os rapazes quedavam-se em pose de figurino e as moças caminhavam em exposição distraída. Vai-e-vem. Namorados escondiam-se debaixo das árvores para as últimas carícias da noite.

Mais tarde toda essa multidão se dispersaria como se houvesse um silencioso toque de recolher. Apenas boêmios continuavam pelas ruas quase desertas.

Naquela noite, Dionísio trocara a observação das belezas pela companhia de João. Cruzou a praça com o louco à tiracolo em direção à confeitaria do Righetto.

No cine Real era obrigatório o uso de terno e gravata. Porém de João tolerava-se excentricidades. Usava apenas camisa e calças curtas que mal lhe cobriam as canelas. Casaco ou gravata, ele nunca as envergara. Culminava a impropriedade de sua indumentária os pés descalços. Mas dele aceitava-se muita coisa, até que freqüentasse o cinema vestido como se fosse um jogador de capoeira.

Na confeitaria Dionísio escolheu mesa central. Cumprimentou o gerente do banco do Brasil e sua esposa, dona Semerene, e ajeitou solícito cadeira para o companheiro. Ordenou dois sanduíches e uma cerveja. Serviu generoso copos espumosos, mas João negou ajuizado:

- Seu artista, sinto muito, mas não posso beber. Me esquenta a cabeça, aceitaria um guaraná.

- Um copo só, João. Pra me fazer companhia, um copo não faz mal a uma mosca, um copo.

- Se o senhor, tão sábio, vindo dos Estados Unidos, me receita cerveja, quem sou eu pra duvidar, acredito.

Em trago único, ele esvaziou o copo. Limpou a espuma do beijo com a mão e, com lentidão estudada, comeu seu lanche.

A caminho do banheiro, Dona Semerene deteve-se um instante diante da mesa deles, murmurando raivosa:

- Então... o senhor Dionísio rebaixou-se tanto que anda com a ralé agora. Doidos e putas...

Dionísio pensou em responder; mas distraiu-se reparando João, o preocupara a reação que teria àquela ofensa gratuita. O ressentimento de Dona Semerene se agravara desde que ele resolvera abandoná-la. Alba, Ernestina e a as farras na casa de Dona Maria Adelaide já lhe ocupavam suficiente tempo.

- Ela está morrendo de ciúme do senhor. Não sabe que artista não tem dono. Dona Semerene queria me ofender, não Seu Bogart?

- Não, João. A briga é comigo. Não fui a uma festa na casa dela e aí... você sabe como são estas coisas.

- O senhor pensa que eu sou doido?

- Maldade dela, João. Maldade.

O convidado conservou-se calado durante o resto da refeição. Depois, levantou-se pomposo e agradeceu mais de dez vezes a gentileza que recebera. Tanto desmanchava-se obsequioso, que Dionísio o interrompeu:

- Está bem, está bem. Somos amigos e a um amigo não se deve obrigação. Gosto de você e pronto. Certo?

Somente então João terminou com os salamaleques e saltitando voltou para sua casa para dormir.

Quando Dionísio viu Ernestina pela primeira vez ele sentiu que a vida ganhava novo significado. Durante a festa, ele atribuíra sua euforia ao momento glorioso que o consagrava como membro da mais fina sociedade de Nova Barcelona. Mais tarde, sozinho no hotel, ele percebeu o equívoco. Ernestina distante provocava-lhe asfixia.

Desde aquela pamonhada, Dionísio deliberou aproximar-se mais ainda de Antônio Mariano. Assim, pelo menos, poderia avistar-se com a mulher dele sem levantar suspeitas.

Assumiu toda a contabilidade do fazendeiro. Explicou-lhe mecanismo rendoso de investimento em ações e o modo de sacar financiamento agrícola a ser pago com juros irrisórios e que poderia ser canalizado para qualquer outro fim, inclusive para a mais pura agiotagem. Fizeram um contrato, pelo qual ele receberia dez por cento dos dividendos que auferissem. Em função destes negócios transformou-se em conviva diário da casa do Mariano.

Certo dia seu sócio o convocou. Assunto urgente, grave. Dionísio desabalou carreira para a fazenda do protetor. O velho Antônio Mariano o recebeu entre orgulhoso e preocupado:

- Meu filho, que negócio é esse de cobrar dívida ao coronel Nhonhô. Você enlouqueceu ou foi o quê?

- Não, Seu Antônio, veja bem...

- Meu filho, tem uma coisa aqui que é diferente de São Paulo, e se você se esquecer dessa pequena diferença a sua vida não valerá um tostão. Aqui o pessoal resolve desavença no tiro ou na ponta da faca. E, quem tem poder, e o coronel é poderoso como o diabo, contrata bandido pra fazer o serviço. Mexer com o coronel é procurar chifre em cabeça de cavalo. Você não ganhará nada e ainda se arrisca a perder a vida, ou a levar uma boa surra, na melhor das hipóteses.

- Seu Antônio, eu cobreí do homem na maior educação. Fiz um serviço pra ele, como faço pro senhor e

ele não me pagou e, então, normal, resolvi buscar o que é meu. Veja...

- Quem precisa de óculos aqui não sou eu, quase cego pela idade, mas o senhor que ainda é tão jovem. Mire e veja muito bem o senhor. O coronel faz e desfaz nessa cidade. Não vale a pena brigar com o homem, quanto mais sozinho, sem apoio, como seria o seu caso. Dr. Aristóteles está armando oposição contra ele, coisa estudada, cuidadosa, eu até ajudo, debaixo do pano. Porém entrar em conflito aberto com o prefeito é loucura, loucura rematada, não é verdade Ernestina?

A mulher do fazendeiro chegara-se para servir café e ficara na escuta, fingindo ajeitar forros e vasos esparramados pela sala-de-estar. Percebia-se que estava preocupada. Seus imensos olhos arregalados não se despregavam de Dionísio.

- O que Mariano, o quê?

- O nosso amigo aqui, cismou de cobrar dívida ao velho Nhonhô. Cismou, vestiu um terno, bateu na porta, sentou-se na mesa dele e, diante da capangada, exigiu pagamento. Dívida que nem documentada foi, conversa de boca, sem testemunha. Ara...

Sem jeito, olhando fixo para o chão, Ernestina arriscou um palpite:

- Vale a pena não, vale não, Seu Dionísio. Vale não, não há dinheiro que pague uma vida perdida.

- E depois, Dionísio, que negócio foi esse de exigir cinquenta por cento do prefeito. A cidade inteira sabe que o seu preço é de dez por cento. Taxa de administração como o senhor fala. Por que dele...

- Não, veja, um dia o pão-duro me chamou. Soubera que nós dois, que o senhor e eu estaríamos ganhando muito dinheiro. Acredito que o gerente enredou, fez algum mexerico que despertou inveja no coronel. Ele me convocou praticamente exigindo que eu trabalhasse pra ele. Como não sou tonto, disse que tudo bem. Até me alegrei, um pouco. Afinal, era um reconhecimento da minha habilidade. Mas o homem não quis correr risco. Eu expliquei tudo. A necessidade de um gasto inicial, depois a influência política junto ao gerente pra conseguir bons negócios. Mas não, ele não quis saber.

- Como assim - perguntou Mariano, depois de despachar Ernestina - vai, vai mulher, cuidar da nossa bóia e traga um gole da amarelinha.

Dionísio a acompanhou com rabo de olho, Ernestina se aproximara invadindo-o com o halo oloroso do seu corpo e foi quase uma dor física percebê-la afastar-se.

- Bem... bem. Seu Antônio Mariano... ando cansado, não sei de quê. Bem, ele exigiu que eu entrasse com toda a gaita, ele entraria apenas com o tráfico de influência. Pois bem, a grana investida foi toda minha. Um teste, ele me falou, vamos ver se está mágica funciona. O dinheiro era meu e foi aplicado no nome dele, pro banco facilitar as coisas. Pois bem, neste caso eu combinei outra parceria, meio-a-meio. Justo e lógico. O coronel concordou, nem tugiou, nem mugiu. Não reclamou, não deu um pio de discordância e agora...

- Agora o quê?

- Bem, ele não me devolveu sequer a parte que coloquei na sociedade. Não falo do lucro, que nem sei em quanto montou. Reclamei o que entreguei a ele. Nem um centavo a mais. Por isso fui até a casa dele. O homem me recebeu bem, escutou, balançou a cabeça em sinal de concordância e quando eu imaginava que se levantara para me pagar, ele ficou de pé me olhando com cara de pena, de dó. Aí, me perguntou, o rapaz não é da terra, não conhece os costumes, mas deve se informar, quem é seu melhor amigo aqui, e ficou a repetir, quem é seu melhor amigo. Respondi na lata: o Senhor Antônio Mariano. Então ele me falou, encerrando a conversa, pois então o senhor o procure, daqui uns três dias, que ele lhe esclarecerá sobre o que fazer e sobre o que o senhor nunca deverá mais fazer aqui em Nova Barcelona.

- Pois foi, amigo. O prefeito me procurou e pediu que eu lhe avisasse que ele não lhe deve nada. Ao contrário, o senhor é quem lhe deveria o favor de continuar negociando na praça. Se o senhor não se emendar ele promete acabar com tudo; proibirá negociantes, fazendeiros e bancos de fazer qualquer transação com o senhor. Ele não foi tão direto assim, como lhe conto. Mas a mensagem foi essa. Portanto, acalme-se, conforme-se. Diga-me, de quanto foi a sua perda?

- Uma mixaria de merda. Não é o dinheiro, é o orgulho, o senhor...

- Que orgulho homem, devagar a gente arma uma rasteira pra aquela fera. Estou pensando em dar uma mão, disfarçada, pro Totó.

- Pode contar comigo, com o tempo ainda recupero o perdido.

Doutor Generoso Bueno era todo coração embora fosse um crente fanático na força da razão humana. Acreditava na possibilidade das pessoas serem racionalmente boas, calculadamente generosas. Trinta anos de experiências ásperas não haviam alterado essa sua convicção básica. Permaneceu, ao longo de toda sua vida profissional, essencialmente otimista com o gênero humano.

Dizem que apenas quando ouvia referência ao nome do Dr. Aristóteles, ele se permitia alguns segundos de dúvida na humanidade. Porém, logo em seguida, recuperava a bonomia.

Naquele domingo de setembro, uma voz anônima o alertou pelo telefone:

- Toninho Mariano prometeu arrancar a pele do estrangeiro, em público, pelas ruas da cidade; espetáculo para envergonhar Nova Barcelona pro resto da vida. Já tranquei minhas filhas em casa. Somente o senhor, talvez doutor, consiga reverter a vingança maligna.

- Como? Quem fala?

- Não interessa, doutor. Um bando armado está a caminho da delegacia. Estão bêbados e vão esfolar o paulista, fazer picadinho dele, se o senhor não...

- Alô, alô, que merda, desligou...

Atarantado, Dr. Generoso saiu do consultório. Voltou correndo. Dionísio era gente da oposição, quem sabe Totó, Dr. Aristóteles, poderia ajudá-lo. Pegou novamente o telefone e, nervoso, gritou com a telefonista, que ela encontrasse o médico, que ela encontrasse seu rival, que descobrisse o homem que o humilhara, chamando-o de ignorante, ultrapassado, descuidado e assassino de enfermos, ele, sim, logo ele, descuidado! Falar com o capeta; falar, falaria até com belzebu, com o demo, se o assunto fosse salvar a vida de alguém.

Enquanto a operadora buscava o outro médico, ele correu os olhos pelo consultório decadente. Velho,

realmente sujo, ultrapassado. Livros sebertos, antigos, mas sujos de manuseados. Ele sempre se preocupara com seus pacientes, estudava sintomas, cada caso. Até se alegrara com o reforço, quando Totó retornara formado. Fora a estação recebê-lo, para quê? Desprezo. Luta de morte, o outro o atacava para destruí-lo, não lhe bastava o sucesso, a vitória. Não, ele o queria destruído, líquido, aniquilado.

- Alô, alô. A senhorita não o localizou, muito bem. Passe-me com a residência dele.

A campainha insistente e nada. Longas chamadas, tempo larguíssimo. Tempo se escoando. Uma voz sonolenta e irritada, resmungos.

- Dona Angélica. Bom-dia. É uma emergência, fala o Dr. Generoso... Sim, Generoso... Dr. Aristóteles?... Na fazenda, meu Deus!... Não, não é cirurgia, é o Dionísio. Há uma tentativa de linchamento, pensei que o seu marido e eu pudéssemos acalmar os ânimos, juntos... Corajoso, eu? Não; cumpro obrigação, nada mais. De qualquer forma, caso a senhora o encontre, avise-o. De minha parte, resolvi, vou até a cadeia.

Segurando com cuidado a barriga e forçando as perninhas curtas, o clínico desandou ladeira abaixo rumo à cadeia.

Dona Henriqueta mandou uma doméstica levar recado ao filho: que Zé Pedro viesse imediatamente ao sobrado, era urgente. A velha recusava-se a utilizar o telefone recém-instalado na cidade. Não confiava naquela geringonça, tinha certeza de que as bruacas das telefonistas passavam todo o tempo bisbilhotando conversas alheias. Assunto de família, somente em particular, não se cansava de repetir.

O filho apareceu no fim da tarde, depois de uma audiência no fórum.

O assunto era delicado. Alba procurara a avó pedindo-lhe ajuda. Pretendia conseguir autorização do pai para estudar em Ribeirão Preto. Odontologia. Mudar-se de Nova Barcelona, estabelecer-se como mulher independente, com profissão rendosa e tudo mais. A avó não só tentou dissuadi-la, como resolveu traí-la, enredando para o advogado o segredo da neta.

- Sua filha saiu à minha mãe. Biruta, sem senso prático. Veio aqui conspirar, implorou-me para convencê-lo a aprovar o plano amalucado dela. Imagine, pretende estudar odontologia em Ribeirão. Logo ela, que nem fritar um bife sabe, viver sozinha em uma cidade grande. Depois, dentista, mulher, mexer na boca dos outros, saliva, trancada no consultório com tudo que é marmanjo, não dá certo. Eu até perguntei se dentista-mulher poderia trabalhar só com criança. Ela me destratou, ah!, vó, não seja estúpida.

A idéia da odontologia apareceu de repente na cabeça de Alba. Pensara em sair de Nova Barcelona, mudar-se, para São Paulo, talvez. Mas como professorinha de curso primário seria impossível. Sobreviver com mesada do pai, nem pensar. Havia um primo, mais novo que ela, preparando-se para o vestibular. Tentara dois anos e fora reprovado nas duas tentativas. Naquele ano a família resolvera recambiá-lo para casa, assim poderiam controlá-lo melhor, vigiar o tempo de estudo do primo Alonso.

Um dia, Dr. José Pedro amanheceu com a boca inchada. Pulara da cama, xingando o mundo, com um maldita dor de dente. Vendo o pai naquela agonia, ela ligou uma coisa a outra. Estudaria com o primo, preparar-se-ia para vencer o concurso e ingressar na faculdade. Obstáculos, muitos haveria. Dentista não era profissão feminina e o pai não a aceitaria vivendo sozinha em Ribeirão. Por outro lado, havia perdido esperança de casá-la. Vinte e três anos era quase o ápice da curva fatídica, mais dois anos e estaria incluída entre as desenganadas de Nova Barcelona. Solteironas, daquelas de igreja, de terço e de amor somente em novela ou em livro barato.

Mas Alba saíra ao pai, à avó e ao avô Hermógenes. Gente turrona e determinada. Buscou a cumplicidade da avó. Mas se enganou. Enganara-se porque acreditara que as queixas sonhadoras de Dona Queta fossem lamentos verdadeiros. Quando, na realidade, eram tão-somente costume de reclamar, de mostrar-se insatisfeita em princípio, já que, no fundo, a avó escolhera, de fato, encerrar-se viva no túmulo azul que eram as paredes do seu sobrado. E a avó a traiu, contou seus planos para o pai que a proibiu de sair de casa. Desesperada, Alba implorou ajuda à mãe, ela lhe prometeu interceder junto a José Pedro, mas os dias foram passando e nada. Alba viu-se obrigada a interromper o programa de estudo que armara com o primo Alonso.

A tristeza voltou a habitar toda extensão do seu corpo. Dionísio percebeu o luto e perguntou-lhe o motivo.

Alba respondeu-lhe magoada:

- Merda, Dionísio. Você mostrou-me pedaços de um mundo que eu jamais conseguirei alcançar.

Ernestina marcara a memória de Dionísio com ferro em brasa. Determinado a conquistá-la, ele não pensava em outra coisa que não em se aproximar dela.

Na medida em que ganhava confiança de Antônio Mariano foi se assenhorando de direitos em relação à intimidade do casal. Acostumou-se a visitá-los sem convite ou mesmo sem qualquer aviso. Aparecia para o almoço, abancava-se, comia, proseavam os homens e depois ele se despedia. Fingindo interesse pelos negócios, ele não despregava os olhos da mulher do patrão.

As pernas roliças, o corpo esguio e forte, os olhos escuros, tristes, os seios discretos de Ernestina, tudo o enfeitava e confundia. Um filme interminável, todo compostos com imagens dela, lhe martelava todo o tempo dentro de sua cabeça. A depender de sua vontade, ele passaria horas na casa do velho Mariano. Não lhe importava que mal a pudesse encarar. Agradavam-lhe as mãos da amada. Dedos escuros, delgados, morenos, com unhas leitosas, longas; seres inquietos, agitados, as mãos dela movimentando-se na lida comum da casa. E as sobrancelhas, cerradas, arqueadas em toda extensão dos olhos, combinando com os cabelos, implantados em linha fechada em toda largura da testa estreita. A cabeleira negra dela, azulada como asa de pássaro-preto, e olorosa, sempre despreendendo perfume delicado e sutil, tudo isto turvava-lhe a visão e o entendimento.

Tão atarantado andava que deu para confundir a contabilidade do fazendeiro. O velho se ria despreocupado, dizendo-lhe:

- Trabalho intelectual também provoca esgotamento, cuide-se meu filho. O senhor anda variando acordado, isso é sinal de alerta. Pé no freio, vá mais devagar.

Dionísio desconversava contrafeito sem saber o que responder. De fato, estava dominado pela ansiedade, mas o velho Mariano seria o último com quem trocava alguma confiança.

Ernestina era enigmática. Aparentava indiferença aos suspiros dele. Entretanto, o seu corpo revelava mais, especialmente quando ela se acercava mansa, sempre a pretexto qualquer sem importância. Café, açúcar ou alguma encomenda, se ele fizesse o favor de providenciar. Sim, como não, ele sempre atendia os pedidos dela. Sem pestanejar. Poderia despachar por um mensageiro. Mas, não. Ele fazia questão, entregava tudo pessoalmente. Nestas ocasiões, o olhar dela fugia esquivo; mas, às vezes, a sua mão morena e delicada demorava segundos exagerados em aperto nervoso quando se cumprimentavam respeitosos. As palavras de Ernestina eram neutras, frias; porém, em mais de uma ocasião, deixara a perna boba perto, quase grudada na dele que tremia de paixão.

O marido prosseguia impávido, representando com solenidade o papel de senhor de terra e de gente. Inabalável e inescrutável em seus propósitos, sempre. Mas o velho não era tonto e percebia fogo no ar. No entanto, intuía que o amor de Dionísio por sua mulher era sério. Não percebia puro interesse por uma fêmea, havia sentimento honrado no amor do rapaz. Coisa respeitosa. A sua esposa, ele a notava confusa. Lisonjeada pela homenagem, como alguém poderia não estar? Porém, apesar da atrapalhação, parecia preocupada em nunca magoá-lo, a ele que a queria tanto. Percebia isso pelos gestos, pelo modo como Ernestina desconhecía a babação apaixonada do rapaz. Um jovem, mais conforme à idade dela, como não reconhecer? Admitia, moço inteligente, de futuro, sedutor, culto, conviver com ele era muito bom, experiência rica, todos riam contentes e animados quando se acercavam dele. Não cometeriam a besteira de desrespeitá-lo, então que se amassem, os dois. À devida distância, completava, tranqüilo e sentencioso.

Dionísio tocou o nariz enrugado de Alba.

- Pelo amor de deus menina, solte o corpo, levante as costas, o mundo não acabou. Inventaremos um plano, um modo de quebrar essa resistência estúpida do seu pai.

- Ah! Não sei. Até sonhei comigo vestida de branco, com uma broca elétrica na mão, era um consultório novinho em folha, todo esmaltado, e sentado na cadeira, alguém, um advogado, de terno, com a bocona escancarada, esperando ansioso...

- Calma, Alba. Não é possível cabeça tão dura, quem sabe se eu falasse com o doutor Zé...

- Nem pensar, só falta ele proibir nosso namoro, se ele descobre você interessado nesse negócio de Ribeirão, então... adeus viola.

- Albinha, alguém, deve existir alguém capaz de comover a dureza do seu pai, alguém que ele respeite muito, alguém que pudesse convencê-lo...

- É, a bruxa da mãe dele, a vó Queta, mas essa aí...

- Quem mais, não é possível, alguém que o influenciou, no passado, algum amigo, compadre, professor ou...

- Meus Deus do céu, como não pensei nisso antes. Dona Aparecidinha.

- Quem?

- Dona Aparecidinha, foi professora de meio mundo. Ela praticamente obrigou meu avô a mandar papai estudar fora. Vô Hermógenes queria o filho fazendeiro, e o meu pai queria mais era ser advogado, se formar, fugir da roça. Como o doutor José Pedro sempre tirara as melhores notas, fora um dos melhores alunos, Dona Cidinha encantou-se com ele, tomou as dores do aluno e foi à luta, tanto batalhou e insistiu que vovô cedeu. Meu pai a considera sua verdadeira madrinha. Vamos, agora mesmo, à casa da velha, agora mesmo, já.

Aparecida Gomes da Silva Correa era de idade indefinida. De tanto ludibriar a sociedade local, até

ela mesmo se esquecera da conta exata dos seus anos. Há vinte anos conservava o mesmo aspecto: uma senhora circunspecta, sempre de cinza ou de branco, cabelos amarrados em coque avoengo e óculos míopes com lentes esverdeadas. Aliás, apenas nos óculos se permitia algum esbanjamento estético. Usava um par ultramoderno, com armações brancas e três pedras de falso brilhante engastadas em cada um dos cantos que imitavam as orelhas de um gato egípcio.

Era estruturalmente conservadora, elitista e impiedosa com as fraquezas alheias. Não perdoava erro ou indisciplina. Levava vida espartana. Não obstante, costumava transferir aos seus alunos toda ternura reservada para os filhos que nunca tivera. Casara-se jovem, mas o marido morrera embriagado quando voltava de uma orgia com prostitutas. De tão bêbado perdera o equilíbrio, e fora arrastado quilômetros pela égua mal-amestrada que teimara em montar.

Murmurou-se, na época, que o homem morrera de desgosto ao não conseguir consumir o matrimônio. Os vizinhos maldosos relatavam que, durante quinze noites, ele perseguira a jovem esposa pelos cômodos da casa e que ela, fornida como sempre fora, conseguira impedir a penetração. Desgostoso, teria se metido em bacanal interminável. Uma semana depois, arrependido do desregramento, ele tentara voltar aos braços da esposa renitente. A desgraça teria acontecido no percurso entre o bordel e o seu novo lar. A viúva enterrou o defunto com as devidas honrarias, guardou o luto devido e, depois, nunca mais falou nele ou se interessou por qualquer outro homem. Dedicou-se por inteiro à educação dos jovens de Nova Barcelona.

- Dona Aparecidinha será a salvação da minha lavoura - bradou Alba, contente, agarrando-se ao braço carinhoso de Dionísio que a sustentava.

Seu Nhonhô Alencar de Castro teria uns cinqüenta anos, se tanto. Espigado, media metro e noventa. Caminhava tão empertigado que mais parecia um soldado prussiano marchando solene diante do imperador. Apesar da meia-idade, exhibia vasta cabeleira de um negro profundo, quase azulado. Suas sobrancelhas de pêlos hirsutos e escuros eram imensas e formavam longos traços retilíneos debaixo dos quais dois grandes olhos negros fitavam desconfiados o mundo.

Sua mirada oblíqua e magnética era famosa. Dizia-se que, como as cobras, ele seria capaz de hipnotizar qualquer um, escravizando o pobre desavisado à sua vontade. Por isto, muitos falavam com ele sempre com os olhos voltados para o chão.

Argumentava bem e expressava-se de maneira concisa e peremptória. Tinha voz metálica, porém agradável ao ouvido. Vestia-se sempre de escuro. Ternos pretos e azul-marinho eram seu traje habitual. Marrom com riscadinho branco era sua maior liberalidade e em ocasiões festivas permitia-se uma ou outra destas exceções.

Para muitos sua figura lembrava o capeta. Talvez pelas orelhas grandes e pontiagudas que lhe aparentavam saltar do crânio, houvesse lhe pegado o apelido de belzebu, o cão sarnento. Ou talvez fosse em razão de sua expressão sempre sisuda que alguns enxergavam nele traços diabólicos. Ou, mais provável, quem sabe, fosse pelo poder político que acumulara que alguns o comparavam ao diabo.

Na manhã logo depois do crime, cismando no janelão do quintal de sua casa, Seu Nhonhô armou carranca contrariada. Sentado diante dele o filho tomava café. E de tanto olhar aquele estrupício o prefeito teve uma idéia que lhe pareceu genial. Na verdade, ele não pensava no filho. Pensava no caso Antônio Mariano, planejava o destino que daria ao forasteiro, quando, vendo o filho, ocorreu-lhe um modo de resolver toda aquela confusão de maneira proveitosa.

Castrinho era o desgosto do pai. Não que fosse farrista ou mulhereengo. Ao contrário, nunca quisera saber de jogatina, de política ou de putaria. Era tímido, quieto e cuidava sossegado de um negócio que o pai lhe financiara. Era proprietário da primeira e única concessionária de automóveis da cidade. Vendia fordes e chevroletes aos fazendeiros e negociantes da região e montara uma moderna oficina para autos. Ganhava muito dinheiro, mas descuidava de apoiar o pai nas lutas políticas e isto mortificava o velho.

O coronel jogou sua lábria sobre o filho, iniciando a execução de plano que intuía enquanto mastigava calado o seu biscoito de goma.

- Ando preocupado com a pobre da Ernestina, muito preocupado...

Castrinho fora o primeiro namorado de Ernestina. Apaixonara-se por ela e nunca conseguira livrar-se daquele afeto. Na época, o Coronel não estimulava o casamento, a moça era de família pobre, desconhecida e morava em casa simples na periferia da cidade. Para afastá-los, Seu Nhonhô obrigou o filho a estudar no Rio de Janeiro e, durante cinco anos, impediu até que ele desfrutasse férias em Nova Barcelona. O moço procurou corresponder-se com a namorada. Escreveu-lhe pelo menos uma carta a cada semana, mas não encontrou constância igual na parceira. Pressionada pelos pais, que por sua vez eram pressionados pelo coronel, Ernestina viu-se obrigada a contratar casamento. Primeiro arranjaram-lhe um bancário tonto, um idiota completo, mas de futuro no banco, diziam. Ela escapou do pretendente graças à paixão do velho Mariano. Descobriu que o velho viúvo a queria e não foi difícil convencer a mãe, que argumentou com o pai, que explicou ao coronel Nhonhô as vantagens da nova relação. Seria um casamento afortunado, com um homem rico e que a respeitava profundamente.

Por tudo isto, Castrinho estranhou a conversa mole do pai.

- Sim, e daí?

- Não, os dois cachorros-loucos, filhos do Mariano, estão tentando envolvê-la com o assassinato do velho e eu pensei...

- Pensou o quê... pai?

- Não, os dois inventaram um bode-expiatório. O idiota do italianinho. Mas aqui entre nós, acredito que os mandantes do crime foram eles próprios. Ajustaram o Zé Índio, o homem foi certo e depois sumiram com ele. Quem sabe? O problema é que estão envolvendo Ernestina na trama, querem deserdá-la. Como esposa legítima ela teria direito a metade das terras e do gado do velho. Ela nunca foi amante desse forasteiro. Isto é mentira dos velhacos, o problema é que o escroto do paulista pode ser comprado, é um sujeito venal e, mediante algum pagamento, pode vir a acusar Ernestina, coitada.

- E... pai?

- Bem, pensei que você poderia visitá-la. Dar-lhe apoio em nome de nossa família, ela está vivendo momento de aflição, muita fofoca, você sabe como são as pessoas daqui, já começaram a murmurar contra ela. Visite-a, ofereça-lhe apoio.

- Sua opinião sobre ela mudou pai? Antigamente ela não servia pra mim, agora, que já foi usada, ela serviria?

- Não seja antiquado rapaz, casar-se com viúva não é desfeita pra ninguém, muito menos com viúva podre de rica.

- Ah!

Netinho dormia sossegado e levou um susto dos diabos quando acordou com o pai sacudindo-lhe o ombro. Que ele se lembrasse o coronel Hermógenes nunca entrara no quarto de nenhum dos filhos. Nunca, então... alguma desgraça cabeluda, na certa.

- Hermógenes, filho...

- Sim, papai... o quê?

- Seu amigo, o senhor Dionísio foi preso.

Com a idade o velho tornara-se lacônico, economizava gestos e palavras. Comunicava-se por monossílabos ou sinais curtos. Para entendê-lo havia que se lhe arrancar, com esforço, palavra a palavra.

- Preso?

- É preso.

A comunicação não fluía. Logo ao despertar Netinho também tendia para a concisão, uma letargia poderosa o paralisava durante a primeira hora de vigília. Contudo, a presença do pai o incitava a adotar comportamento mais decidido. Assim, sem bem atinar com o que se passava, fingiu interesse enquanto se levantava procurando o chinelo pelo assoalho do quarto.

- Ah! Preso, foi, papai, ele quebrou o puteiro, bebeu muito, o quê...

- Foi preso e está sendo acusado de assassinato.

O pai de pé diante do filho e o jovem ainda buscando algo perdido no chão, como se nada de sério estivesse se passando. Pura rotina, quem enxergasse a serenidade que os dois aparentavam.

- Ah! Droga, não encontro meu chinelo, que horas são, pai?

- Seis da tarde.

Resposta seca, apenas uma leve ênfase reprovadora no vocábulo tarde.

- Ah!

- Netinho...

O filho se emocionou, há anos não ouvia o pai interpelando-o de maneira tão afetiva, próxima. Tanto se comoveu que o sono se desvaneceu e ele conectou sentido

às informações fragmentadas que vinham penetrando em seu cérebro.

- Assassinato?

Com vagar o pai o informou sobre o corpo de Antônio Mariano encontrado com uma bala no meio da testa. O interrogatório dos irmãos Mariano, a interferência do Seu Nhonhô, a liberação dos dois suspeitos e a inesperada prisão de Dionísio. No hotel, aqui vizinho, dos Viajantes, Divino assistiu tudo, informava-lhe o pai.

- Mas, papai, quando aconteceu o crime?

- Ao certo, não se sabe. Mas Mariano saiu de casa cedinho, pela manhã, o encontraram pelo meio-dia, já com a boca cheia de formigas. Provavelmente, foi morto de madrugada, manhãzinha.

- Mas, papai, eu estive com Dionísio toda a noite. Nos separamos depois das sete, sei porque cruzamos com a mulherada saindo da missa, as carolas voltando da igreja, ontem comemorávamos meu retorno ao colégio.

- Filho, eu quero que você testemunhe a favor do rapaz e procure seu irmão, o José Pedro, e diga-lhe pra defender o moço. De graça, se for preciso.

- Mas, pai...

- Sem discussão Netinho. Tenho dívida com o italiano, ele conseguiu levá-lo de volta para o ginásio. Foi uma boa influência, devemos a ele você estar no cartório, como empregado. Faço questão, quero defendê-lo. O homem é inocente, foi armadilha política, briga de coronel e o homem está entrando de cordeiro-de-deus.

- De quê, pai?

- Bode-expiatório.

- Mas, papai, se isto é treta do Seu Nhonhô, então, é coisa perigosa, e eu acho que neste pormenor o senhor tem razão, o velho Mariano namorava a oposição, andava com o Totó, todo mundo sabe disto, e o Dionísio é meio agregado do Mariano, desse jeito o prefeito resolve dois problemas de uma vez só. Eliminou o inimigo fazendeiro e mandou prender o correligionário que poderia se candidatar a vereador... é o Doutor Aristóteles havia insistido com o Dionísio, eu desaconselhei, me parecia perigoso, mas não sei... e, cruzar no meio desse tiroteio, não vai sobrar pra gente?

- Não seja covarde, filho. O Nhonhô não é louco de se meter comigo. Não vamos acusá-lo de nada, de nada, você está me entendendo? Quero é livrar o rapaz dessa enrascada, levante-se, vá até a casa do seu irmão e chame-o aqui, depois iremos ao Nhonhô; certamente, foi algum matador contratado que já deve estar longe a esta hora. Ninguém precisa de bode-expiatório, coitado do Mariano, os filhos podem até estar em conluio com o Nhonhô, quem iria, então, reclamar vingança em honra do velho? Levante-se. Apronte-se, ligeiro, ligeiro.

-
- Netinho, da vida, o que você espera?
 - Sei lá, conversa mais estranha, homem!
 - Não, me diga, diga, o quê?
 - O comum, o trivial de se querer, sei lá...
 - De vez em quando não lhe ataca uma agonia, um sufoco... vontade de subir em um teco-teco e cruzar o Atlântico e depois ser aclamado em Paris... garotas. Ou quem sabe... morrer no caminho, uma tempestade. Afogar-se naquele mundaréu verde de água. Nadar e nadar e nada, nada. Nenhuma terra firme, somente arrepio de frio, mar gelado, frio. Virar herói internacional, com foto em tudo quanto é jornal.
 - Você é meio louco Dió, parecido com o João, vive sonhando, insatisfeito. Você tem um jeito estranho, alegre e triste ao mesmo tempo.
 - Não sou alegre nem triste, sou viajante, quero sempre estar em outro lugar diferente daquele onde estou de fato, e você Netinho, não tem vontade de saltar fora desse seu mundinho estreito?
 - Às vezes, às vezes... domingo à tarde, como hoje, como agora quando não há o que fazer nessa cidade de merda. Domingo à tarde me ataca agonia igual à sua.
 - Pois eu vivo inquieto, incomodado. Netinho, o professor Evilásio, o homem do choque, quase tive ataque de riso quando apertei a mão dele, me pareceu que ia tremelicar-se todo, de novo, bem... o homem me convidou para trabalhar como professor de matemática, aceitei. Pois bem, sondei o professor e descobri que ele o aceitaria de novo. Consegui autorização para o senhor matricular-se e completar as disciplinas que lhe faltam para se diplomar.
 - Muito obrigado, mas...
 - Deixe de frescura e trate de tirar diploma, senão as desgraças da vida lhe pegarão pelo pé. Seja meu aluno, seria divertido.
 - Ih! Alguém aqui anda muito parecido com o papai.

- Idiota... você perde tempo. Pai rico, terra, gado, dinheiro e tudo apodrecendo. Nenhum dos seus irmãos vai cuidar da mufunfa do velho, heim?

- Como assim?

- Ora, idiota... você acha que dinheiro é igual a pequi? Cresce sozinho no mato e é somente apanhar, pegar e pronto? Santa inocência a sua e a de seus irmãos.

- Não... eu até topo voltar ao colégio. Sinto falta. Quem sabe eu me forme advogado, como o padrinho, meu irmão, o Zé Pedro. Agora, fazenda, nem pensar. Não agüento aquela meleca, bosta de vaca, lama, poeira e dinheiro pingando. Não, por mim, quando o velho morrer, venderíamos tudo. Tudo e dividiríamos a bufunfa. Somos sete filhos vivos, mas o coronel é muito rico. Tem terra a dar com pau... algum recurso sempre sobrará para todo mundo.

- Quem vai entender uma família amalucada dessa. Talvez seja porque vocês nunca passaram necessidade. Nunca. Não entendo como a nenhum de vocês, a um sequer, tenha passado pela cabeça a idéia de ser fazendeiro. Ou pelo menos negociante, gente rica, é como se todos vocês estivessem fugindo da sina de serem ricos, uma sina que todo mundo persegue... Fico vendo seu irmão, todo pomposo, solene, mas, no fundo, um empregadinho dos ricos, como eu que sou pobre, estrangeiro, mas ele... Advogado, afinal, no fim das contas é o quê além de servidor dos ricos? Quando ele poderia ser poderoso, um dos ricos e não um dos empregados dos ricos, eu não compreendo vocês.

- Ah! Não vem com conversa mole, Dionísio de deus! Dr. José Pedro é muito mais importante do que todos esses roceiros juntos, meu irmão é a figura mais importante da cidade. Ele e o Dr. Aristóteles.

- Idiota...

- Ih! Não fique brabo por nada, aceito seu conselho. Tenho novidade, estou virando homem ajuizado. Acertei trabalhar no cartório, de ajudante. Em cinco anos serei o dono daquela espelunca e, depois, me formo advogado. Escreva aí no seu caderno, Dr. Hermógenes Neto. Tudo bem, pode também reservar minha vaga no Augusto Comte.

- Bom pelo menos já é alguma coisa.

Sombrinha em punho, bolsa de verniz combinando com os sapatos cor de areia, pó de arroz pesado e batom vermelho-rubro discreto. Passos cadenciados, firmes. Passos de alguém que jamais experimentara qualquer hesitação; passos de alguém nunca assaltado por qualquer dúvida existencial. Uma nau capitânia singrando mar seguro em costa conhecida: com essa precisão marchava impávida Dona Aparecidinha pelas ruas de Nova Barcelona.

Balançando a sombrinha como se fora uma bengala, ela aguardou atenderem à campainha.

A casa do Dr. José Pedro fora construída em estilo moderno. Muito semelhante a outras que a professora conhecera no bairro do Pacaembu, em São Paulo. Telhado reto escondido por laje horizontal de concreto; rampa de acesso em curva, insinuando harmonia. Imensas portas e janelas de vidro prometendo transparência e racionalidade.

A professora torceu o nariz, desgostava-lhe aquele caixote modernoso. Preferia a arquitetura romântica de sua casa: um chalé de telhado pontiagudo, com sótão, parede frontal cravejada de pedras de cristal transparente. Metade da cidade considerara extravagante sua idéia de recobrir as paredes com cristais. Agora, todos se orgulhavam do seu sobradinho suíço. Transformara-se em atração turística, e todo visitante era levado para conhecer a beleza do sol reverberando mil-cores naquelas superfícies antes tão prosaicas e sem graça. Sua escada em caracol também fazia sucesso, toda em jacarandá, retorcida em múltiplas voltas do piso à água-furtada. Neste último pavimento organizara um pequeno museu. Jornais e fotos antigos. Velhos objetos domésticos ou de uso profissional. Relíquias religiosas. Ajuntando badulaques de distintas épocas, ela lograra armazenar pedaços do passado de Nova Barcelona. Sim, orgulhava-se de sua casinha e não a trocaria por aquela exorbitância quadrada em que o Zé Pedro gastara uma fortuna.

Confiante e arbitrária, ela não acertara horário para audiência com o advogado. Simplesmente, avisara que apareceria na casa dele no sábado.

Não se surpreendera com o pedido de Alba. Fora professora da menina e confiava na criatura. Com os anos de magistério aprendera a distinguir alunos determinados daqueles desfibrados. Na verdade, acompanhara com curiosidade a passividade da moça. Tantos anos desperdiçados sem tentar alguma Universidade. Mas, procurara conter-se, não lhe agradava palpitar na vida alheia. De qualquer modo, sempre lhe parecera que Dr. José Pedro, o pai, seu brilhante ex-aluno, estivesse sufocando a criança. A professora intuía futuro glorioso para Alba. Fora discípula inteligente e disciplinada, lembrava-se de sua memória indescritível, decorava poesias em um piscar de olhos e depois as recitava com incontida emoção. Uma estudante diferente das demais.

Alba a procurara em uma noite de chuva. Desculpou-se pelo horário, mas era urgente, estaria em apuros e lhe relatou sua desventura. Um ignoto espírito de solidariedade feminina abaixou de imediato na professora. Indignou-se com o comportamento destrutivo do Dr. José. Alba não nascera para o matrimônio, possuía gênio para brilhar no mundo intelectual, para destacar-se em ciência ou nos negócios, pouco importava. O fato concreto era que não nascera para trancar-se em casa e parir dúzia de filhos. Como Zé Pedro não enxergava algo tão claro, óbvio, que a menina se tranqüilizasse, ela resolveria a parada em dois tempos e conseguiria autorização para que ela prosseguisse estudos em Ribeirão Preto. Sim, Odontologia lhe parecia uma linda carreira, promissora, rendosa, útil à sociedade...

Foi, portanto, sem vacilações que ela argumentou com Dr. José Pedro naquela tarde de sábado. Na verdade, passou-lhe um sabão e, cobrindo-o de reprimendas magoadas, o exortou a não carregar futura culpa paterna. Ele estaria fabricando a desgraça da filha, não percebera seu caráter especial, seria vergonhoso impedir-lhe progresso em uma carreira liberal. Odontologia era profissão altamente respeitável, e ela

poderia voltar diplomada para Nova Barcelona e, com ajuda do pai, estabelecer clientela, consultório. Ora...

Dona Aparecidinha era enfática, raramente desistia de seus propósitos e, excessivamente pragmática, cuidava também para que eles se transformassem em realidade concreta. Com o caso Alba não procedeu de outra forma. Insistiu, insistiu, conseguiu a aprovação esperada e ainda a auxiliou nos preparativos. Alba estudou com o primo, foi aprovada no vestibular e, em março do ano seguinte, mudou-se para a cidade grande.

- Antônio Mariano Filho e Mariano Antônio Neto, vocês dois que me desculpem, mas a fortuna do velho é muito milho pra carreta estropiada de vocês -, assim pensava o prefeito Nhonhô de Castro enquanto viajava para a fazenda do defunto recém-assassinado.

Alterar o depoimento que Dionísio assinara. Isto dependeria de Ernestina. Do comportamento dela. Se compreensiva, se cordata e se prudente; então, tudo bem. Muito bem. O plano, casá-la com o filho. Castrinho ainda babava encantado com aquela mulher. Afinal, nunca lhe perdoara pela separação que lhe fora imposta, desde que o coronel o obrigara a estudar no Rio o filho nunca mais o tratara com efusão; com respeito, sim; mas com carinho, nunca mais.

Comentava-se que Ernestina se apaixonara de verdade pelo tal de Dionísio. Agora, com o homem preso, condenado, confissão firmada de próprio punho, que rumo escolheria ela? Afundar-se com o amante, mofar na cadeia e ser justificada por algum cachorro louco a mando dos Marianos? Ou melhor, desposar Castrinho, que a amava, que a respeitava e ainda, de quebra, conservar uma senhora fortuna. Uma imensa herança. Vinte e cinco por cento dos negócios do velho Mariano era quase mais do que ele, Nhonhô, acumulara durante toda vida. Muito dinheiro. Negociar com a viúva. Ir direto ao assunto. Oferecer-lhe proteção. Retirar as acusações contra ela. Mudar o depoimento arrancado ao forasteiro. Não seria problema, desde que, rapidamente, ele ordenasse nova redação ao delegado. Dionísio assinaria qualquer coisa, qualquer papel. Isentá-la de qualquer suspeita, de qualquer envolvimento com o crime. Grande virada, um golpe contra os irmãos que esperavam beber o sangue dela. Para não confrontá-los, talvez alegar resistência do depoente. Ele teria se recusado a firmar qualquer insinuação contra Ernestina. Cavalheiro, o prisioneiro preferira apanhar a incriminar a mulher. Lenda. Mais lenha na fogueira do herói. Mas, tendo em vista o lucro, valeria a pena.

Ernestina o recebeu grave, de luto. As duas figuras de negro se assentaram na sala-de-estar. Seu Nhonhô de terno escuro; a mulher de vestido longo de chita preta. Convenção diabólica. O coronel assuntou o rosto impassível da viúva. Nada. Dignidade sisuda. Prudente, ele começou pelos pêsames de praxe.

- Condolências, Nova Barcelona perdeu um de seus mais valorosos cidadãos e...

- Coronel, por favor, vá direto ao assunto. Sei que estão tramando contra mim. Não me entregarei facilmente, já mandei recado pro Dr. José Pedro e...

- É... sua situação complicou-se, caso delicado, delicado, muito delicado. Mas estou aqui para oferecer-lhe meus préstimos...

Ernestina não escondeu sua surpresa, empertigou-se na cadeira e olhou Seu Nhonhô direto nos olhos. Inclinou ligeiramente a cabeça e ficou a fitá-lo com olhar irônico de expectativa. Era como se dissesse, e que negociata irá me propor o bode velho. A desfaçatez arrogante da senhora decaída irritou o coronel, que a ameaçou:

- Escute aqui dona, a senhora está em minhas mãos, complicada até a raiz dos cabelos. Nessa madrugada, o bandido do seu amante... o safado do Dionísio, assinou uma confissão. Ele jura que vocês dois... é, ele e você, planejaram tim-por-tim o crime contra o velho e...

Ernestina perdeu a segurança que ostentara. Levantou-se, levou as mãos ao pescoço como se perdesse o fôlego e abriu a boca sem conseguir articular qualquer som.

- Calma, que há jeito pra tudo. Vim aqui pra lhe propor um acordo. Bom negócio, de pai pra filho, pra filha, melhor dizendo - corrigiu-se o velho, rindo alto com crueldade. - É, preste atenção - continuou em tom baixo, conspirativo, como se temesse que alguma outra pessoa pudesse estar a escutá-los -, preste muita atenção e resolva, mas resolva agora. Ou a senhora grama uma cadeia braba ou poderia se casar com meu filho. Castrinho ainda gosta da senhora, eu quero a felicidade do meu filho. Eu poderei protegê-la. Mudar o depoimento do sarnento do italianinho.

- Ele não matou Mariano, nunca falamos sobre isso, eu... ele não seria capaz, é humano, bom e...

- Deixe de lengalenga, preste atenção no que lhe estou oferecendo. Meu filho não sabe de nada, mas faço essa bondade por ele, não pela senhora. É pegar ou largar, sem delongas, a senhora me acompanha?, um acordo secreto entre nós dois, é pegar ou largar, fiz-me explicar?

O tom irado do coronel despertou o instinto de sobrevivência de Ernestina. Preocupara-se tanto com a sorte de Dionísio que se esquecera de cuidar da própria pele. De repente, recobrou o juízo e compreendeu que a morte de Mariano encerrava todo um período. Tudo da sua vida antiga se acabara, tudo. Ela somente tivera Dionísio enquanto a generosidade do velho Mariano a protegera, agora, estava sozinha, entregue a fúria do seu destino e Dionísio nunca tivera força para salvá-la do seu próprio destino de ser esposa de quem ela não escolhera. Mas Castrinho a amava, eram jovens quando namoraram, poucos encontros, naquele tempo, e, bem mais serena, ela ponderou com espírito aberto:

- Também não perderei direito à herança?

- Claro que não, arrumaremos tudo. Eu a protegerei do Toninho e do Marianinho, eles concordarão comigo. Não têm outra alternativa, são os principais suspeitos do assassinato do pai.

Com extrema dignidade, Ernestina assentou-se novamente. Assentou-se bem na ponta da cadeira e ficou alisando as pregas escuras do seu vestido, desligada do mundo, distraída e com um sorriso conformado armado no rosto. Demorou três ou quatro minutos nesse mergulho interior e depois perguntou altiva:

- E como anda passando o senhor seu filho?

- Bem, muito bem. Passado o período de luto, daqui a uma semana, ele virá visitá-la.

O sobrado azul tinha um banheiro de azulejos brancos. Latrina patente e chuveiro ligado direto à caixa de água. Debruçado na pia, Netinho escovava os dentes com raiva preocupada. Gostava muito do Dionísio, era seu melhor amigo. Único amigo, talvez. Mas... porém não lhe agradava afrontar a opinião pública. Mas o pai, o coronel resolvera, então...

Dona Queta achegou-se manhosa. Perguntou se tudo estava bem com o filho, se queria café ou janta, iria sair, parecia-lhe impróprio, havia confusão na cidade. E o pai, o que queria ele com o filho, inquiria-lhe, curiosa.

O rapaz se acostumara a enganar a mãe. A velha era crédula e acreditava em suas invenções sem pé nem cabeça. Daquela feita, contudo, ele resolveu compartilhar a verdade com a mulher ansiosa que o cercava pouco disposta a ir-se sem maiores esclarecimentos.

Ainda lavando o rosto, Netinho colocou-a a par da última deliberação paterna. A mãe se enfureceu, virou fera esbravejando adrenérgica em defesa das crias ameaçadas.

- De jeito nenhum, o senhor não me saia de casa hoje de maneira alguma. Nem pensar, ouvi que vão carnear o gringo. Hoje, amanhã, ou talvez domingo. E o Zé não vai defender aventureiro nenhum, um inimigo do coronel Nhonhô, só nos faltava essa. O imprestável do seu pai nem serve mais pra cuidar das fazendas, abandonou a política e, agora, quer jogar vocês dois numa fogueira, tenha santa paciência, o velho está caducando, caducando, babando no travesseiro, mijando no pijama, ora..

O coronel Hermógenes Filho entrou na cozinha e se postou imóvel diante da esposa. O velho estava pálido, amarelo e com o cabelo em desalinho. A exuberância de sua cabeleira cor de algodão encardido dava-lhe aparência de um maestro descomposto depois de reger uma

ópera de Wagner. Determinado, ele olhou a mulher, contemplou o filho, uma, duas, três vezes e vociferou em um tom que Netinho nunca ouvira mas que a esposa conhecia de quando ele comandava tropa selvagem de gado ou de homens:

- Hermógenes, saia desse banheiro. Chega de maricagem, seja homem, tenha honra. Vá a casa do seu irmão, traga-o aqui e vá preparando seu depoimento em favor do senhor Dionísio. Nesta casa, nós não estamos neutros mais. Escolhemos um lado, o da justiça. Juro que não tocarão as patas neste rapaz. Suma, vá embora, já.

Netinho olhou o pai, a mãe, uma, duas, três vezes e respondeu já caminhando rumo à porta:

- Sim senhor, a benção papai.

- Deus te abençoe, meu filho.

Dona Queta, cabisbaixa, fingia descascar uma cebola antes esquecida em sua mão esquerda.

Nunca lhe acontecera do corpo vibrar inteiro daquela maneira estranha. Tremor incontrolável. Tremelicava como vara verde, como se tivesse maleita e ainda nem acontecera nada. Nada. Ele apenas chegara à fazenda do Mariano e encontrara Ernestina sozinha. O velho saíra em viagem, comprar novilhos para completar o rebanho e a mulher o recebeu na soleira, risonha, quase alegre e ele se pusera a tiritar apesar de mal lhe haver tocado a mão. Ela lhe estendera a mão sorrindo e ele a apertara esperançoso, mas não encontrara mais que carne mole, inexpressiva.

Que entrasse, o sol estava forte. De fato, era meio-dia, verão, calor inclemente. Sim, Mariano saíra, tomasse um fresco, a canícula. No corredor penumbroso o halo perfumado do suor mágico dela, o odor mais familiar que já experimentara em toda sua vida. Não se recordava de outro cheiro tão convidativo e tão acolhedor. Estonteante, também o calor que emanava dos braços desnudos dela. Como um bafo, ele o sentia na pele arrepiada.

O mundo, fora, se apagara. Não existiam os agregados ou as empregadas que o viram entrando, não existiam conveniências ou convenções, ele somente enxergava Ernestina.

Ela usava um vestido leve, ramado. Flores amarelas e azuis. Decote fundo, primeiro botão aberto. As pernas fortes pisando passos seguros, que entrasse, entrasse, chamava serena. Os cabelos, balançando soltos e pesados, incenso recendendo a manacá. Um segundo antes que ela alcançasse a luz reveladora da sala-de-estar, ele a deteve pelo braço.

- Ernestina...

Não houve resposta, a mulher apenas virou-se para encará-lo. Ela ofegava apoiada na parede do corredor. Escutava-se tão-somente o resfolegar dos dois que não disfarçavam a avidez descontrolada com que se contemplavam. Algum obstáculo frágil ainda impedia que

se entrelaçassem. Algum vestígio de racionalidade realista, algum receio do abismo em que mergulhavam sem escolha deliberada e consciente, algo ainda os mantinha afastados.

Lambendo o beijo seco com uma língua igualmente seca, Dionísio voltou a repetir com ênfase esclarecedora:

- Ernestina... - e, novamente, ela não lhe respondeu, nem tampouco se afastou do olhar que a encantava e, durante algum tempo, ficaram estatelados no canto do corredor sombreado.

- Ernestina... - e desta vez ele autorizou que sua mão exprimisse a paixão que o atormentava. Suave, tomou-lhe o queixo; deixando, depois, que seus dedos escorressem pelo pescoço até o vale dos seios dela. Em resposta, a dama também lhe acariciou o pescoço, afrouxou-lhe o nó da gravata e desabotoou-lhe a camisa para mergulhar a mão no escuro tufo de cabelos do seu peito que arfava emocionado. E, somente então, enfim, eles se atracaram.

Corpo colado contra corpo, experimentaram pela primeira vez o conforto do outro. Vestiram-se bem, muito bem, perfeitamente bem. Roupa feita uma no molde do outro, completaram-se como ninguém antes os havia preenchido, nunca. Rapidamente, desceram gestos abaixo da cintura. O rapaz levantou o vestido da moça e arrancou-lhe a calcinha; ela desabotoou-lhe a braguilha e explorou o vão aberto. Ela levantou dócil a perna esquerda, ele entrou firme no calor macio do meio das pernas dela. E os dois se olharam firme, orgulhosos conquistadores, plenos de surpresa e de confiança no futuro.

Olhando-se tranqüilos, sem subterfúgio, iniciaram a cerimônia de entregar-se um ao outro.

Estavam neste encantamento quando Ernestina murmurou racional:

- Dionísio, amor da minha vida, aqui...

Emocionado com o qualificativo, o homem a apertou com mais firmeza e ela não conseguiu terminar a frase durante mais três movimentos de vai-e-vem. Depois, algum tempo depois, voltou ao tema.

- Aqui, não podemos, não...ah, ah, ah... vamos ao quarto de hóspedes, onde você costuma dormir. Vá depressa, você primeiro, enquanto eu verifico se está tudo em ordem.

Nem bem terminara a frase e já o empurrava para fora dela. Reacomodando a saia e os cabelos, para depois fechar com expressão travessa a calça aberta dele, ela lhe orientou:

- Vá para o quarto, em um minuto estarei lá.

Protegidos na alcova, a despeito de todo desvelo com que Ernestina o cuidou, Dionísio não logrou completar o ato que iniciara no corredor. A mágica não se desfizera, mas o mundo exterior invadira avassalador o território interior de sua mente. Ficou a imaginar espíões, delatores, vinganças e, sobretudo, o quanto sofreria privado de encontrar-se com Ernestina todos os dias restantes de sua vida.

Dr. Generoso encontrou o cortejo cruzando a Avenida da Paz.

Nenhum morador à vista, todos trancados em casa. Portas e janelas cerradas. De quando em vez, uma veneziana se entreabria e vultos furtivos espiavam o tumulto.

O médico enxergou primeiro a vítima. Derrubado ao chão, o homem se levantava com dificuldade apoiando-se sobre um dos joelhos. Capengava, oscilava e voltava a cair. Absurdo crer, mas o obrigavam a erguer-se espetando-o com facão. No braço, nas pernas. Um talho na testa, sangrando. Vermelho na camisa branca, terra roxa no rosto, o molambo apascentado como se fora touro bravo.

A multidão se ria, nervosa. E gritava olé, toma vagabundo, segura essa seu puto, e se ria. Sorriam, dentes, muitos, uma profusão, que ao doutor pareceram trinta, cinquenta homens, talvez cem. Carabinas em volta, vigiando, fechando o cerco. No comando um cavaleiro negro com um imenso chapéu de feltro branco. O sombreiro pareceu um cogumelo venenoso ao doutor que procurava maneira de remediar o malfeito, contornar a situação. O chefe da turba, outro que não Toninho Mariano, cavalo preto ajaezado com arreio de prata. Revólver na cintura, chicote na mão. Gritando calhorda, filho-da-puta, assassino do meu pai, ladrão de terra alheia, ladrão. O líder estimulando a carnificina e rodeando o grupo com o galope arisco de sua montaria.

O prisioneiro cambaleava, três passos e caía e algum sádico o cutucava com algum tipo de lâmina, zás, e ele pulava novo ziguezague para tombar pouco adiante. O médico, desesperado, sem conduta a adotar. Caso desconhecido em sua rotina clínica, a violência desbragada e nua, não atinava como enfrentá-la.

- Hopalong Casssid.

De fato, o idiota fantasiara-se semelhante ao famoso cowboy. Herói de filme em preto-e-branco, aquele maluco do Toninho reencarnara o personagem, invertendo,

contudo, a bondade do cavalheiro original. O pistoleiro era gota de puro fel. Maldade em cristal endurecido. Mas quem, diabos, o desviava da objetividade prática indispensável ao momento para devaneio cinematográfico?

- João... João, meu filho, o que você faz aqui?

- Hopalong Cassid, ele enlouqueceu, bebeu pinga e resolveu crucificar Jesus novamente.

- João, vá embora, é perigoso ficar aqui. Hopalong Cassid é o Toninho, jagunço do capeta. Vá embora.

- Não, vim ajudá-lo a salvar Jesus, os homens querem matá-lo de novo e ele é tão alegre...

O médico se postara bem no caminho do cortejo. O louco o seguira de perto. Estáticos e imponentes, os dois, enfrentando o povaréu.

Dr. Generoso em terno marrom completo. Corrente de ouro contornando-lhe a barriguinha redonda e endurecida. Ele era bem-humorado, porém todos temiam seus arroubos de cólera. Quando vociferava ninguém se atrevia a enfrentá-lo. Sozinho naquela batalha, resolvera jogar com todo seu prestígio. Era tudo ou nada. Enfrentaria a massa sozinho. Ou melhor, apoiando-se em João que se colocara ao seu lado como se fora um segundo cirurgião pronto a socorrer o companheiro em caso de apuro.

Com o braço estendido para o alto, ele ordenou:

- Entreguem-me o paciente. O homem está ferido e o médico aqui sou eu. Depois, ele volta pra cadeia. Agora, entreguem-me o paciente.

Silêncio de hospital. A multidão se deteve, estupefata e respeitosa. Não pretendiam devolver o prisioneiro, tampouco estavam ensandecidos a ponto de desacatar o doutor que já cuidara da maioria entre eles.

- O paciente, o paciente... - bradava o pequeno gnomo com o braço estendido.

Hopalong moveu-se. Esporeou o cavalo e ficou a rodear o médico e o louco. A cada círculo aproximava sua montaria dos dois que não arredavam o pé da intenção de deter a passeata fúnebre. Súbito, fez uma manobra enviesada e derrubou Dr. Generoso. Repetiu o movimento, lançando João a três metros. Depois, voltou-se calmamente para a massa:

- Embora gente, que assassino não merece caridade. Adiante.

Seu Nhonhô Alencar de Castro tomava café da manhã. Dormira em casa naquela noite. Adorava sentar-se desarmado e sem pressa diante da imensa janela que dava para o quintal entupido de mangueira, samambaia, roseira, pé de laranja, de goiaba, de romã e moitas e moitas de bananeira da grande e da nanica. Ficava hora inteira ali, pensando na vida, imaginando manobras comerciais ou políticas. Estava nisso quando viu um agregado acompanhado do esconso do Dionísio. Assustou-se.

- Luna, Luna, com os diabos, o que faz esse idiota aqui em casa?

- Quem Nhonhô? Quem? - perguntou-lhe a mulher sem desviar a atenção da massa de pastel que desenrolava debruçada sobre a mesa da cozinha.

- Este aventureiro, este gringo, forasteiro de merda... você não sabe que ele é inimigo nosso?

- Ah, o Dionísio. Mandeí chamar. O João está há três dias empoleirado nas grimpas do pé de manga espada. Gritando. Não posso deixá-lo lá, o louco não fala com ninguém, nem me obedece, nem desce da árvore, e não posso deixá-lo lá a vida inteira, posso? Não suporto mais a gritaria.

- Mas... e o que esse esconso tem a ver com nossa vida?

- Se você não sabe, o João diz pra todo mundo que, depois de mim, o maior amigo dele é o Dionísio. Que ele é um artista decente, que se interessa pelos pobres.

- O demagogo, ainda me vai candidatar-se pela oposição, eu...

- Cale a boca que o homem está entrando, e eu preciso dele.

- Bons dias, Dona Luna. Bom dia, Seu prefeito. A senhora mandou recado para que eu viesse...

- Tome um cafézinho, o senhor aceita, acabei de coar, um pão-de-queijo, quentinho...

- Muito obrigado, Dona Luna, ainda agorinha no hotel, comi.

- De jeito nenhum, o senhor não vai me aprontar a desfeita de não experimentar um dos meus quitutes, tome... - dizia-lhe a velha senhora já lhe servindo uma xícara fumegante e um prato com biscoitos.

Enquanto Dionísio mastigava fez-se silêncio contrafeito. Os machos se miravam com descaso, como se a presença de um não molestasse o outro em nada. Estavam nesse jogo, quando Dona Luna pediu atenciosa ao visitante:

- Desculpe-me incomodá-lo tão cedo. Havia urgência. Como é do seu conhecimento, João incendiou a garagem com todos instrumentos da banda municipal. Lógico, tive que zangar com ele. O problema foi que cismou, agora, que por culpa dele Nova Barcelona ficará sem música para sempre. Já lhe dissemos que o prefeito já prometeu comprar tudo que foi destruído pelo fogo, mas nada o faz descer da mangueira. Há três dias não come, nem dorme, e passa a noite berrando, urrando, uivando como um lobo, a vizinhança não suporta mais...

- Se a senhora me permitisse, eu poderia tentar convencê-lo a...

- Ah! Seria um grande favor que os senhor nos prestaria, não é Nhonhô?

O coronel resmungou um grunhido que tanto poderia ser interpretado como anuência ou discordância.

Pisando o chão coberto de folhas Dionísio sorriu liberto. A proximidade com o velho político lhe incomodara tanto quanto lhe molestaria prostrar com Belzebu em pessoa. Aspirou fundo buscando limpar o enxofre pespegado em suas narinas e sentiu aliviado o cheiro adocicado de manga podre. Percebera claramente, havia ódio naquele homem; certamente, o prefeito o odiava com toda força e algo, uma certeza misteriosa e vaga, lhe alertava para conservar-se afastado do coronel. Um tremor sacudia-lhe o corpo, fingiu tosse para ocultá-lo da senhora que o acompanhava.

Debaixo da árvore, gritou pelo amigo:

- João, João, visita, estou aqui para visitá-lo.

Balanço vigoroso no mais alto das grimpas foi a única resposta.

- Calma, João, pelo amor de Deus, homem... é Bogart, seu amigo, eu lhe trouxe um presente, um presente...João.

Imobilidade, mais nada.

Cochichando, Dona Luna perguntou-lhe:

- Presente?

- Na verdade não trouxe nada, nada... minha gravata - resmungou Dionísio já arrancando a tira vermelha de pano que lhe amarrava o pescoço.

- João, estou subindo, lhe trouxe uma lindíssima gravata vermelha, linda, maravilhosa, vou aí em cima para entregá-la pessoalmente. Fique quieto, me espere, estou subindo.

Com agilidade, o homem vestido com terno de linho agarrou-se ao tronco e alçou-se entre ramos e folhas da velha árvore carregada de mangas verdes e amarelas.

Quinze minutos depois, ruído de galhos pisados, risadas e conversa leve: eram os dois descendo. João primeiro, com a gravata vermelha atada ao tronco desnudo; depois, Dionísio.

Doutor José Pedro das Neves vivia em uma casa moderna. A sua construção provocara comentários. A medida que foram se tornando evidente o formato desconjuntado das janelas, cada uma com desenho diferente das demais, as rampas sinuosas e as colunas que imitavam raios quebrados, o escândalo se transformara em franca desaprovação: como alguém pudera gastar tanto para construir uma casa tão disforme, se perguntavam boquiabertos os que a visitavam. Lembrava um desenho de Portinari, comentavam. A desenhara um arquiteto radicalmente comprometido com a revolução das velhas formas. Ele convencera o amigo advogado a impor progresso e bom-gosto à Nova Barcelona.

Ademais, o proprietário escolhera um terreno distante do centro, região onde ainda se amontoavam as residências elegantes. Ele a edificara solitária no topo de um morro não totalmente urbanizado.

Netinho subiu essa encosta empoeirada suando e quase botando os bofes para fora. Chegou espavorido ao alpendre do irmão já berrando sobressaltos.

Houvera jantar festivo na casa do pai orgulhoso. Alba passava o fim de semana com a família acompanhada de duas amigas e do irmão de uma delas, estudante de agronomia que viera a Nova Barcelona explicitamente para oficializar noivado com a neta mais velha do velho Hermógenes. Há seis meses ela vivia em Ribeirão Preto, fora aprovado no vestibular e se matriculara na faculdade de odontologia. Dr. José Pedro era puro contentamento. Aprovara o futuro genro, e já o imaginava zelando pelas fazendas que ninguém da família se animava a cuidar.

Receberam Netinho em clima efusivo e sequer perceberam o seu cenho franzido, postura absolutamente insólita naquele jovem sempre despreocupado com os azares do futuro.

- Cerveja, cerveja pro Netinho, gente, conheçam meu irmão caçula - berrara o advogado.

Alba parecia outra mulher. Segura, de calça rancheira, cabelo atado em rabo-de-galo, informal, parecia uma norte-americana em férias. Foi amabilíssima com o primo, toda carinho e cumplicidade familiar. Netinho impacientava-se com tudo aquilo, obcecado pela missão que o pai lhe atribuía: deveria defender o amigo encarcerado injustamente. Sentia-se um peixe fora d'água naquele ambiente animado pelos vapores da muita cerveja já entornada.

- Titio, venha, apresento-lhe meu noivo, Mário Terra. Sua irmã, Carolina, minha amiga...

- Pessoal, desculpem-me a impertinência, problemas, preciso de um particular com meu irmão. Padrinho, poderíamos conversar, no escritório.

Se o rapaz tivesse se transformado em estátua de ouro não teria provocado maior surpresa. Ninguém jamais o vira recusar bebida e muito menos convocar alguém para tratar de qualquer assunto sério. A circunspeção do moço desconcertou os parentes que o conheciam com outros modos mais livres e brejeiros.

Como ninguém o levasse a sério e ainda sem resposta ao seu pedido, o rapaz saiu da varanda rumo ao escritório. No caminho a prima não resistiu à tentação de provocá-lo, sussurrando-lhe ao ouvido:

- Netinho, se o assunto é dinheiro, melhor não contar com papai. Vovô o proibiu de lhe emprestar um tostão que fosse. Fale comigo depois, eu economizei uns trocados em Ribeirão, posso lhe ajudar, emprestar e...

- Não, Alba, não quero dinheiro, é coisa séria, depois lhe conto, depois, amanhã, conversaremos. Padrinho... Zé Pedro, por favor...

Pinduca, pendurado no parapeito do alpendre, olhava dentro do calidoscópio posicionado contra o sol. Fechara uma pálpebra e com o olho arregalado entretia-se contemplando o espetáculo iridescente.

Naquela manhã o menino assistira a uma polêmica acirrada. O avô, retornando do Rio de Janeiro, trouxera-lhe um calidoscópio de presente. Ao avistar o brinquedo na prateleira recordara-se imediatamente do neto, contara o vovô cuidadoso.

- Como você é tão quieto e prefere estar pelos cantos, imaginei o prazer que experimentaria ao viajar pelo interior desse mundo colorido. Por isso, compreilhe este caleidoscópio e...

- Caleidoscópio, não. Calidoscópio - atalhou o pai do garoto, corrigindo o sogro -, a expressão correta é calidoscópio.

- De maneira nenhuma - retrucou o velho teimoso -, eu não perdi a memória ainda, no cartaz anunciava-se a venda de um caleidoscópio, recordo-me perfeitamente... perfeitamente.

- Não duvido de sua memória, duvido da sabedoria do comerciante de brinquedos...

- Não o comprei em uma loja de jogos, encontrei esta engenhoca em um antiquário. Em geral, muito mais cultos do que..

- Não sogro, enganou-se seja lá quem o informou, o prefixo *kállos* vem do grego e significa belo. Como caligrafia, bela escrita. Calidoscópio significaria bela mirada, ou algo do estilo: uma maravilhosa forma de se ver.

- Apesar de toda sua ciência, não concordo. Mesmo porque, durante toda minha vida, eu também disse caleidoscópio e não me consta que tenha cometido um erro tão básico durante tantos anos.

- Observe...

Prosseguiriam indefinidamente com a discussão se a filha de um e esposa do outro não sugerisse conciliadora:

- Por que não consultam um dicionário e terminam com essa pendência tola e gratuita?

Os dois protestaram, o debate seria de grande relevância cultural, fundamentais estes embates, porém concordaram em ir ao livro.

Correram sôfregos à estante. Pinduca postou-se atrás dos dois encurvados sobre o livro imenso. Encontraram primeiro calidoscópico e o pai exultou vitória esmurrando contente o dicionário. Já estava em pé, reafirmando certezas, quando foi abatido pela risadinha sardônica do velho.

- Assente-se apressadinho, assente-se que o ligeiro come cru e ainda queima a língua. Veja...

Com o indicador esticado ele apontava a variante caleidoscópico, as duas formas eram encontráveis, os dois termos pertenciam ao bom português.

- Bem - mudou de tema o velho - e você, Pinduca, gostou do presente?

Na verdade, a criança interessara-se mais pelo duelo. Somente quando percebeu o fim do entrevero, pregou o olhinho na janela aberta do cilindro. Pregou e não desgrudou mais. Seguiu distraído descobrindo a infinita variedade dos desenhos cristalográficos. Ao sair do escritório, ainda ouviu o avô explicando-lhe:

- Dizem que o caleidoscópico é prova tanto da existência quanto da inexistência do infinito. É um universo brilhante, contido em espaço limitado. É sempre vário, sendo sempre o mesmo. As imagens não se repetiriam jamais, a fugacidade do instante. No entanto, as pedrinhas coloridas e os espelhos são sempre os mesmos.

- É - filosofou o pai -, a variação ou o movimento dependem da iniciativa do freguês. Somente da iniciativa do freguês.

Rolando entretido, Pinduca quase perdeu o fôlego quando, por acaso, a luz forte do sol iluminou direto o fundo do tubo. Multiplicaram-se as profundidades, as variações de plano e de coloração. Entusiasmado fugiu

para o alpendre, procurava a transparência direta do sol.

Era melhor que um seriado do Flash Gordon, aquela viagem interplanetária brilhante. Concentrado em tanta novidade, Pinduca não se deu conta do cortejo que se aproximava. Tampouco escutou a gritaria endoidecida dos adultos, a vida se calara para ele: silêncio sideral.

De repente, a irmã mais velha agarrou-o pelo braço, gritando apavorada:

- Duquinha do coração, seu louco, que lhe mata alguma bala perdida, estão linchando o estrangeiro, venha pra dentro, rápido.

No que a irmã o puxou pelo braço, escapou-lhe das mãos o caleidoscópio. Pinduca ainda o viu rodopiando lento no vão entre o parapeito do alpendre e o chão de terra batida por onde já passavam os primeiros cavaleiros descabeçados de ódio.

Ernestina não lhe dera trela. Mas Dionísio sentiu que a sua vida mudando de tonalidade mal a conhecera. Durante toda a festa, acompanhou-a com rabo de olho. Ele percebeu que ela se dera conta do fogo que o tomara. No entanto, o ambiente não era favorável. Como de costume, os homens amontoavam-se em um canto e as mulheres em outro. Os machos tomavam cerveja, fumavam e conversavam; as fêmeas trabalhavam na cozinha e no quintal. Descascavam e ralavam milho verde; depois o misturavam ao leite, à manteiga e ao sal, para, finalmente, derramar aquela mistura dourada em imensas panelas colocadas à cozer em fogo lento.

Pretextando responsabilidade de anfitrião, Dionísio fugia da companhia masculina para se misturar às mulheres na beira do fogão.

Ali, não conseguira despregar os olhos de Ernestina. Ele suava em bicas. Todos transpiravam pelo calor, mas ele se sufocava também pelo maior ataque de desejo que jamais sofrera.

Ernestina dobrada sobre o ralo, cabelos pregados na testa, blusa entreaberta e o corpo em vaivém frenético, disputa com a vizinha sobre quem ralaria mais milho-verde em menor tempo. Os dentes brancos, sorrindo. Os braços, o pescoço, a curva dos seios, tudo reluzente. E a alegria, e a cerveja, tudo estonteava Dionísio. Mas ele sentia tonteira delicada, suave e sutil. Vontade de ser meigo, generoso, fiel e de entregar-se àquela mulher, ali, diante de todos, sem considerar senões ou empecilhos sociais.

Exatamente no dia em fora aceito pela sociedade de Nova Barcelona, exatamente nesse mesmo dia, desinteressava-se da vitória que conquistara. Sua festa era um sucesso. Até o prefeito passara para cumprimentá-lo em nome do povo da cidade. Houvera discurso: o professor Evilásio Correa proferira oração em homenagem à ciência e aos valorosos homens de visão que a utilizavam para o bem-estar e progresso da sociedade; no

caso, ele fora o modelo homenageado. Depois, Dona Aparecidinha recitara poema romântico com sua vizinha tremelicada. Metade das senhoras choravam quando ela terminou "Mal Secreto", contribuía para o clima as modulações trágicas de um solo de viola que Netinho improvisara para acompanhá-la.

Dr. Aristóteles assumira papel de segundo anfitrião. Procedia como se a colheita de milho fosse obra e idéia dele. O momento em que se encontraram ele e Seu Nhonhô, sob o mesmo teto, fora sublime. Situação e oposição fingindo convivência e, somente ele, Dionísio, um forasteiro, comentavam todos, conseguira proeza daquela.

Finalmente, ingressara na sociedade de Nova Barcelona, fora aceito. Alcançara o que tanto almejava, porém a visão de Ernestina anuviava-lhe a vitória. Tudo se tornara secundário, queria aquela mulher e mais nada o sossegaria daí em diante.

A Sociedade Recreativa Comercial de Nova Barcelona era imponente. Construída segundo miscelânea de estilos, ostentava sinais da opulência que o comércio de carne sustentara logo no início do século. A seleção para freqüentá-la era rigorosa. Nenhum homem jamais cruzara os umbrais daquela casa sem a devida compostura indumentária. Era impensável visitá-la sem terno, gravata e complementos variáveis conforme a época. Ademais, proibia-se o ingresso de negros. Embora não houvesse nada escrito no regulamento, os porteiros executavam a interdição racista sem vacilações.

Conta-se que houvera o caso de um juiz-de-direito bem mulato. Pele escura, cabelo pixaim e traços grossos e carnudos. Logo que a autoridade aportara à cidade, a diretoria da Sociedade se reuniu. Consta que as opiniões se dividiram. Metade entendia que o *status* deveria sobrepor-se à raça; e a outra parte sustentava tese oposta. No impasse permaneceram durante os três anos em que o magistrado esteve na comarca. Felizmente, no entanto, o ajuizado homem nunca procurara filiar-se ao clube. Ele, a mulher e suas três filhas misturaram-se à sociedade local quase que sem restrições. Praticaram visitas de cortesia; participaram de festas de noivado, casamento e batizado; contudo, nunca atravessaram a soleira da Sociedade Recreativa.

Havia também o Clube Treze de Maio, mais conhecido como clube dos pretos. Era um galpão imenso de tijolo à vista, sem qualquer luxo e freqüentado pelo povo pobre da cidade. Apesar do nome, brancos e negros usufruíam das suas animadas festas sem qualquer discriminação. Provavelmente o apelido viera dos tempos da fundação, fora criado por antigos escravos como espaço alternativo de diversão. Depois, agregados das fazendas, pequenos funcionários e uma variedade de famílias pobres se habituaram aos animadíssimos bailes que ali se organizavam e que sempre terminavam em carnaval.

Se no Clube Comercial as orquestras lembravam banda norte-americana; neste outro, os conjuntos estavam mais

para bateria de escola de samba. Em geral, madrugada alta, até os filhos homens das famílias de posse escapavam do tédio das noites de Nova Barcelona e iam procurar fêmeas no salão Treze de Maio.

Até mesmo a oposição de Nova Barcelona, que se classificava como progressista, quase se dividiu definitivamente em razão dessas diferenças entre a Sociedade Recreativa e o Clube Treze de Maio.

Dr. Aristóteles candidatara-se a prefeito apoiado por diversas facções de descontentes com os desmandos do Seu Nhonhô. Ele queria realizar a festa de lançamento de sua candidatura na Sociedade Comercial. Nazareno protestara. Como poderia ser, se a maior parte dos seus apoiadores ou era negra ou nem terno teria para comparecer à solenidade? A reunião esquentou, e os primeiros palavrões cruzaram a varanda da mansão que o médico recém-construira. A coisa teria se degenerado se Dona Angélica não aparecesse com providenciais bolinhos-de-chuva e uma bandeja de refresco de maracujá.

- Refresco, gente, para serenar os ânimos - declarou entre gentil e ofendida -, maracujá, e um pouco de calma que os senhores não estão no bar da esquina.

Aproveitando-se da sem-graceza que tomou conta de todos, Seu Antônio Mariano ponderou jeitoso e conciliador:

- Então, neste caso, melhor fazer duas festas. Uma no Treze, pro povão. Você, Nazareno, e seus companheiros poderiam se encarregar da organização. Mandar cozinhar umas dez panelas de pelota, comprar cerveja e guaraná. Cachaça não, é perigoso. E outra, pra sociedade, no clube. Desta me encarrego eu. Falo com a diretoria e banco essa reunião. Seu Nhonhô vai bufar de raiva.

E, de fato, o prefeito babou ódio. Jamais perdoaria Seu Antônio Mariano, um fazendeiro, de família antiga e tradicional, acumpliciado com comunistas, desordeiros, negros e aventureiros. Sem o apoio dos milhões do velho Mariano, Totó nunca teria conseguido a Sociedade Recreativa. O desgraçado do Mariano enfraquecera a estratégia de apresentar Dr. Aristóteles como um inocente útil, ambicioso e manipulado por subversivos revolucionários, que pretendiam tomar a prefeitura para dali organizar invasão de fazendas e outras desgraças de

teor semelhante. O desgraçado do Mariano conseguira dividir a elite. Gente de bem, agora, apoiava o médico. A política prometia esquentar pois Seu Nhonhô nunca fora de abandonar a rapadura ao meio da dentada.

Na penumbra a pele do delegado lembrou-lhe uma lesma. Esverdeada, quase transparente, gosmenta. Brilhante, como os dentes que lhe ordenavam que se levantasse. De pé, como?, se mal podia com o corpo macerado pelas pancadas que o cínico lhe aplicara. Por que cargas d'água estaria rindo e o que queria com ele? Não assinara a confissão. Cordato. Bem comportado, conforme.

- Um advogado - queria um advogado, consegui raciocinar lúcido -, um advogado.

- Ninguém há de querer defender um assassino odioso, covarde e traiçoeiro. Cale-se e escute...

Diabo de conversa enrolada, firmar outra declaração. Que ele contratara um matador de aluguel. Tocaiar o velho Mariano, ele planejara sozinho. Ernestina seria poupada? Nunca, tal perfídia contra Tina, não, jamais. De jeito algum, traíra Ernestina, não, assinara?, não se recordava, a surra que levara, também, salvar Ernestina, bem. Zé Índio, mentira. Jamais conhecera este homem. Não, ele não declarara Dona Ernestina culpada. Cúmplice, não. Desdizia o dito confuso, estivera apanhando, tortura...

- Cale-se, se você mencionar os tabefes que fui obrigado a lhe pregar pode se considerar um homem morto. Veja, quero completar seu depoimento. Não há menção ao executor do crime. Quem você contratou para matar o velho? Descobrimos que foi o Zé Índio, o bandido já se escafedeu, deu no pé. Confessou-se culpado ao fugir, sumiu no cerrado. Quanto você pagou pro infeliz, quanto?

Dionísio encolheu-se esperando malvadeza, mas o delegado desta feita ficou somente a falar, azucrinando o ouvido dele, ele, culpado de traição.

- Vista estas roupas, estão limpas, mandei buscar no hotel. Lave-se na bacia primeiro, limpe esta porcaria. Tem sabão do lado, rápido. Limpe-se.

Algo mudara, outra orientação ao delegado, mais tranqüila, alguém ordenara . Salvar Ernestina, sim,

poderia negociar; ele mesmo, inocente, também, também. Droga, fria a água. Macio, o delegado sugeria substituir o papel assinado por outro. Que outro, perguntou depois de cuspir água e sangue pisado. Dentes abalados, um ou dois trincados. Nariz em fogo, triscar e doer. Diferente do primeiro documento, inocentando dona Ernestina, se nada daquilo era verdade, se...

- Olhe... nosso trato homem, sua vida sua palma, cuidado, muito cuidado. O senhor está desgraçado, se tivesse cavalheirismo livrava a senhora viúva. Inocente ela, não? Então?

- Seu delegado, estou confuso, quero um advogado. Assino, pra livrar Dona Ernestina, ela não tem nada a ver, onde... aqui.

- Muito bem. Depois, como o senhor se comportou certinho convocaremos Dr. José Pedro. E o que foi agora, cabo?

Da porta, cabo Joaquim José acenava para o delegado. Ao sair da cela o auxiliar lhe sussurrou ao ouvido:

- Complicação à vista, tá aí o doutor Totó. Quer, porque quer, ver o preso. Eu lhe disse que esperasse.

- Fique com o Dionísio, eu cuido dele.

Dr. Aristóteles esbravejava leis, regulamentos e direitos na porta da delegacia. Aos berros, para que toda a cidade tivesse ciência. Um absurdo, um desmando, terra de bárbaros, dizia. A indústria jamais chegaria em Nova Barcelona se assim eram tratados os visitantes. Ele queria ver o prisioneiro, imediatamente. Imediatamente. Então, se os suspeitos eram os irmãos Marianos, de repente é preso um outro, e da oposição, amigo dele. Que história era aquela.

O delegado foi cortês com o médico, mas não lhe permitiu acesso ao prisioneiro. Alegou que ele prestava depoimento sigiloso. O médico indignou-se, exigiu advogado. O delegado concordou, que encontrasse um disposto a defender matador tão insensível.

Doutor Aristóteles saiu pisando duro. Na dúvida, resolveu procurar Dr. José Pedro, quem sabe o homem aceitasse o encargo, era meio carola, ética e direito eram a conversa mole costumeira dele, afinal.

Instrumentos de percussão. Ritmo simples, cadenciado. Tambores, atabaques, bumbos, caixas-de-som, ressonâncias arrancadas do couro esticado para representar tanto a alegria quanto a agonia ancestral dos homens. Epifania singela, grandiosa e selvagem. Catupecacunda eram os mais bonitos de se ver. Rodopiavam ligeiros, corpos atléticos, troncos quase tocando o chão, bailarinos e músicos ao mesmo tempo. Todos com tambor ou lança na mão. Fitas coloridas, verde, amarelo, vermelho, azul. Som, cor e movimento. Cruzavam um sobre o lugar onde estivera o outro antes e ninguém se tocava. Tudo rápido. No caminho batiam as armas exatamente no momento de silêncio dos tambores, os congos de Nova Barcelona.

Dionísio sentia um sufoco na garganta. Vontade de chorar e ficava horas caminhando atrás dos ternos de congos. Desculpava-se justificando a novidade que era tudo aquilo para ele. Ele e mais uma penca de meninos, horas perseguindo os bailarinos que dançavam pelas ruas. Cada terno mais vistoso que o outro.

Desanimados, tristonhos, somente os moçambiques, como um cortejo de almas penadas em direção ao inferno. Tristes, todos de branco, com chocalhos amarrados nas canelas, batendo os pés, em cadência inexorável e repetitiva. Era triste vê-los. Negros velhos, enfermos e crianças. Deficientes mentais, aleijados, penitentes, marchando sob o martelar do mesmo ruído monótono, chuac-chuac-chuac.

No entanto, em geral, a festa do Rosário era mais alegria pagã que sobriedade católica.

Os negros minavam de todos os bairros e dançavam três dias. Antes elegiam um festeiro que lhes garantisse cachaça e comida. Dormir, dormiam pelas ruas e ninguém os incomodava. A cidade era deles naquela trinca de dias. Os padres da igreja matriz fingiam que controlavam o festival. Mentira, o povo até se esquecia da existência deles. Certo vigário, estrangeiro, norte-

americano, escandalizara-se com o liberalismo sincrético da festa e proibira a entrada dos ternos na igreja. Em dois meses os negros construíram outra capela e a consagraram à Nossa Senhora do Rosário. Escolheram um sítio ermo, limpavam o mato em redor e armaram um pátio imenso em volta, um pátio onde coubessem todos os agrupamentos de foliões. Pintaram as mãos e o rosto da estátua de preto e a entronizaram, vestida de azul celeste com estrelas amarelas no manto, no centro do altar. Depois, líderes católicos mais diplomáticos trataram de recuperar o cisma. Oficializaram a nova imagem da santa e declararam legítima a festa do Rosário.

Netinho foi quem levou Dionísio aos festejos. Ele impressionou-se com o entusiasmo do amigo. Chegou a brincar, perguntado se não gostaria de ser apresentado a Sebastião Prego, o rei dos congos. Quem sabe Sua Majestade não lhe concederia o privilégio de desfilar com a negrada. Dionísio, respondeu-lhe que não seria uma má idéia. Comprou a sugestão e ficou cobrando do amigo o dia em que seria levado à casa do chefe da congada.

Divino era mulato, cafuzo talvez, e adorava os congos. Seu maior sonho era desfilar com algum terno de guerreiros, porém apenas lhe fora concedido o privilégio de sair com os moçambiques. Alegavam que não teria ritmo e coordenação para acompanhar o pique dos tambores. Obstinado, ele ensaiava em casa, nos fundos do sobrado, com uma caixa que fabricara. Entretanto, ninguém parava para ouvi-lo, para testá-lo segundo critérios menos preconceituosos.

Certo dia, percebendo o interesse de Dionísio, Divino contou-lhe suas desventuras. O rapaz saiu para escutá-lo tocar e ver como articulava passos da complexa dança africana, e gostou do que viu. Para surpresa de Netinho e do velho Hermógenes, se nomeou patrono do candidato a congo. Comprou-lhe um tambor adequado, pagou pela confecção de uma fantasia apropriada e levou Divino para negociar com o senhor Prego.

Terminaram, os dois, ele e Divino, inscritos no terno de congos que usavam calças vermelhas e capacetes com fitas de todas as cores do arco-íris. Foi um escândalo. Um branco entre os congos, e um branco rico.

Indiferente ao murmúrio, Dionísio ensaiava feliz. Todos os dias, à tarde, passava pelo sobrado azul, pegava Divino e subiam os dois para o largo do Rosário, para uma ou duas hora de batuque. Dançavam, tocavam tambores e cantavam até a exaustão. Com toda força, Dionísio berrava:

“Oi-êi, oi-ai-á
oi-êi, oi-ai-á.”

E depois cantava repinicando o atabaque:

“Cheguei na beira dum rio
eu andei pra lá e pra cá
têm horas do dia
que canto pra mode não chorá.”

Dr. José Pedro entrou em seu escritório, todo revestido com circunspectas estantes escuras de mogno, pisando sem gravidade. Sentia-se leve e contente. Quase flutuava de tão solto e à vontade.

Naquele fim-de-semana ele não queria nada anuviando a alegria exuberante em que mergulhara desde que conhecera o noivo de Alba. A princípio, recebera apreensivo a notícia da existência de um namorado. Desconfiava da capacidade de discernimento da filha. Em sua opinião, Alba acumulava escolhas desatinadas. Considerava a filha inteligente mas, também, infelizmente, um tanto atrapalhada, acostumara-se a confidenciar a parentes mais chegados.

Entretanto, desde que Mário Terra pisara a plataforma de desembarque da estação, ele encantara-se com o genro. O ciúme e a má-vontade que acumulava contra o homem desconhecido desapareceram mal o cumprimentou. Santo Deus, pensou, ele próprio não teria realizado outra escolha se a filha o houvesse consultado previamente. Parecia até que ela escolhera alguém para agradar ao pai e não a ela mesmo. Dr. José Pedro reconheceu no genro a pessoa talhada para administrar as fazendas da família. Puro acaso feliz, o homem graduava-se em agronomia e amava a vida no campo.

Tão feliz andava que resolveu trancar-se em casa com a família em churrascada que não teria hora para terminar. Por milagre, naquela noite, conseguia até desligar-se do mundo exterior.

Assim, tardou em perceber a carranca preocupado do irmão caçula que o esperava sisudo no escritório e, deste modo distraído, entrou brincalhão:

- Meu Deus! Que felicidade! Quer uma taça de champanhe? Que cara é esse homem? Dívidas, heim? Alguém jogou você contra a parede?

- Não, droga. Você também parece que anda no mundo da lua. Há quanto tempo não lhe peço dinheiro, heim? Heim?

- Desculpe-me, eu...

- Estou trabalhando, estudando, Zé.

- Perdão, desculpe-me Hermógenes Neto, olhe...

- Tudo bem, sabe padrinho o assunto é outro. Papai quer, porque quer, que nós, eu e você, nós dois, nos encarreguemos da defesa do Dionísio.

- Ah! O velho... e essa agora! Mas por que cargas d'água eu... e você?

- Veja, padrinho, o senhor como advogado, óbvio. Eu como testemunha de defesa. O homem estava comigo na Dona Maria Adelaide. Ele não poderia matar ninguém fornicando com a maluca da Margarida, ela não lhe daria tempo e...

- Não seja tonto, Netinho. Como não? Quem atirou no Mariano conhecia o ofício. Execução de profissional, alguém adrede contratado.

- O quê?

- Pistoleiro ajustado com antecedência, jagunço matador, ora...

- É, mas não foi ele não viu, Zé. Tenho convicção. O Dionísio nesses assuntos de briga, honra e sangue é até meio covarde. Medroso. Pensa diferente da gente, tem horror à violência, em sério. Ele é assim como você. Moderno.

- Tudo bem. Que seja inocente e você com isso? Só me faltava essa hoje.

- Eu? Tem que papai quer, porque quer, que eu testemunhe a favor dele e tem que ele era meu amigo, me ajudou.

- O cabeça dura do papai, tudo bem, então somente porque ele cismou que o homem é inocente, somente por isso resolve meter dois filhos na maior complicação política do século. O certo, o melhor, era ficarmos fora de tudo isso, sobrar merda pra todo lado, Netinho.

- Padrinho, o homem está sem advogado e alguém nessa cidade desgraçada terá que defendê-lo. E papai mandou você assumir o caso. Mandou, entendeu. Papai disse que se Dionísio continuar sem proteção política e jurídica, ele será assassinado. Matarão o pobre com maior facilidade do que a um cachorro doente. Não tem parentes. Papai mandou você ir à delegacia hoje ainda. Hoje, senão arrancarão a pele inteirinha dele. Vamos lá, nós dois... agora.

- Calma... mantenha Alba longe disso. Ela nem sabe ainda que o ex-namorado foi preso, do jeito que ela é louca pode estragar tudo, brigar com o Mário.

- Tudo bem, eu vou à delegacia de qualquer modo.

- Calma. Vamos obedecer papai. Mas primeiro vou consultar o prefeito, pedir autorização para defender o homem. Depois convocamos Dr. Totó e companhia para planejarmos a defesa. Amanhã cedo, tudo bem. Hoje, ninguém fará mais nada com ninguém. Diga a papai que estou de acordo, serei advogado do homem, mas amanhã, que hoje estou de festa, festa!

- Ô Zé, não demore muito. Papai acha que trucidarão Dionísio na cadeia. Tortura. Ele pode ser até meio covarde, mas é teimoso como uma mula.

João ajudou Dr. Generoso a se levantar. O médico tinha o olhar fixo, perdido no vazio. Não esboçava qualquer gesto e foi o louco quem lhe ajeitou os óculos no nariz. Como não reagisse, João limpou-lhe o pó das calças, corrigiu-lhe a posição do paletó que se descompusera e o incitou a prosseguir com a tarefa de salvar Dionísio.

- Doutor, vamos atrás dos bandidos. Hopalong Cassidy fugiu com o prisioneiro. Nosso amigo corre perigo. Estão crucificando Cristo de novo.

- Meu filho, não adianta e...

Antes que o clínico terminasse a frase, João já o havia arrastado ladeira abaixo. Em pouco tempo, alcançaram o cortejo. O médico chorava, lágrimas irreprimíveis escorriam-lhe pelas bochechas avermelhadas pelo exercício físico inusitado para uma figura sempre tão pacata.

O séquito se detivera porque Dionísio caíra de borco com o rosto enfiado na poeira. Toninho Mariano cruzou à cavalo por cima do corpo. Outros imitaram-lhe, pisando com botinas, botas e sapatos o trapo desfalecido.

Como a vítima não reagisse, armou-se uma discussão. Morrera ou ainda vivia? Estaria com manha, esperteza para apanhar menos. Agüentaria até o córrego do Almoço onde pretendiam enforcá-lo. Murmuravam confusos os agressores. Um deles, mais objetivo, cutucou o homem com a ponta da faca. E nada. Outro, meteu-lhe um chute no rosto. Nenhuma reação. O homem morrera antes da hora, alguém gritou.

Ouvindo o anúncio da morte do amigo, João rompeu em prantos. Chorava uma ária cantada em voz agudíssima. Berrando uma música desesperada ele saiu dançando em círculos até acercar-se do corpo inerte. O espanto que provocou aquele negro, todo vestido de branco, cantando uma música tristíssima, paralisara a comitiva e João

pôde bailar livremente entre dezenas de pessoas que o observavam estupefatas.

Verônica com um pano branco acercando-se do Salvador. João arrancara, sem interromper o bailado e o lamento, a camisa branca e debruçara-se sobre a vítima, limpando-lhe com o maior carinho do mundo as faces ensangüentadas. Esteve nisso alguns minutos, até quando levantou solene o sudário que, em lugar de refletir em sangue o rosto do redentor, representou uma mancha informe de barro avermelhado.

Abraçando-se histérico ao pano, João encolheu-se todo para saltar, em seguida, o passo mais longo e harmonioso que jamais conseguira entre todas suas tentativas de imitar os bailarinos de Hollywood.

- Preguem um sopapo no nariz desse maricas desvairado - gritou Toninho Mariano tentando ele mesmo atingir o dançarino endoidecido com uma sonora chicotada que estalou seca no silêncio que o canto de João abrira.

Dr. Generoso chorava convulso, dobrado sobre sua própria impotência.

Alguém gritou, toca o carro que o homem acordou.

Régia Emília tinha quase dois metros de altura e era a alegria da garotada de Nova Barcelona. Ré, como todos a conheciam, não era bem uma puta. Biscate, diziam dela. Dava por gosto, dava-se sem restrições, entregava-se por compulsão inexplicável e nunca aceitara dinheiro de ninguém. Gostava de iniciar os pequeninos, e costumava comentar irônica:

- Deixai vir a mim as criancinhas... que eu lhes mostrarei o reino da terra.

Régia era debochada, desbocada e fustigava com furor o catolicismo piegas da cidade. Herdara este costume da mãe. Iaiá Comunista fora uma das primeiras bolcheviques de Goiás. Irreverente, sofrera infortúnios em cada revolta que praticara e, indomável que fora, padecera muito. Terminou pobre, desempregada e com tendência a embriagar-se para obnubilar a infinidade de derrotas que experimentara. Sobrevivia graças a ajuda que lhe davam Nazareno e a dúzia adicional de comunas da cidade.

A mãe de Emília era ardorosa admiradora de Garibaldi. Quisera registrar a filha com o nome Itália em homenagem ao revolucionário. O escrivão não aceitara a escolha. Indignada com a interferência em sua privacidade, Iaiá resolveu decidida:

- Se não me concedem todo o país, tomo uma região. Anote aí - berrou autoritária ao burocrata - Régia Emília ou Emília Régia, sei lá, qualquer dos dois estará bem.

Mãe e filha compareceram a festa da pamonha promovida por Dionísio. Nazareno as convidara. Entraram formais, meteram-se em um canto e ficaram a mãe a bebericar e a filha a admirar os homens. Ré, correndo os olhos pelo salão, fez as contas e reconheceu que já trepara com a maioria. Especializara-se em cópulas rápidas, sem muitos preâmbulos. Encontrava um tipo, atraía-o para o escuro de algum beco, abria-lhe a braguilha, levantava a saia e bimba. Preferia assim,

enojavam-lhe os conversadores. Odiava gracejos dos bem-humorados e quase vomitava com os sebestos que insistiam em lhe beijar a boca ou os seios. Mas era extremamente paciente com os castos, com os que não sabiam como proceder, com aqueles que mal tinham idéia de onde meter os pintinhos que ela tratava de endurecer com estímulos que somente ela sabia fazer quando bem o queria.

Ré era vistosa. Um mulherão. Fornida, não tinha um centímetro de gordura ou pelanca. Quando foi apresentada a Dionísio, ele brincou:

- Minha nossa, uma princesa jambo.

E mais não se disseram. Contudo, a mulher morena passou o resto da festança a observá-lo e, quando o velho Mariano se foi para a fazenda acompanhado de Ernestina, Ré aproximou-se de Dionísio que, cabisbaixo, mascava uma palha de milho.

- Pobre homem. Meteram-lhe uma frechada no coração e a amada já tem dono. Que desgraça cabeluda! Arre égua!

- O quê? Ficou louca mulher, do que você está falando?

- Não se preocupe homem, sou de confiança. Um túmulo. Agora, se quiser algum consolo, agora, do bom, pode contar comigo - disse-lhe Ré, armando um sorriso lindíssimo na boca imensa que era uma de suas marcas características.

Dionísio ficou a contemplá-la com as mãos postas na cintura e também sorrindo perguntou-lhe:

- Estarei ouvindo o que meus ouvidos escutaram, ou me engano? A senhorita convida-me para...

- Certo, tonto, venha até o quintal, venha.

Contornando algumas mulheres que lavavam louça no rego, os dois afundaram-se entre bananeiras, mangueiras e goiabeiras. Mal contornaram o fundo da casa e Ré o agarrou pela bunda, jogou-o contra um muro velho de adobe e colou-se inteira ao corpo do homem que somente então soube reagir.

Há muito Dionísio não amava alguém com tanto ardor e sofreguidão. Apertaram-se, penetraram-se, suaram, gemeram e gozaram orgasmos consistentes.

Ajeitando o terno, todo cerimonioso e agradecido, Dionísio convidou-a para saírem juntos. Jantar em um restaurante e depois dormir na chácara que ele alugara.

- Nem morta. Já nos conhecemos, daqui pra frente somente iremos estragar o bem-bom que fizemos. Dormir com homem me dá nojo. A noite, vocês fedem. Na cama, vocês me sujam. Não sabem foder sem deixar de lambuzar a parceira. Não, muito obrigada e até logo, gostosão.

Dizendo isto, ela se virou e fugiu toda faceira. Dionísio voltou para a casa pensando que se havia algo que não faltava neste mundo, este algo eram os loucos.

Recuando amedrontado para dentro do sobrado azul Divino reconheceu Dionísio. Enxergou o amigo e se compadeceu dele, imediatamente. Aquele bando de doidos estavam ali para matá-lo. A ele e não ao João como seria natural. Louco, afinal, ele, normal caçá-lo e prendê-lo como a um animal, então. Mas, não, carregavam a ele, o irmão congo, seu protetor e amigo, talvez Netinho pudesse ajudá-lo... e entrou espavorido casa adentro gritando pelo caçula das Neves.

Encontrou Dona Queta que fechava dramática janelas e portas. Ela o interpelou autoritária:

- O que foi Divino? Suma daqui, desapareça, já pro fundo, já - gritava ela.

Mas Divino queria ajuda, apoio para salvar o amigo das garras dos homens maus. Esquivou-se da patroa e meteu-se rumo ao quarto de Netinho onde ouvia ruído. Alguém brigava no corredor dos dormitórios. Zé Pedro ralhando com Netinho.

Hermógenes Neto se assentara na beira da cama, mas hesitava em levantar-se cagado como estava. Receava merda escorrendo-lhe pernas abaixo. Cabisbaixo, calculava movimentos sem se resolver.

De pé, o irmão imprecava imperial e repetitivo; descarregando no mais novo toda humilhação que lhe impunham os poderosos de Nova Barcelona.

Na agonia e pressa em que vinha, Divino descontrolou-se e atropelou Zé Pedro. Trombou, corpo-a-corpo, e inteiro se atracou com o irado irmão mais velho.

- Eia! Cuidado, seu tonto. O que foi? Viu algum fantasma?

- Agh... agh... agh...

Divino sofria de expressiva dificuldade oratória. Gaguejava, faltavam-lhe palavras para dizer o que lhe interessava, usava sem número de termos arcaicos e misturava tudo em linguajar engrolado, quase incompreensível. Ansioso, então, se atrapalhava ainda mais.

- Não. Dô'dô'dotô Zé... os ho'ho'ho'homens tão as'as'assa'matando o Seu Dionísio. Na rua, o bruto do To'To'To'Toninho Ma'Ma'Mariano.

Dona Queta se achegara. Imponente, com as mãos na cintura, ocupava quase toda extensão da porta do quarto.

- É um linchamento. O povo dos Marianos, uma capangada, um povão armado até os dentes, zanzando pelas ruas da cidade, para escárnio, para humilhar a gente decente, a cachorrada.

Zé Pedro fez menção de sair, parecia disposto a sair à rua. Dona Queta apenas segurou-lhe o ombro murmurando que o mal já estava feito, o homem sangrava cadáver já morto com certeza tantos furos de faca e de ferrão percebera ela pela janela, puro sangue, inútil enfrentar a ferocidade assassina daquela turba por um defunto morto.

- Meu Deus! Eu vou... vamos ajudá-lo, padrinho - gemeu Netinho levantando-se da cama.

- Você vai é lavar a bunda, seu cagão. Já pro banheiro... já. Ninguém põe o nariz pra fora dessa casa até as coisas se acalmarem. Entendido? Não quero mártir nessa família, de idiota basta-me o estúpido do pai de vocês. O velho não iria salvar o rapaz, o Dionísio? E fez o quê? Fora atihar vocês dois, fora mandar que vocês corressem perigo no lugar dele, fez o quê? Fez o que, se passa o dia inteiro roncando como um capado.

- Mamãe, talvez eu pudesse ponderar com autoridade de advogado e...

- Não. Chame a delegacia, use o telefone, afinal essa engenhoca deve servir pra alguma coisa. Telefone pro delegado, isso é serviço pro vagabundo e covarde do delegado. Afinal arrancaram o rapaz da cadeia, cadê esse pamonha do delegado?

- Certo. Vou telefonar, encontrar o delegado, o prefeito, isso não pode acontecer. Não aqui em Nova Barcelona, será uma vergonha, um atraso, é o fim da carreira política do Seu Nhonhô.

Divino aproximou-se do mais novo, segurou-o firme pelo braço e gemeu:

- Ne'Ne'Ne'Netinho vamos ajudar o moço.

- Divino, eu...

- Divino, raspe-se daqui, já. Pro fundo. Netinho se enrole nessa toalha e já pro banheiro - ordenou definitiva a mãe.

O advogado não encontrou ninguém em nenhum lugar. O delegado desaparecera. O prefeito viajara e Dr. Totó embrenhara-se desaparecido em sua própria fazenda. Por fim, tentou o consultório do Dr. Generoso, quem sabe o ferido necessitasse de ajuda médica, mas ninguém atendia ao telefone também lá na clínica.

Desconsolado, Divino esgueirou-se sozinho em encalço do cortejo. Antes, abriu com cuidado a porta do quarto do Coronel Hermógenes. O velho dormia sono profundo. De barriga para cima, ressonava leve. Da entrada Divino enxergava os imensos buracos do nariz do coronel, e, a ele, lhe pareceu que o velho já era um defunto estendido tranqüilo a espera de que alguma alma caridosa lhe encomendasse um caixão.

Dona Queta caminhava duzentas vezes o mesmo percurso. Nervosa e tensa como um tenor antes da estréia, ela ralhava sem propósito com as serviçais. Divino sempre fugia sorrateiro nestas ocasiões. Conhecia sobejamente sua ama para descuidar-se. Em véspera de banquete o mais acertado era azular na capoeira, escafeder-se.

Desde a madrugada ela reinava na cozinha. Depois de tudo pronto, ela ainda conferia cem vezes o mesmo detalhe e voltava a fiscalizá-lo ainda mais uma vez no instante seguinte. Com a colher de pau pendurada no beíço, provava um molho suspeito. Lambuzava o dedo indicador no tempero misterioso do lombo dourado em quase duas horas de forno. E reclamava.

Desconfiava do sabor das iguarias que cozinhava. Era uma artista exigente. Sofria dúvidas dilacerantes, tinha ímpetos de lançar ao barro uma galinha à cabidela que não pegara a devida e esperada coloração. Envolvida com essa alquimia culinária, esquecia-se do tempo. Somente quando aparecesse o primeiro convidado, ela se recordaria da decoração.

- Meus Deus, a mesa não está posta. Bernadete a toalha de linho... aquela bordada. Lourdes os talheres. Divino... Divino, cadê esse traste imprestável. Meu Deus... alguém busque os licores na cristaleira.

Nos almoços organizados por Dona Queta havia uma exorbitância de comida. Montavam-se duas ou três mesas. Uma imensa, colonial, com vinte lugares. As outras duas, menores, eram para doze convivas. Ela produzia uma verdadeira miscelânea de iguarias. Pratos árabes: quibe, berinjala e abobrinha recheadas, arroz cozido com lentilha e mafufo enrolado em folha de uva. Italianos: nhoque, espaguete e lasanhas, todos em duas versões: ao molho branco ou vermelho. Concedia-se menos destaque à cozinha alemã, no máximo, aparecia um estrogonofe com batatas fritas. Havia espaço assegurado para os carnívoros contumazes, churrascos à gaúcha: costelas e tiras macias de carne tostavam em grelha posta logo à

entrada da cozinha, bem ao alcance dos convivas acomodadas na sala-de-jantar. Mas a especialidade da casa eram os pratos de Minas Gerais. Neste particular, Dona Queta se afirmava uma virtuose. Não se conheciam tutu, feijão tropeiro e arroz à carreteiro mais saborosos. E as galinhas, ao molho pardo, cozidas no açafreão ou com arroz à espanhola, tudo era um regalo para a gula dos convidados. E os segredos da feitura de porco assado e de costelinhas que derramavam pedaços suculentos de tão cozidas. Lombo e pernil ao forno, era um despautério ceiar com os das Neves.

Bebida, havia de várias qualidades. Para antes, durante e depois das refeições. À entrada servia-se vinho do porto para as senhoras e cachaça de alambique especial para os homens. As crianças eram despachadas para a cozinha. Comeriam lá com os agregados. À mesa havia profusão de vinho tinto português, cerveja semi-gelada, sucos das mais variadas frutas e refrigerante guaraná industrializado. Depois dos doces em calda, pudins, queijões, ambrosia e sonhos, oferecia-se licores. O mais raro era o de jabuticaba, conservava o arzinho fresco da fruta molhada pela água da chuva. Arrematava a comilança um café bem forte e bem quente.

Durante estes banquetes quase não se conversava. Antes de se assentarem à mesa os homens riam muito e contavam anedotas ou discutiam política, animados pelo álcool dos aperitivos. Refestelados, depois do almoço, todos se desculpavam pela urgência em voltar às suas casas para cumprir alguma obrigação inadiável. Ninguém assumia abertamente o sono e a preguiça que a digestão de tanta comida impunha. Envergonhavam-se de admitir que iriam dormir uma sestina gostosa. Alguns arriscavam-se a afirmar que tirariam um cochilo, nada mais. Dormir durante o dia, era para enfermos ou para criancinhas de colo. Este era o costume.

Terminado o almoço, escutava-se apenas Divino arrastando com pachorra os pés entre a cozinha e sala-de-jantar. Ele levaria hora inteira para limpar os restos da comilança. Encontros alegres, em geral, aqueles. Mas com muito pouco de diálogo entre os convivas, ateste-se em defesa da verdade.

Quando Dona Aparecidinha percebeu um bando de homens armados invadindo a cadeia ela não teve dúvida: resolveu procurar o vigário, somente ele poderia impedir que Nova Barcelona se cobrisse de vergonha, pensava enquanto marchava resoluta para a casa paroquial.

Antes ela resolvera impedir o massacre por conta própria. Desde que tomara conhecimento da prisão descabida de Dionísio, concluíra, lógica, que haveria, com certeza, trama sangrenta armando-se no ar. Como residia perto da cadeia, mantivera-se vigilante. Durante toda noite de sexta-feira estivera diante da janela. Sábado, já relaxara o controle. Domingo, almoçando solene, perturbou-lhe a paz um alarido insólito. Saltou da mesa e viu a turba. Desceu as escadas perigosamente aos pulos e interpelou severa os invasores, o que era aquilo, justiça com as próprias mãos, o que pretendiam fazer. Ninguém dignou-se sequer a responder-lhe. Continuaram impondo ao delegado que ele lhes entregasse o prisioneiro assassino.

Dona Aparecida pertencia a congregação das Filhas de Maria. Devota, acreditava na igreja mais do que em tudo. O vigário, lembrou-se, o vigário, e saiu em disparada.

Frei David adorava a vidinha mansa que levava em Nova Barcelona. E quanto mais a adorava mais culpado se sentia, e foi espicaçado por esse sentimento de culpa que ele resolvera mudar-se para Cruzeiro do Sul. Soubera da quantidade exorbitante de leprosos que apodreciam naquele lugarejo perdido nos confins da selva amazônica. Procurou em um globo de papelão que trouxera dos Estados Unidos e não encontrou qualquer referência àquela cidade com nome estelar. Em um atlas editado pelo Ministério da Educação descobriu o que procurava: aparecia Cruzeiro do Sul bem no centro do estado do Acre.

Partiu de Nova Barcelona com ar compungido de mártir. Voltou quatro anos depois convencido de que o sofrimento que padecera nos trópicos já lhe garantira uma vaga no paraíso. Aquilo fora um inferno. A batina

marrom de casimira não combinava com o clima e ele se enchera de pústulas. Nem suspeitou de contágio porque depois de um mês na cidade ainda não conseguira identificar um leproso sequer. Ninguém. O antigo leprosário fora desativado e os doentes haviam se espalhado pelas beiradas do rio. Mas o calor, o suor e o pano grosseiro de sua vestimenta transformaram sua pele em chaga viva. Eram assaduras irritantes mas suportáveis, no começo. Logo, algumas se infectaram. Outras, nunca se cicatrizavam. Pediu autorização especial a Roma solicitando permissão para abandonar temporariamente o hábito tradicional dos franciscanos. Ano e meio depois ainda tramitavam documentos entre Itália, Estados Unidos e Brasil, porém nenhuma autoridade se animara ainda a conceder-lhe o privilégio de envergar uma batina branca de algodão cru. Um dos pareceres alertava para o perigo do novo hábito reforçar a credence, inata aos brasileiros, em curadores e milagreiros, quase sempre representados em batas grosseiras muito assemelhadas àquela sugerida pelo solicitante.

Desesperado, Frei Davi resolvera regressar à Nova Barcelona e voltara promovido à vigário da nova matriz recém-construída. Autoridade dupla passara então a desfrutar: a formal constituída, máximo representante do Vaticano naquele lugarejo católico; e, uma outra, também valiosa apesar de moral, a fama de que sacrificara carreira e arriscara a saúde em nome da caridade. Na realidade, o abafamento dos trópicos apaziguara o espírito aventureiro do frade. O rapaz apaixonado por São Francisco que abandonara sem vacilar a América do norte transformara-se em um comedido senhor de meia-idade. Alguém ainda comprometido com a salvação de almas semi-bárbaras, mas também alguém que aprendera a valorizar o conforto e a paz. E, principalmente, alguém que resolvera não trocar seu repouso vespertino em benefício que fosse da mais nobre de todas as causas. Sempre, alegava ele para sua própria consciência, depois, mais tarde, sempre poder-se-ia remediar o malfeito, e, consolado por este raciocínio pragmático, organizara vidinha muito tranqüila e regular. Nada, nada justificaria que sacrificasse seus hábitos.

Assim, Dona Aparecidinha esmurrou e esmurrou a porta da casa paroquial e ninguém a atendia. Hora da sesta. Tanto golpeou que apareceu uma empregada. Acordar o Frei, de forma alguma, tinha ordem expressa, absolutamente, em nenhum caso, sabe, a senhora, como são esses estrangeiros, não abrem exceção para nada, de nenhuma forma deixaria de cumprir a ordem do padre, a dona que a desculpasse.

Durante, hora e meia Dona Cidinha caminhou voltas intermináveis entre estolas, imagens, candelabros e vasos, perdida na sombra fresca da sacristia para onde fora conduzida para que aguardasse o término do cochilo do seu vigário.

Pinduca foi arrastado do alpendre contra sua vontade. Puxaram-no pelos braços para dentro de casa.

Tremendo de medo na penumbra, persianas fechadas, a família escutava berreiro festivo e uivos. Vergonha, os homens não suportaram a desfeita e fugiram para o calor da cozinha. As mulheres, embora assustadas, não resistiram à curiosidade e entre frestas entreabertas ficaram esquadrinhando a rua. As tias se descabelavam; a avó, do lado, quieta, imaginava remédio para mal tão amargo. Nomes reconhecíveis, fisionomias pronunciáveis, a dos assassinos. Perto da sala-de-jantar o som fofo e úmido do aço espetando a barriga do rapaz elegante e fino vindo de São Paulo, crueldade. Bestas-feras.

- Mãe, a barriga dele, com punhal, Meu Deus, sangra, chora.

- Ai, mãe! O cavalo, atropelando ele.

Roda de corpos abraçados; novelo de braços, troncos, vestidos e cabelos. Tudo misturado e girando na ânsia de querer ver para depois desviar o olhar que procurava novamente a fresta entrecerrada para confirmar a cena impensável, mas real, se desenrolando ali, bem diante da fuça delas. Todas girando, rogando protestos, inúteis, contra o horror à vista.

Tanto sofriam e se lamentavam que se esqueceram de Pinduca sozinho no meio da sala. Triste, de uma tristeza nunca experimentada, ele se esgueirou para debaixo da mesa e dali escapuliu para a cozinha, de onde fugiu para contornar o jardim e sair à luz no portão da rua, bem ao lado do alpendre onde caíra seu calidoscópico.

O menino ainda encontrou a retaguarda da passeata passando. Os bêbados e trôpegos atrasavam-se dos outros mais ligeiros. Pinduca os viu carregando corda e pau-de-lenha.

Olhos arregalados na imensidão de uma testa muito larga para o corpinho mirrado, olhos desmesuradamente abertos e interrogativos no meio desértico de uma cabeça pelada, olhos buscando o calidoscópico perdido no chão poeirento da rua.

Encontraram-no logo, os olhos, ao brinquedo. Descobriram-no espatifado. Todo amassado e estilhaçado. Objeto inútil. Com o olhar triste, profundamente triste, ele segurou o aparelho e sentiu que não compreendia nada da vida, que não entendia os homens ou tampouco o mundo inteirinho, todo.

Estavam quase lacrimejando, os olhos, quando reconheceram a corcunda da avó marchando resoluta no encalço dos linchadores. Pensou chamá-la, Pinduca, mas um nó de orgulho travou-lhe o berro na garganta.

Doutor José Pedro acalmara-lhe o pavor. Sábado. Aconselhara-o a não reclamar da sova que levava. Mas e a confissão, perguntara Dionísio angustiado. Assinei inverdades, mentiras, tudo que os homens mandaram. Documento sem importância legal, explicou-lhe paciente o causídico, questionaremos, uma a uma, suas declarações no tribunal, a polícia o manteve quase vinte-e-quatro horas sem assistência jurídica, em incomunicabilidade suspeita, ilegal, tranqüilizara-lhe o advogado, irmão do seu amigo Netinho que lhe mandara compota de pêsego em calda e cigarros continental sem filtro.

Dionísio ainda arriscou um palpite precavido. Exame de corpo delito, não seria conveniente, insistira. Apanhei como uma mula velha e estou todo marcado, veja o senhor mesmo. Sim, talvez. Não permitiram que Dr. Aristóteles me acompanhasse, coisa de política, quem sabe Dr. Generoso não provocasse suspeita e quem sabe... Como quem sabe, quase chorou Dionísio. Se não conseguirmos anular a confissão pegarei trinta anos. Por Deus, e Doutor assegure-se de que não vou mais apanhar, veja.

A Dr. José Pedro repugnava-lhe a cena. O delegado excedera-se mais uma vez, sob ordens do prefeito, certamente, complicada a situação, mas causava-lhe asco aquela violência exorbitante. Entretanto, mais prudente evitar qualquer confronto. Contorná-los, sempre seria melhor política. Respeitar a lei, sim, sempre, mas descobrir caminhos menos espinhosos. Naquele caso haveria que se proceder com tato, com muito tato. Foi dessa estratégia que ele tratou de convencer seu consulente. Que se acalmasse, ninguém tocaria mais em um fio da cabeça dele, conseguira apoio, papai, digo, Coronel Hermógenes Filho; Dr. Totó, digo, o Aristóteles; a opinião pública de Nova Barcelona; muitos o apoiavam. A maioria contra os irmãos Mariano, assassinos frios e violentos. Ele falaria pessoalmente com o prefeito,

acertaria proteção especial ao preso, dadas as circunstâncias.

Toda essa conversa mole pacificou a ira sagrada que fora se apossando de Dionísio. Calmante que o tranqüilizou, mas que também o acovardou pois ele voltou a acreditar em alguma outra solução que não sua própria morte. Apanhando na cela ele transfigurara-se, transcendera a miséria que o rodeava e voara soberano acima de toda aquela merda. Dopara-se com indiferença soberana e se encouraçara dentro de uma imensa capa de orgulho. Acreditara que morreria e se morria nada mais lhe importava e, portanto, poderia flutuar livre acima daqueles homens de merda. Dionísio era otimista por natureza. Poderia assinar falsa confissão, mentir, enganar, mas não se humilharia chorando ou lamentando. Não pediria clemência a seus algozes.

A conversa de sábado com o advogado o desarmara.

Depois, não dormiu durante a noite toda. Esforçou-se para planejar, sério, maneira de se defender, mas não conseguira concentrar-se. Ao contrário, esteve quase todo tempo lembrando momentos alegres e prazerosos de sua vida. Sem ordem e sem conexão aparente permitiu que cenas do passado lhe cruzassem o cérebro. O cabelo cheiroso da mãe quando ela se acercava carinhosa para beijá-lo no pescoço e o pai ralhava: cuidado, vê se não me estraga o menino, não quero filho afrescalhado. Um idiota vaidoso, o velho. Ernestina, pernas firmes e grossas, ele penetrando-a. Volúpia igual nunca experimentara. O dia em que bailara até perder a consciência, não bêbado mas em delírio rítmico. O primeiro terno de linho que experimentara, orgulhoso. Ombros largos, calças frouxas e os óculos verde-escuros. Coisas sem importância, todas. O sentido geral de toda sua vida, essas pequenas coisas, todas.

Domingo de manhã Dionísio acordou assustado depois de uma soneca leve. Havia um silêncio sinistro. Mal presságio, pensou. Gritou pelo carcereiro e nada. Berrou, queria café. Finalmente, apareceu-lhe o delegado em pessoa. Estranho, cismou o prisioneiro. Muito estranho. Todos saíram de folga, explicou-lhe a autoridade em solicitude suspeita. Café? Quem, diabos, o faria se todos haviam saído, ah, mandar um moleque à

confeitaria. E Dionísio quebrou o jejum com luxo: rosca, pão quentinho com manteiga, leite, café e até refresco de frutas.

A eficiência do advogado, primeiro resultado positivo, acreditou desconfiado. Depois, com a persistência do silêncio, descobriu que estava sentenciado. Naquele domingo iriam matá-lo. Então perdeu o controle, gritou, clamou clemência, queria imediatamente entrevistar-se com Dr. Zé Pedro e nada. Nada.

Quando a turba invadiu a cadeia vencendo a resistência pacífica interposta pelo delegado, custaram a descobri-lo. Encontraram-no tremendo debaixo da cama. Arrancá-lo foi um custo, ele se agarrava às molas da armação patente e só as largou quando lhe feriram os dedos com punhal afiado. Depois, embora carregado, grudava-se a paredes, portas ou a qualquer objeto que dificultasse a ação dos seus seqüestradores. Esperava retardá-los, dando tempo a que algum esquadrão o salvasse. Seus aliados, amigos, a gente de bem da cidade, onde estariam todos? Era ganhar algum tempo e eles chegariam para impedir o crime.

Quando sentiu a luz do sol nos olhos, compreendeu tudo. Estava perdido, ninguém o salvaria. E então, de repente, ao sentir-se perdido, voltou-lhe a coragem e ele olhou seus algozes com infinito desdém. Com um desprezo tão imenso que o comandante da turba não suportou encará-lo, escondendo-se debaixo da gritaria selvagem que iniciara como que para entusiasmar os seguidores.

- Olé, ferrão no assassino. Nova Barcelona nunca engoliu desaforo de estrangeiro, olé!, moçada.

Dr. José Pedro meteu-se no chuveiro para desanuviar a meia-dúzia de cerveja que emborcara na noitada em que comemorava o noivado da filha. A cabeça pesava-lhe toneladas apesar de sentir um buraco escavado bem no meio de seu crânio.

Parecia maldição, castigo. Não se recordava de festa, nenhuma, que não terminasse em desgraça, ou em balbúrdia e confusão. Alegria que se interrompia em mil tarefas e obrigações descarregadas sempre sobre os ombros dele, o mais ajuizado e equilibrado da família. Ou acontecia dos pais se engalfinharem diante de visitas e sobrava para ele recompor aparências, ou algum dos irmãos excedia-se na bebida e saía armado prometendo desatinos. Sobrava sempre para ele o papel de reparador de desatinos perpetrados por outros, sempre.

O prefeito concordara. Até ponderara prestativo sobre a conveniência de um processo conforme as regras. Sim, melhor alguém de confiança encarregar-se da defesa. Contrariedade haveria caso o italiano contratasse advogado desconhecido. Isso poderia alterar a normalidade esperada e desejada por todos. Sim, de acordo. Mas aconselhava, prudência, visitar o preso somente ele, como advogado. Não, ninguém mais. Nem amigos e muito menos políticos da oposição. Nem pensar. Sim, ele reagira à prisão, alegara inocência à princípio, depois confessara o crime vergonhoso. Ao lidar com o preso, Cabo Joaquim José dera-lhe um ou dois pescoções. Não, nada grave. Tabefes bestas, resistira à autoridade, à princípio. Sim, no caso, a Prefeitura providenciaria visita de médico à cadeia. Segunda-feira, Dr. Generoso seria acionado. Ah!, acrescentara espumando veneno o Coronel Nhonhô, aconselhe Dr. Totó a que se acalme, conveniente se ele contivesse a língua. Avise-o de que ultrapassou o limite do tolerável. Entrou no terreno da ofensa pessoal e não sou de guardar desaforo, avise ao Totó. Não, não se preocupasse o senhor prefeito, dever de todos prevenir eclosão de desavença

irreconciliável, de acordo, ele daria o recado. De acordo, em uma hora estaria na cadeia para visitar o preso. Não? Mais tarde, depois do almoço, muito bem, certo. O senhor prefeito faria a gentileza de comunicar autorização ao delegado.

Enquanto o advogado se banhava, Netinho convocou Dr. Aristóteles e correligionários para uma reunião. Comunicou-lhes que o irmão aceitara defender o acusado, que viessem todos, pensar estratégia que livrasse o prisioneiro e evitasse a multiplicação da violência.

Mal chegaram os visitantes e Netinho foi anunciando sua intenção de testemunhar a favor do acusado. O irmão proibira-lhe revelar sua disposição de ajudar ao amigo prisioneiro.

Dr. Aristóteles relutou em aceitar as imposições do prefeito. Mais um desmando do Coronel Nhonhô, como?, então não poderia visitar o amigo preso? Afinal quem decretara a incomunicabilidade do prisioneiro? Algum juiz? O prefeito transbordava sua autoridade e ninguém deveria tolerar o desplante autoritário, quando se acostumaria, o prefeito, a comportamento civilizado? Seguiria horas vociferando indignação, o médico, se um telefonema do prefeito em pessoa não lhe houvesse quebrado o entusiasmo.

Falando com o prefeito, ainda que ao telefone, Dr. Aristóteles primeiro empalideceu e depois emudeceu. Somente abriu a boca para "ahs" de espanto e "sins" de concordância. Desligou já com a belicosidade sensivelmente reduzida e voltou à reunião com espírito bem mais pragmático e cordato. Que todos sossegassem, ponderava sério, a ação firme da oposição e a iniciativa profissional competente do Dr. José haviam obrigado Coronel Nhonhô a abaixar o pito. Haveria julgamento honesto. O prefeito garantira a incolumidade do preso. De fato, poderiam todos descansar, aproveitar o fim de semana. Encargo apenas para o advogado, visitar o prisioneiro e preparar linha de defesa. Ele pessoalmente iria pra sua fazenda. Negócio urgente a ser fechado e este gesto contribuiria para desarmar o ambiente, acalmar os ânimos, exemplo de boa-vontade. Netinho que voltasse e tranquilizasse o pai. Tudo seria providenciado para atestar a inocência de Dionísio. No

entanto, a prudência recomendava não acirrar mais ainda os humores já bastante exaltados. Qualquer faísca poderia provocar onda de crimes, era prudente agir com responsabilidade, evitar retrocesso aos tempos em que a lei em Nova Barcelona escrevia-se com rastilho de pólvora. Oposição, sim. Mas com responsabilidade e parcimônia. A propósito Dr. José, parabéns pelo noivado de sua filha, excelente genro, um filho, o senhor conseguiu.

Netinho não quis ficar para a festa que prosseguiria com um almoço animado. Resistiu com discrição à insistência de Alba que, esfogueada, puxava-lhe folgazona o paletó teimando que ele ficasse um pouquinho que fosse. Tão distraída estava Alba de Nova Barcelona que não soube perceber a seriedade grave com que todos deixaram a reunião realizada a portas fechadas no escritório do pai. Desligada e feliz, esteve todo o tempo desatenta. Ademais, todos obedeceram com escrúpulo as instruções do advogado e ninguém fez qualquer menção às desgraças que se haviam abatido sobre a cabeça do seu antigo namorado. Sem graça, Netinho saiu sábado afora sem programa de farra à vista e, quebrando costume de anos, resolveu cruzar o fim de semana trancado em casa.

Pinduca pensou gritar. Pedir ajuda a avó. Mas ela escapara ligeira quase grudada contra a parede da casa.

Dona Filomena era baixinha, usava cabelos longos amarrados em um eterno coque de tranças enroladas em três voltas. Caminhava com passinhos miúdos, sempre ligeira e despachada.

Era uma pessoa muito correta e objetiva. Assistira impaciente o marido e o genro discutindo durante todo o almoço sobre a inocência de Dionísio. Ambos condenavam enfáticos a tradição violenta de Nova Barcelona. Culpavam o coronelismo pela situação. Citavam exemplos de outras cidades que haviam derrotado o sistema de jagunços. Os dois, babavam indignação e peroravam, eloqüentes, em favor da justiça. O pobre do rapaz era inocente e seria imolado como cordeiro de deus, afirmavam irônicos apontando com o dedo indicador no sentido da casa do Coronel Nhonhô quando mencionavam a palavra deus.

Enquanto lhes servia o café Dona Filomena os questionara com falsa ingenuidade:

- Se assim é, o que farão os senhores para impedir esse pecado? Há culpa na omissão, também.

- Como assim, minha santa? - perguntara-lhe o marido. - Isso é problema das autoridades, do senhor prefeito, do delegado, juiz de direito, etc. O que poderíamos nós, simples cidadãos, fazer pelo pobre rapaz com uma corda já amarrada no pescoço?

- Sei não. Se o homem está preso, como poderia ser assassinado?

- Não seja ingênua minha santa, não seja mais inocente do que os anjos.

Dona Filomena era crente e não acreditava em santos nem em anjos interferindo na vida terrena, o marido a provocava por gosto à polêmica. Ele praticava agnosticismo machadiano, conforme gostava de definir-se em matéria religiosa, e adorava atihar a religiosidade entranhada da esposa.

Quando as filhas entraram berrando que carneavam o italiano pelas ruas, foram o seu marido e o seu genro quem primeiro correram a tramar portas e cerrar janelas com trinco de ferro. Aquilo irritou profundamente o senso de proporção de Dona Filomena: como podiam discutir parecendo dois campeões da liberdade e diante da ação prática comportarem-se sempre como dois cães.

Foi, portanto, tomada de revolta que jogou o chalé sobre os ombros e saiu para acabar com aquela malvadeza. Acreditou que Deus inventara uma prova para Nova Barcelona. Se não reagissem seriam amaldiçoados para sempre como o povo de Jerusalém que se descuidara de salvar Jesus.

Pertencia a mais antiga congregação protestante da cidade. E, ultrapassando a passeata com seu passo ligeiro, foi direto à casa do pastor que a recebeu imediatamente. Sim, irmã, estava informado dos acontecimentos. Não, não seria uma prova ou desafio. Não. Ao contrário. Sinal de degradação, guerra entre demônios. Ninguém, entre os contendores, digno da piedade deles, casos perdidos. Demonstração severa da cólera divina. Aquela cidade fora dominada pela concupiscência, pela cobiça e pela falta de fé. Cidade governada por uma aliança diabólica entre católicos romanos e bodes maçons. Nada a ver com os irmãos. Coisa do diabo e ademais aquele Dionísio somente trouxera pecado, luxúria e dissolução para Nova Barcelona. Recebia castigo merecido, justo.

Dona Filomena ouvira quieta. Não lhe era habitual duvidar de sua igreja, mais raro ainda lhe seria questionar qualquer autoridade eclesiástica; mas, nesse caso, ela somente conseguiu conter-se depois de grande esforço. Discordava da certeza e da segurança com que o pastor julgava e condenava o pobre rapaz. Ela o conhecia, fora amigo de suas filhas. Agradável, prestativo e meigo. Pecador seria, por certo, e quem se apresentaria completamente puro? Apesar da indignação ela se calou, pensou muito, teve tempo de sobra para se acalmar porque a explicação do reverendo demorou meia hora, tanto salmo e versículo citava para comprovar que

aquele linchamento era uma manifestação direta e pura da divina ira.

Régia Emília acordava tarde. Nunca antes do meio-dia. Vagava as noites caçando adolescentes. Qualquer canto com um pouco de privacidade e reserva lhe servia para o gênero de sexo rápido que praticava.

Vivia com a mãe em uma choupana de adobe com piso de terra-batida. Cisterna com sarilho, corda e balde; no fundo do quintal. Poço profundo, tão profundo que tirar água era esforço pesado. Ginástica modeladora que se repetia todo santo-dia, tanto que os seios de Ré se lhe empinaram graciosos e redondos. Braços e pernas da moça também amadureceram musculosos e bem proporcionados à sua beleza atlética e exuberante.

Lavava com energia o rosto no balde cheio d'água quando escutou ruído que lhe confrangeu o coração. Percebeu um uivo fraco e prolongado, mas muito sofrido. Identificou-se imediatamente com aquela tristeza. Aquele era o mesmo jeito dela sentir o mundo, aquele canto, aquele gemido, aquele grito. Somente alguém muito bondoso e muito injustiçado seria capaz de compor modulação com tamanha expressividade. Sem pensar, saiu correndo.

Na rua trombou com João Louco. Dr. Generoso a amparou, evitando que caísse trôpega. Divino das Neves vinha um pouco atrás. Seguiam estranha procissão de peregrinos machos, metade dos quais ela conhecera pelos matos e quebradas de Nova Barcelona. A maioria cruel, soubera antes, e soubera pelo modo desprezível que alguma vez a penetraram distraídos completamente, dela, descuidados, completamente, dela, eles.

No meio da balbúrdia, rodopiando sujo e vermelho no meio da poeira, Dionísio, amarelo-pálido, tropeçando no ar.

Dionísio maltratado, santo senhor que a amara de modo distinto, mistura de respeito e de entusiasmo, alguém que a possuía com consideração, como se ela fosse gente igual que a todos, tanto que até sonhara, devaneio fugaz, outra vida menos áspera, outra

existência, serena, algo improvável parecido ao jeito dele amá-la. Massacrado, ele. Ela soubera desde o começo. O italiano não sobreviveria à Nova Barcelona, delicado como era. Frágil, casca fina.

E ela foi se chegando comovida. Desviava o corpo do caminho dos cavalos, esquivava-se ligeira de braços e mãos que tentavam barrar-lhe a trajetória e, assim, achegou-se bem perto de Dionísio.

Todos descuidados, como se aquilo fosse folia de carnaval. Ninguém preocupado, ou triste. Foliões, armados, vociferando matança.

Abraçou-se inteira ao corpo cambaleante. Os olhos dele sorrindo. O rosto contorcido, gemendo baixinho, mas os olhos serenos, sorrindo. Absurdo pareceu-lhe, mas sorria o olhar dele, agradecido e amoroso.

Umidade pegajosa nas coxas, barriga e peito. Tudo molhado e umedecido com o sangue morno dele. Sujeira melosa, repugnância ancestral e o corpo de Régia Emília encolheu-se rígido. E ela soltou o molambo que sustentava, dividida entre o horror àquela intimidade viscosa e à vontade imperiosa de mergulhar no sereno dos olhos dele. Soltou-o um segundo apenas, um segundo, para depois abraçá-lo maternal e cantar-lhe suave:

*"serenou, eu, cai, eu, cai,
sereno da madrugada
não deixou meu bem dormir..."*

Rê escutava longe, dentro de sua cabeça, a música acalanto. Escutava e cantava embalando suave o corpo oscilante dele. Dionísio recostara-se arquejante nos ombros dela, que enfraquecida não suportou o peso e caíram os dois; ela sem desgrudar dele, seus braços tentando suavizar-lhe a queda, chamando para si o primeiro impacto com o chão duro.

- Desgrudem os dois pombinhos - ordenou Toninho Mariano.

Exageraram no empurrão que lançou a mulher longe na sarjeta.

- Também não judiem da Rê. Ela foi professora de todo mundo. Professora de sacanagem - ria-se satisfeito Toninho.

Circunvagando Nova Barcelona era um pulo. Poucas ruas, becos sem importância e avenida apenas uma. O linchamento não tomou mais do que duas horas da vida da cidade. Duas horas, durante as quais a maioria se escondeu da luminosidade cruel daquele meio-dia de primavera insuportável. Alguns esconderam-se por medo pânico, muitos se ocultaram por covardia e outros até por não suportarem o espetáculo degradante. No entanto, escolheram livremente não enxergar e somente não viram porque não queriam. Já que os algozes buscavam, com deliberação provocativa, visibilidade para o ato que praticavam. Queriam platéia para presenciar a vingança que alardeavam executar. Não se preocuparam em garantir anonimato seguro para o crime premeditado que haviam arquitetado.

A cidade, à princípio, dividiu-se confusa. Muitos apontaram no linchamento estratégia para encobrimento dos verdadeiros culpados. Imolavam um inocente para colocar uma pedra sobre o assassinato do velho Mariano. Outros, se congratularam discretos com a turba dos Marianos, apoiando o que gostariam acontecesse talvez de forma menos escandalosa e pública. Inúmeras pessoas haviam cultivado ressentimento e suspeita contra aquele aventureiro arrogante e apreciavam o castigo que lhe era imposto.

Entretanto, poucas horas depois do passamento de Dionísio a opinião pública já execrava Toninho Mariano. Monstro, diziam dele. Criminoso cruel e sanguinário.

Mariano Antônio, o irmão mais circunspecto, conservara-se fora da ação direta; e, ele próprio, depois, condenara, traidor, o irmão. Na realidade, tratara de assegurar fuga segura para o mano procurado pela justiça como novo bode-expiatório que deveria pagar pelos desatinos de que meia-cidade era cúmplice. Coronel Nhonhô, que nada fizera para impedir o seqüestro do prisioneiro, foi o primeiro a telegrafar ao governador

assegurando que tudo seria feito para capturar o responsável pelo ignominioso crime.

Comentou-se que Marianinho lucrara bastante com esse desfecho. Foi declarado responsável pela administração dos bens móveis e imóveis do irmão logo após julgamento do pedido de interdição do trãnsfuga por loucura e insanidade. O irmão foragido, desapreciado no sertão, e Marianinho único senhor das fazendas e do gado que, antes, haveria sido dividido entre os dois.

Outro vencedor fora Coronel Nhonhô, além de casar o filho com a viúva rica, ainda se vira livre de um opositor ferrenho, o velho Mariano. De sobra, ainda resultara-lhe comprometer a credibilidade do adversário. Dr. Aristóteles deixara-se intimidar com muita facilidade e não conseguira proteger a vida de dois de seus principais correligionários: o velho Mariano e Dionísio haviam recebido punição e seus assassinos viviam livres e soltos. A oposição enfraqueceu-se muito depois. De resto, Marianinho transformou-se em escravo fiel do prefeito. Compuseram dupla que se rodiziaria no comando da prefeitura quase década e meia. Ora um, ora outro, no cargo; mas sempre, os dois, desfrutando dos benefícios do poder.

Na verdade o bando de linchadores se exaltara além das conveniências. Haviam se inebriado com cachaça, sangue e duas horas inteiras de poder absoluto, os linchadores, e com isto, acabaram cometendo desatinos inaceitáveis para a maioria. No trajeto, quebraram todos os vidros da residência do Dr. Aristóteles. Isso revoltara a vizinhança. Assustara a todos. A vítima agora não era apenas um estrangeiro. Felizmente, o médico estava fora, em viagem de negócios. Senão, ou sua honra, ou sua sobrevivência haveria sido comprometida. Estando, se não desse as caras, seria taxado de frouxo. Se houvesse assomado em defesa de sua própria moradia, a horda o teria massacrado para gáudio dos situacionistas. Dona Angélica, trancada no quarto, teve uma síncope nervosa e ninguém a atendeu. Estrebuchou no assoalho e, depois, dormiu doze horas de enfiada.

Toninho Mariano aproveitara-se também da situação para ajustar antiga desavença em pendência. Invadiu a casa do velho Olegário das Dores e estapeou pessoalmente

o velho senhor que tremelicava e espumava ódio impotente. Um filho tentara proteger o pai mas fora jogado em corredor polonês. Apanharam muito os dois, tudo porque haviam proibido a filha, Maria Amália das Dores, de namorar Antônio Mariano Filho, e isso acontecera há dez anos passados. Aquilo revoltou a opinião pública. Invasão de domicílio, tortura abjeta, Toninho era cruel, um monstro, comentavam, depois.

Esse último episódio passou-se em sítio próximo ao córrego do almoço. Foi o auge de excitação e, logo em seguida, dependuraram Dionísio em uma corda.

Régia Emília correu para segurar Dionísio pelas pernas. No caminho ainda cruzou com linchadores que voltavam apressados para a segurança de suas vidas pacatas. Dr. Generoso e Divino atrasaram-se com o emperramento natural ao seu caminhar habitual.

Ré partiu célere na dianteira, alguns passos atrás a acompanhava em carreira disparada o louco João. Emília sustentou o corpo oscilante pelas pernas. Ela era alta, mas Dionísio era pesado e, com o peso que sustinha no ar, ela começou a adernar em círculos. Quase caía a cada volta do corpo, porém não largava as pernas. Agarrava-se a elas como se daquilo dependesse sua própria sobrevivência.

- A corda, a corda - ela gritava desesperada - cortem a corda. João... socorro, socorro, pelo amor de Deus.

João saltou elegante, quase um vôo e se agarrou ao galho em que balançava o enforcado. Em movimento rápido aproximou-se da corda e principiou a desatar a infinidade de nós e de voltas com que os bandidos a haviam atado à árvore.

- João... João, eu não agüento mais, pelo amor de Deus, seja rápido.

- Ré... uma faca, uma faca, tá tudo cheio de nó cego, aqui. Uma faca.

Dr. Generoso tivera tempo para vencer a distância que o separava do patíbulo e gritou esperançoso de ainda encontrar Dionísio com algum sinal débil de vida.

- João... João segure, tome, pegue meu canivete.

Após abrir a lâmina do seu pica-fumo, o médico o atirou cuidadoso em direção ao louco que balançava dependurado na árvore. João o apanhou no ar e em um minuto cortara a corda e o corpo veio ao chão apesar do esforço em contrário de Ré.

Os três se precipitaram sobre o homem que rolou inerte pelo chão poeirento. Ré alisava-lhe o cabelo dizendo Di, Di do meu coração não morra agora; e João tentava segurar o sangue que principiara a minar aos

borbotões pela boca entreaberta do desfalecido e Dr. Generoso, objetivo, procurava apalpar-lhe palpitações desaparecidas, nada na carótida, nada no coração, nenhum alento respiratório e as pupilas imensas, tão dilatadas quanto as de alguém morto há minutos, há muitos minutos. Divino observava a cena de pé, ao lado.

O velho clínico se levantou triste e murmurou:

-Descanse em paz Dionísio, essa cidade de merda acaba de massacrá-lo.

Ré abraçou o corpo e ficou a niná-lo como se ele fosse alguma de suas bonecas de pano, com infinito carinho, cantando baixinho serenou, eu, cai, eu, cai, sereno da madrugada não deixou meu bem dormir e João, João deu um grito histérico e caiu de costas, desmaiado, com os braços abertos, em encenação, a mais hollywoodiana possível.

Pela primeira vez na vida Dona Filomena descobriu que o seu pastor era um chato de galocha. Ela nunca o perdoaria pelo tempo prolongado em que a reteve com pregação repetitiva e injusta. Afinal, ela já ouvira todos aqueles argumentos em mais de uma dezena de ocasiões. Fora enganada, enquanto o idiota blasfemava acusando Deus de ser tão mesquinho quanto Toninho Mariano, a horda massacrava o rapaz. Como pudera, ele, teólogo, insinuar que Deus quisera aquela barbaridade. Só se fosse o dele, porque o dela não, nunca, Ele era bondoso. Jamais concordaria com selvajaria tão injusta.

Chegou em casa irritada; ela, usualmente cordata, tinha ganas de cuspir labaredas. As filhas não choravam mais. Ela entrou silenciosa, pisando duro. Não explicou a ninguém o motivo de seu desaparecimento.

Apiedou-se de Pinduca enfiado em um canto escuro da sala-de-jantar. Achevou-se para consolá-lo, mas não suportou o grasnar indignado do marido e do genro. Os homens condenavam superiores a incivilidade política do coronelismo. Falavam de jagunços como se estivessem se referindo a outra raça, a outra espécie animal, como se o que acontecera não lhes dissesse mais respeito do qualquer outro fenômeno natural ocorrido em qualquer galáxia distante. Não suportou o tom afável das ponderações masculinas e retirou-se para a cozinha apesar do ar tristonho do neto.

Na copa, uma das meninas ligara o rádio e outra comentava a nova canção de Dorival Caymi. A vida voltava ao seu velho e estúpido leito e Dona Filomena se indignou e, pela primeira vez em sua longa vida de renúncias, resolveu dar vazão a sua ira.

- À merda, todos vocês.
- O que, mãe? Sônia abaixe o rádio, não escuto mamãe.
- Vou passear com Duquinha, assistir ao pôr do sol.
- Aonde a senhora vai, mamãe?
- Não é da conta de vocês, não é da conta de ninguém aonde vou ou aonde não vou e...
- Ih!

Dona Filomena saiu pisando duro. Na sala deteve-se diante de Pinduca e o mirou com ternura.

O menino mostrou-lhe o calidoscópio estropiado pelos cavalheiros da marcha sinistra e avó compreendeu tudo, entendeu toda a infinita tristeza do neto e conversou com ele em uma voz que Pinduca nunca ouvira:

- Duquinha, Duca do meu coração, você sabia que às vezes a vida se transforma em um imenso caleidoscópio. Venha, vamos entrar nela, nele, ainda que seja apenas durante alguns instantes, vamos passear dentro de um tubo ainda mais colorido e mágico do que o seu o era. Venha, vou lhe mostrar uma das coisas mais maravilhosas do mundo.

Tomando a mão do netinho, Dona Filomena já saía quando o marido a interpelou:

- Filó... aonde você vai a essa hora, e com o Duca? E a janta?

Dona Filomena parou, esquecera-se da obrigação de preparar a bóia. Quase cinco horas da tarde, horário de beira de fogão, requeimar o que sobrara do almoço, acrescentar uma mistura, variações criativas sobre o mesmo tema. Mas não, não, aquele povo bem merecia um castigo. Castigo, punição. Ficariam sem janta, sem. E não respondeu a interpelação do marido. Ao contrário, saiu para a rua e prometeu ao neto:

- O poente é um caleidoscópio colorido, somente precisamos entrar dentro dele. Subir, subir, subir até o morro do Dionísio, aquele todo plantado com milho, milho verde em setembro, quem diria, e teremos o milagre mais lindo do mundo. Vamos filho, vamos ver o sol morrer colorido lá no fim do céu.

Quando mergulhavam na obscuridade iluminada em cores a avó ainda aconselhou o neto, meu filho se mude, um dia, dessa maldita cidade, o povo daqui ou é malvado, ou é medroso, e, em tom bem mais baixo, para que o menino não a escutasse, pois que não pretendia chocá-lo, ou tampouco conformá-lo cínico, assim, sussurrando, cuspiu o que a incomodava e será, meu filho, será que não seria assim, igual, semelhante, parecido, em todo o resto desse bendito mundo dos homens e em qualquer lugar, qualquer, não haveria também crueldade, muita crueldade!
